DORIS STOKES

UMA MULTIDÃO DE VOZES

Tradução: Amadeu António

UMA MULTIDÃO DE VOZES

Doris Stokes

Doris Stokes é uma clarividente celebrada que confundiu os céticos com a precisão inquietante das suas leituras. Na Austrália, encheu a Sydney Opera House e foi rodeada nas ruas. Na América, «Charlie's Angels» foi removido de um horário nobre na televisão para dar lugar a ela. Neste país, as suas aparições em programas de rádio com chamadas telefónicas causaram uma avalanche de correio. No seu primeiro livro, VOZES NO MEU OUVIDO, Doris contou como descobriu em si mesma este dom extraordinário e como o partilhou com o mundo. Em MAIS VOZES NO MEU OUVIDO continuou a sua história e em VOZES INOCENTES NO MEU OUVIDO contou a história dos seus «filhos espíritos». Ela vive em Londres com o marido John e o filho Terry.

Direitos de autor © Doris Fisher Stokes 1984 Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 1984 pela Futura Publications, uma Divisão da Macdonald & Co (Publishers) Ltd Londres & Sydney Reimpresso em 1984 Todos os direitos reservados

CAPÍTULO UM

Parecia que alguém tinha desviado o Tamisa e o enviado pela Fulham Road. A chuva caía aos baldes e tudo estava inundado de água. Para piorar as coisas, estava atrasada para o trabalho e acabara de perder o autocarro. Mas todas as nuvens têm um forro de prata, mesmo as grandes nuvens negras que agora pairavam no céu, e ao longe vi um táxi a aproximar-se de mim com o sinal aceso. Fiz sinal para parar e entrei apressadamente para o banco de trás. «Belgrave Square, por favor, e pode apressar-se? Estou atrasada.»

Suspirei de alívio enquanto me recostava no assento. E então notei que o assento ao meu lado se afundava ligeiramente como se alguém se tivesse sentado ao meu lado. Percebi que alguém o tinha feito, embora ninguém mais conseguisse ver. Outro amigo espírito tinha aparecido para uma conversa. Receio que a minha primeira reação não tenha sido muito caritativa. Na verdade, murmurei: «Oh, raios, por favor deixa-me chegar ao trabalho primeiro!» Tinha sido uma manhã muito stressante. Estava preocupada com a saúde do meu marido John, ele é um veterano de

Arnhem e não andava muito bem ultimamente. O médico demorara horas a vir vê-lo e a esta hora já devia estar a dar uma demonstração de mediunidade na sede da Associação Espírita da Grã-Bretanha em Belgrave Square. Odeio chegar atrasada ou desapontar as pessoas, por isso sentia-me realmente agitada e não no melhor dos humores.

E no entanto, era óbvio que alguém, ou melhor, algum espírito, não estava preparado para esperar até eu chegar ao trabalho. «Quem és tu e o que queres?», perguntei. Uma voz no meu ouvido disse: «Diz ao Gerry que é o tio Jim.» «Quem raio é o Gerry?» A voz respondeu, de forma um pouco abrupta, pensei: «O taxista, claro!» Olhei para o condutor do táxi, que me tinha levado à letra sobre apressar-se. Andava a serpentear pelo trânsito como um piloto de corridas. Numa estrada molhada, ainda por cima. Estava aterrorizada.

O táxi balançava de um lado para o outro, mas respirei fundo, engoli em seco e depois bati na janela de separação entre nós. Ao princípio ignorou-me, por isso bati com mais força. Pensou que ia queixar-me da condução dele, mas relutantemente deslizou a divisória para trás. Disse: «Desculpe, mas o senhor é o Gerry?» Podia ver que não era o que ele esperava. E com uma voz mais do que um pouco surpreendida respondeu: «Sim! Como raio soube?» «Bem», pausei, lambendo os lábios. Agora era eu que não sabia o que esperar. «Tenho o tio Jim aqui comigo.» O resultado foi eletrizante.

O Gerry travou a fundo e o táxi derrapou até parar num chuveiro de água e um coro de buzinas irritadas de outros condutores. Mas o Gerry ignorou tudo. Virou-se e olhou para o assento aparentemente vazio ao meu lado. O tio Jim riu-se e disse: «Diz-lhe que tenho uma mensagem para a Elsie, ela é a minha mulher.» O Gerry não ouviu isto, claro. Ainda olhava fixamente para o assento. Depois disse com uma voz trémula com uma mistura de medo e confusão: «De que está a falar, senhora? Enterrámos o tio Jim na sexta-feira passada!» Continuei. «Ele pode ter passado para o outro lado, mas está connosco agora e tem uma mensagem para a Elsie.»

«É a viúva dele», guinchou o Gerry. «A mulher dele, na verdade, amor», disse eu. «Mas não vamos parar todo o trânsito de Londres. Continue a conduzir e eu descubro o que o tio Jim tem a dizer.» A viagem até Belgrave Square demorou o dobro do tempo que teria demorado se tivesse esperado pelo autocarro seguinte. O tio Jim, na verdade, não tinha muito a dizer. A viúva dele estava fora de si com o desgosto e ele apenas

queria tranquilizá-la de que não havia necessidade de se preocupar e dizer-lhe para não o prantear. Um dia reunir-se-iam no mundo espiritual. Mas embora a mensagem do tio Jim fosse breve, o Gerry tinha muito a dizer. Era o seu primeiro encontro com o mundo espiritual e queria saber tudo sobre ele.

Era óbvio que não lhe podia contar tanto numa viagem tão curta — passei a vida como espírita e ainda estou a aprender — mas pelo menos quando nos separámos ele não achava que eu era louca. Na verdade, o Gerry ficou tão grato que se recusou a aceitar a tarifa da viagem. Quanto a mim, foi bom saber que tinha ajudado, não só trazendo conforto a uma família enlutada, mas também abrindo os olhos de alguém a algo que considero tão natural como viver. Sei que a nossa pequena conversa teve algum efeito porque da vez seguinte em que dava uma demonstração na Associação Espírita da Grã-Bretanha olhei para o fundo da audiência e quase caí do palco de surpresa.

Porque não só o Gerry lá estava, como as duas filas de trás estavam ocupadas por grandes taxistas corpulentos, de braços cruzados, a ouvir atentamente e todos ainda com os crachás de licença nos colarinhos. Que visão reconfortante. Confirmou algo de que me tornei cada vez mais consciente desde a publicação do meu primeiro livro há quatro anos: que um número cada vez maior de pessoas quer compreender não só o que é a vida, mas o que há depois desta vida. Foi por esta razão que decidi passar os doze meses seguintes a percorrer o país, visitando cidades de Newcastle e Manchester no norte, passando por Birmingham até Londres, Ipswich e Southampton no sul e atravessando até Bristol e Gloucester no oeste. Chamámos simplesmente a cada demonstração Uma Noite com Doris Stokes porque era isso que eram — só eu sentada num palco a atuar como uma central telefónica entre o mundo espiritual e os seus entes queridos aqui na terra.

As memórias dessa digressão são uma mistura de hilaridade e tristeza. O John e eu fizemos milhares de novos amigos de todos os estratos sociais. Eram todos tão diferentes, mas havia sempre um elo comum: todos queriam saber sobre a vida no outro plano. Alguns estavam desesperados para contactar parentes que tinham passado para o outro lado, tão desesperados, na verdade, que quase tinham perdido a vontade de viver. Alguns eram só curiosos. E havia muitos que estavam confusos ou simplesmente zangados por um ente querido lhes ter sido tirado em

circunstâncias por vezes abruptas e cruéis. Todas estas emoções compreendo-as demasiado bem, como saberão os leitores dos meus livros anteriores. O meu próprio filho John Michael foi-me tirado quando tinha apenas cinco meses. Mas mesmo agora, quarenta anos depois, ainda sofro com acessos de tristeza quando o aniversário dele se aproxima. Ainda penso por vezes: «Meu Deus, se as coisas tivessem sido diferentes agora teria netos meus.» Mas a perda do John Michael ajudou-me de outras formas.

E permitiu-me ajudar outras pessoas. Incentivou-me a desenvolver um dom que tinha — mas não compreendia — desde criança. Experimentei várias religiões diferentes e descobri que a maioria delas não me oferecia qualquer paz de espírito verdadeira ou me dava qualquer razão para acreditar numa vida após a morte. Mas depois conheci uma médium que me mostrou que o meu filho não estava perdido para sempre. Foi-me dada prova de que ele estava vivo e bem e a ser cuidado pelo avô no mundo espiritual. E a minha vida mudou. Continuei a desenvolver os meus próprios dons e descobri que era uma médium natural. Olhando para trás ao longo dos anos, rezo para que tenha sido capaz de trazer a esperança e o conforto que recebi há tanto tempo a outros em situação semelhante.

Não há nada de realmente especial em ser médium. Todos possuem um terceiro olho, não algo que se possa ver realmente, mas outro sentido. Mas desenvolver este sentido é um pouco como tocar piano. Alguns de nós conseguem fazê-lo melhor do que outros. Mesmo assim, o dom da mediunidade não é garantia de que a vida corra sempre bem e não me ajuda a ver o futuro ou a realizar milagres. Como qualquer outro dom de Deus, é algo a ser usado com cuidado e para o bem dos outros. Nem sonharia em tentar usá-lo para fins egoístas. E estou absolutamente certa de que o mundo espiritual não mo permitiria.

Algumas pessoas pensam que é preciso ser especialmente inteligente para ser médium, mas dificilmente me chamaria a mim própria uma mente brilhante. Na verdade, há momentos em que penso que esqueceria a cabeça se não estivesse aparafusada no lugar. E há outras vezes em que tenho de rir das coisas estúpidas que o John e eu fizemos. Houve um ou dois momentos hilariantes na nossa digressão... como a vez em que estava marcada para aparecer nas Assembly Rooms em Derby. O jovem que organizara o local chamava-se André. Era sócio da empresa que organizara toda a digressão e era maravilhoso — muito simpático, muito educado e

atento a todas as nossas necessidades. Nada era demais e quase todo o tempo o André era altamente eficiente. Digo quase porque na manhã da nossa viagem para Derby um normalmente imperturbável André telefonou-me num pânico terrível. «Temos um problema terrível, Doris», disse ele. «Estraguei as minhas lentes de contacto e não consigo ver nada.»

O problema era que eram sete horas da manhã. O comboio partia às nove. O André não tinha nem um par de lentes sobresselentes, nem um par de óculos e não havia tempo para ele visitar o oculista. Teria havido, claro, se nos tivesse deixado a mim e ao John viajar para Derby sozinhos. Mas o André não quis ouvir falar disso. Insistiu absolutamente em acompanhar-nos caso nos perdêssemos. Mas como nenhum de nós tinha estado em Derby antes podem imaginar que era um pouco como o cego a guiar o cego. Conseguimos chegar ao comboio a tempo e encontrámos o André na barreira. Pelo menos conseguia ver o suficiente para encontrar o caminho para a estação!

A nossa carruagem estava quase vazia por isso desempacotei as sanduíches que tínhamos trazido e durante um piquenique o André explicou a catástrofe das suas lentes de contacto. «Pu-las numa panela de água a ferver para as esterilizar, Doris», disse ele. «Depois alguém me telefonou e estivemos à conversa durante horas. Na verdade, esqueci-me delas completamente. Quando me lembrei, tinham fervido até não restar nada!» Estava a tentar não rir, mas o André não se importou. Tinha sentido de humor e conseguia ver o lado engraçado da história — mesmo que não conseguisse ver mais nada! Quando chegámos à estação de Derby saímos aos tropeções do comboio juntos e dirigimo-nos à praça de táxis mais próxima. Não nos demos ao trabalho de perguntar o caminho para o hotel. O André disse que deixaríamos isso para o taxista.

Infelizmente não havia um táxi à vista, mas era uma manhã de outono luminosa por isso não me importei muito. Ou pelo menos não me importei nos primeiros minutos. Mas depois de um quarto de hora ainda não havia sinal de táxi e nós os três começávamos a parecer um pouco desolados. O André pestanejava cegamente enquanto eu batia os pés para me livrar das formigas. Eventualmente disse: «Olhem, podíamos ficar aqui para sempre. Vocês os dois vigiem a bagagem enquanto eu vou buscar ajuda.» Qualquer coisa para me livrar daquelas formigas. Os homens concordaram relutantemente, embora me tenha ocorrido que o André não seria de grande utilidade a vigiar a bagagem no estado em que estava no momento. Olhei

para cima e para baixo da rua mas ainda não havia táxi à vista. Nem mesmo um transeunte. Atrás de mim estava a estação e uma barreira de bilhetes mas também não havia sinal de vida ali. Olhei para o outro lado da estrada para um grande edifício.

Parecia quente e convidativo por isso caminhei na direção dele e, olhando mais de perto, vi uma placa que dizia The Midland Hotel. Não tinha andado mais do que uma dúzia de passos por isso chamei para trás para o André: «Qual é o nome do hotel onde vamos ficar?» «The Midland», respondeu ele. Comecei a tremer. E depois quase desabei de riso. Tanto para ser capaz de ver o futuro. Estava a ter dificuldade em ver o nosso hotel do outro lado da rua! Por isso podem ver que nós os médiuns somos apenas humanos como qualquer outra pessoa, e por vezes podemos ser duas vezes mais tolos. O mundo espiritual só ajuda em assuntos realmente importantes.

E mesmo assim só quando acha necessário. E faz sentido: não se pode ter outra dimensão a interferir constantemente com o nosso destino. O futuro é o que nós fazemos dele. Muitas pessoas perguntaram porque é que tantas das mensagens que transmito do mundo espiritual parecem tão simples. A resposta é igualmente simples. Estas mensagens vêm por vezes como um sinal, um guia, uma pista ou apenas uma simples prova de um ente querido que passou para o outro lado de que há outra vida após a morte. Quando alguém passa para o outro lado não muda da noite para o dia. Não possui subitamente um supercérebro. São as mesmas pessoas que conhecíamos aqui na terra e ainda se preocupam com o mesmo tipo de coisas.

Mas fico contente que seja assim. Não gostaria de pensar que já não são as pessoas que conhecíamos. Em cada demonstração da digressão reservávamos tempo para uma sessão de perguntas e respostas que espero ter resolvido alguns mistérios sobre o mundo espiritual, mas haverá sempre céticos. Um incidente em Derby, por exemplo, tipificou a abordagem inicial de muitos jornalistas a Uma Noite com Doris Stokes. Simplesmente não conseguem acreditar que não haja uma armadilha.

Não tínhamos estado no Midland Hotel mais do que uns minutos — na verdade, o John e eu nem tínhamos começado a desfazer as malas — quando bateram à porta do André.

Era um repórter que pediu desculpa pela intrusão, mas o editor dele tinha-lhe dado uma missão especial.

Tinha sido instruído para seguir Doris Stokes desde o momento em que ela chegasse a Derby até subir ao palco nas Assembly Rooms. Era material mesmo à James Bond. O André perguntou-lhe exatamente o que procurava. E o jovem disse qualquer coisa, desde amigos plantados na audiência, informadores a percorrer a cidade em busca de informação e depois a telefoná-la, até espiões a escutar conversas no bar das Assembly Rooms. Até insinuou que as pessoas podiam ser tão dissimuladas ao ponto de me passarem bilhetes por baixo da porta do quarto do hotel.

O único telefonema que recebi mesmo naquele quarto de hotel, na verdade, veio do André, que perguntou o que devia fazer. Disse: «Trá-lo cá e deixa-o ficar connosco o tempo que quiser.»

Uns minutos depois, o repórter foi introduzido no nosso quarto e observei enquanto ele olhava em volta com curiosidade. Não sei se procurava microfones ou rádios escondidos, mas as únicas coisas em que tropeçou foram os sapatos que o John e eu tínhamos acabado de descalçar para descansar os nossos pobres pés. Mas fizemo-lo sentir o mais bem-vindo possível, embora o quarto parecesse um pouco apertado com todos nós lá dentro. Estava determinada a deixar este rapaz provar ao editor dele que Doris Stokes não tinha absolutamente nada a esconder, pelo menos no que dizia respeito a ser médium!

Antes de cada demonstração gosto de fazer uma pequena sesta para poder descansar o corpo e o cérebro completamente.

Depois abro a mente e sintonizo com quaisquer mensagens especiais ou realmente urgentes que possam estar a vir.

É possível estar em comunicação constante com o outro lado, mas tendo a bater o pé e dizer ao mundo espiritual: «Olhem, por favor deixem-me desligar agora porque simplesmente não sou fisicamente capaz de fazer isto vinte e quatro horas por dia. Sou humana e preciso de tempo como toda a gente para lavar a loiça, descascar as batatas, cuidar do meu marido, ir à lavandaria e fazer os mil e um outros trabalhos para manter corpo e alma juntos.»

Normalmente o mundo espiritual tenta respeitar os meus desejos, embora tenha aprendido que tenho de ser firme porque, tal como o resto de nós, pode ser muito insistente.

Quando sintonizo, a linha está sempre muito ocupada e é por isso que os fios por vezes se cruzam e algumas das mensagens ficam um pouco confusas. Mas neste dia particular em Derby uma mensagem veio alta e

clara. Era uma voz jovem, muito persistente e continuava a dizer-me que se chamava Nicky. Talvez o Nicky pensasse que eu não conseguiria sintonizar bem porque havia um repórter comigo e tivesse de fazer um esforço especial. Seja qual for a razão, veio alto e claro. Não só isso, tinha um acompanhamento musical.

Disse ao John: «Sabes, amor, tenho a certeza de que este Nicky morreu num circo. Continuo a ouvir música de feira.»

Estava a fazer uma chávena de chá quando ouvi a música e peguei numa colher de chá enquanto falava. Mas antes de a poder mergulhar na taça do açúcar, senti a minha mão a ser guiada para a mesa.

O meu estômago estava às voltas com a tensão e os joelhos pareciam gelatina. Fico sempre assim antes de uma demonstração, mas desta vez foi ainda pior enquanto a minha mão soletrava a palavra ASSASSINATO. Isto nunca tinha acontecido antes.

Abalou-me tanto que gritei em voz alta: «Vá lá, Nicky, isso não pode estar certo!» E depois suspirei de alívio quando ele voltou a mim dizendo: «Não, não. Entendeste mal. O meu nome é Nicholas Murden e quero dizer-te que o meu pai vem esta noite.»

Os nós no meu estômago desfizeram-se e senti a tensão a esvair-se. Suspirei de alívio.

Depois virei-me para o John e o repórter e disse: «Acho que vamos ter uma noite encantadora.»

E tivemos.

O pai do Nicholas apareceu mesmo e ficou encantado por ouvir do filho. Fazia exatamente um ano desde que o seu menino passara para o outro lado e o circo fazia parte da morada dele.

No artigo dele na semana seguinte, o repórter escreveu:

«Suspeito que Doris Stokes possa explicar o seu dom de comunicação tão bem como Van Gogh poderia ter detalhado a fórmula química das suas tintas.»

Não tenho bem a certeza do que queria dizer com isto, exceto que acho que finalmente aceitou que o mundo espiritual estava preparado para falar às pessoas de Derby através de mim.

E estavam felizes em fazê-lo sem a ajuda de truques.

O trabalho que faço e a forma como acontece podem ser resumidos em duas palavras: amor e harmonia. E sem esses dois ingredientes vitais nunca funciona.

Não posso trazer alguém do mundo espiritual em contacto com o plano terrestre a menos que haja algum tipo de ponte. Tem de haver um laço de afeto que os ligue a alguém aqui. Tive de rir quando um jornalista na Austrália me perguntou uma vez: «Doris, diz-me, como é ser capaz de ressuscitar os mortos?»

Respondi: «Não saberia, filho. Não consigo ressuscitar os mortos. Nem consigo levantar a nata de um pudim de arroz.»

Realmente não tem nada a ver com ressuscitar os mortos. É uma frase assustadora e não significa nada. Todos podemos falar com entes queridos que passaram, mas só se houver esse laço. E onde o amor e a harmonia não existem pode ser por vezes impossível comunicar qualquer mensagem realmente significativa. Isto foi algo que aprendi de forma muito dolorosa em Stoke-on-Trent.

No dia antes de o John e eu viajarmos para Stoke, o meu promotor recebeu um daqueles telefonemas da polícia a solicitar os meus serviços. De alguma forma, embora nunca fale deles eu própria, muitas vezes vazam através de repórteres criminais empreendedores. E este não foi exceção. Os jornais estavam cheios do facto de me terem pedido para ajudar em outra investigação de assassinato.

Desta vez o telefonema veio de detetives da equipa de homicídios em Leicestershire que investigavam a morte da pequena Caroline Hogg. A pobre menina tinha sido raptada de casa na Escócia e mais tarde encontrada estrangulada ao lado da A6 em Staffordshire.

Ajudei em vários inquéritos de assassinato no passado e estava mais do que disposta a ser chamada de novo, mas sempre achei uma experiência arrepiante.

Os detetives vieram ao nosso quarto de hotel pouco depois de chegarmos a Stoke e deram-me uma fotografia da menina. Tinha sido tirada uns meses antes. Era uma criança linda, risonha, com olhos dançantes e imediatamente senti que conseguia responder a ela.

Pela minha mente passou um flash de uma área de descanso, um bosque, um campo e uma via de acesso. Havia uma série de outras coisas também. E passavam diante de mim quase depressa demais para conseguir absorvê-las todas. Continuei a falar, a descrever o que via. E as palavras saíam aos tropeções enquanto descrevia em detalhe um lugar que nunca visitara mas sentia conhecer tão bem. Não era um sítio que quisesse ver de novo em circunstância alguma e, quando acabei de descrever o que vira,

perguntei ao detetive sénior: «Onde estive?» e mantemos a cadeira dele numa sala que foi nomeada em sua honra. Há outra sala dedicada ao amigo dele, Sir Oliver Lodge, um cientista famoso e antigo presidente.

Tantas pessoas interessantes foram membros e tornaram-se presidentes ou vice-presidentes da Associação. Algumas delas nasceram espíritas e outras, como o herói da Segunda Guerra Mundial, o marechal do ar Lord Dowding, à procura de prova da eternidade, viraram-se para o espiritismo nos anos posteriores. O Lord Dowding, como tantos outros, achava que o desperdício terrível de vidas durante a última guerra era tudo tão inútil, e sentia que todos aqueles jovens que conhecera não podiam desaparecer completamente sem deixar rasto, para nunca mais serem ouvidos. Ainda sentia a presença deles e eventualmente conseguiu contactar com muitos deles.

Pelo que disse, vão perceber que há realmente uma atmosfera linda no edifício da SAGB e o John e eu adoramos estar lá. Só lamento não poder trabalhar lá com a frequência que costumava. As minhas demonstrações estão limitadas a uma por mês, mas é mesmo simpático ver tantos rostos ansiosos e amigáveis quando chego. A sala maior do edifício não acomoda mais de 200 pessoas, o que é uma razão pela qual as demonstrações lá parecem tão mais pessoais, é como uma grande reunião familiar feliz. A atmosfera íntima certamente ajuda os contactos do outro lado a virem muito depressa. Mal me sento e as luzes azuis dançam por todo o lado. Se a luz for muito fraca ou tremeluzente sei que a alma não passou para o outro lado há muito tempo. Nas grandes salas onde dei demonstrações é por vezes difícil ver estas almas recém-passadas, mas na SAGB brilham como as joias preciosas que são.

Na verdade, o brilho delas pode ser quase ofuscante e certamente sabem exatamente onde querem estar.

CAPÍTULO DOIS

Alguns anos atrás, o John e eu decidimos que se íamos mesmo pôr os dons que Deus nos dera em ação teríamos de nos mudar para mais perto da sede. Não me refiro ao escritório do outro lado, refiro-me à Associação Espírita da Grã-Bretanha. Foi por isso que nos mudámos de armas e bagagens de Lancaster para Londres.

A sede da Associação, conhecida como SAGB, é uma linda casa do século XVII em Belgrave Square, Londres. Foi projetada por Sir Christopher Wren, mas não acho que quando projetou o número 33 de Belgrave Square ele alguma vez pensasse que um dia seria a casa da maior associação espírita do mundo.

A SAGB está aberta todos os dias da semana, incluindo sábado e domingo, e médiuns estão em residência constante. Não é preciso ser membro, pode-se simplesmente entrar, mas se se quiser uma consulta é melhor marcar com antecedência. Nem os animais são esquecidos e todas as segundas-feiras há uma sessão de cura para animais doentes.

Para nós médiuns é mesmo um sítio lindo para trabalhar: está impregnado de história e há uma sensação de paz no lugar, com a maioria das salas exatamente como eram no dia em que a casa foi construída. Uma das posses mais prezadas da SAGB é uma grande cadeira de braço elaboradamente esculpida que pertenceu a Sir Arthur Conan Doyle, que era um grande espírita.

Sir Arthur é um antigo presidente da Associação e mantemos a cadeira dele numa sala que foi nomeada em sua honra. Há outra sala dedicada ao amigo dele, Sir Oliver Lodge, um cientista famoso e antigo presidente.

Tantas pessoas interessantes foram membros e tornaram-se presidentes ou vice-presidentes da Associação. Algumas delas nasceram espíritas e outras, como o herói da Segunda Guerra Mundial, o marechal do ar Lord Dowding, à procura de prova da eternidade, viraram-se para o espiritismo nos anos posteriores. O Lord Dowding, como tantos outros, achava que o desperdício terrível de vidas durante a última guerra era tudo tão inútil, e sentia que todos aqueles jovens que conhecera não podiam desaparecer completamente sem deixar rasto, para nunca mais serem ouvidos. Ainda sentia a presença deles e eventualmente conseguiu contactar com muitos deles.

Pelo que disse, vão perceber que há realmente uma atmosfera linda no edifício da SAGB e o John e eu adoramos estar lá. Só lamento não poder trabalhar lá com a frequência que costumava. As minhas demonstrações estão limitadas a uma por mês, mas é mesmo simpático ver tantos rostos ansiosos e amigáveis quando chego. A sala maior do edifício não acomoda mais de 200 pessoas, o que é uma razão pela qual as demonstrações lá parecem tão mais pessoais, é como uma grande reunião familiar feliz.

A atmosfera íntima certamente ajuda os contactos do outro lado a virem muito depressa. Mal me sento e as luzes azuis dançam por todo o lado. Se a luz for muito fraca ou tremeluzente sei que a alma não passou para o outro lado há muito tempo. Nas grandes salas onde dei demonstrações é por vezes difícil ver estas almas recém-passadas, mas na SAGB brilham como as joias preciosas que são.

Na verdade, o brilho delas pode ser quase ofuscante e certamente sabem exatamente onde querem estar.

A Kate, que veio na reunião da SAGB na primavera passada, é um exemplo típico de como isto acontece.

Ocasionalmente o John leva o gravador dele para uma demonstração e depois podemos os dois desfrutar de ouvir todas as mensagens de novo em casa.

Felizmente quando a Kate veio, o John tinha levado a máquina dele e o seguinte é dessa fita. Vi uma luz a piscar alegremente diante dos meus olhos e depois uma voz jovem no meu ouvido disse: «Chamo-me Kate e quero estar com alguém seis filas atrás.»

Transmiti devidamente a mensagem e de uma cadeira na sexta fila um homem disse-me: «É a minha filha do lado espiritual!» Descobri mais tarde que era Robert Parker, o pai da Kate. O contacto continuou da seguinte forma:

Doris: «Ela passou para o outro lado muito depressa.»

Sr. Parker: «Sim, passou.»

Doris: «Ao trazê-la para perto de mim não sinto qualquer sensação de impacto, o que significa que ela também não sentiu nada. Foi instantâneo. Quem é o Jason?»

Sr. Parker: «O Jason era um dos namorados dela.»

Doris: «Sinto que fui atirada. Depois não há nada. A Kate diz-me que estava longe de casa e é isso que o incomoda. Diz que está incomodado

porque não estava lá para se despedir. Está a mandar o amor dela ao Chris. Quem é o Chris?»

Sr. Parker: «O irmão dela.»

Doris: «Também mencionou o Alan e o Dennis e manda o amor dela a eles também. Está também a falar de uma rapariga que acho que se chama Julie. Quem é a Julie?»

Sr. Parker: «A Julie é a rapariga que morreu com ela.»

Doris: «A Kate também me diz que estive onde ela estava. Estou a passar pela mente e digo Melbourne, Sydney, Adelaide, Perth, Darwin e ela riu-se e disse: "É isso!"

Ela também diz que estava algures no alto quando isto aconteceu. É a primeira vez que ela vem e diz: "Esforcei-me tanto, queria tanto contactar a minha família e estou tão contente por finalmente ter conseguido."»

Nesse ponto o contacto com a Kate desvaneceu. Como acontece tantas vezes na SAGB, muitas outras almas também tentavam dizer algo, e para fazer sentido das mensagens delas enquanto caíam grossas e rápidas no meu ouvido tive de limpar a vibração da Kate. Por mais curto que tenha sido a visita da Kate, fico contente por ela ter conseguido passar uma mensagem ao pai. Os nossos amigos espíritos estão tão ansiosos por fazer contacto como nós por ouvi-los. É triste que simplesmente não haja tempo para falar com todos eles e os espíritos devem ficar tão desapontados e frustrados como nós. Mas animou-me imenso receber a carta seguinte uma semana após a demonstração da SAGB.

Isleworth,

Middlesex.

Querida Doris, Para minha grande alegria, reuniu a minha filha Kate e a mim na sua sessão da tarde em Belgrave Square. Verá pelo recorte de jornal em anexo que tinha absolutamente razão. As mensagens para Alan e Dennis que nomeou eram os amigos mais próximos dela na universidade em Bath e outra jovem inglesa — como disse — passou para o outro lado ao mesmo tempo. Espero que não ache isto uma impertinência, mas quando estive em Belgrave Square, notei o seu marido sentado debaixo do retrato de Sir Oliver Lodge. Inconscientemente, assumiu a mesma posição, queixo apoiado na mão e, à parte a barba, a semelhança entre eles é inquietante. São quase sósias. Posso sugerir que o faça sentar-se debaixo do retrato da próxima vez que estiverem lá juntos e veja por si mesma! Mais uma vez, os

meus profundos agradecimentos pelas suas mensagens reconfortantes da querida Kate.

Com os melhores cumprimentos, Robert Parker.

O recorte de jornal que o senhor Parker anexou tinha uma fotografia de uma bela jovem e a história começava: «Uma bela rapariga local foi morta num acidente de estrada na Austrália. «Kathryn Parker morreu quando o carro em que era passageira no banco da frente rebentou um pneu e embateu numa árvore perto de Darwin, Austrália. Outra rapariga foi morta no acidente e duas outras ficaram feridas...»

O senhor Parker também anexou uma fotografia separada de Kate para eu colocar no meu Canto das Crianças, o que fiz, e acrescentou uma nota de rodapé à carta que diz: «Juntei-me a uma igreja espírita local e encontrei grande paz. Nunca conheci um grupo mais equilibrado e pacífico do que os companheiros espíritas e agora pergunto-me qual pode ser a minha própria contribuição para retribuir alguma da paz de espírito que descobri.»

Foi no mês depois de Kate ter vindo e mais uma vez estava a deixar a SAGB após uma demonstração e agarrava um enorme ramo de flores. Tinham sido deixadas anonimamente para mim no palco e pareciam mesmo lindas. Estava prestes a entrar num táxi quando ouvi alguém dizer: «Espero que goste das flores, senhora Stokes.»

Virei-me e vi um jovem de rosto triste e pelos olhos dele pude dizer imediatamente que sofrera uma perda tremenda com a qual ainda não se reconciliara. «São mesmo algumas das flores mais bonitas que vi há muito tempo», respondi. «Foi o senhor que as enviou?»

«Sim, e há outra coisa que gostaria que soubesse. Estivemos na sua demonstração esta tarde e trouxe a nossa filha. Ficámos tão chocados e atordoados que não conseguíamos falar, foi como se estivéssemos paralisados, simplesmente não conseguíamos dizer as palavras.»

Estava prestes a perguntar quem era o «nós» quando atrás dele vi uma jovem magra que, se possível, parecia ainda mais angustiada do que o marido. Tinha simplesmente de os ajudar se pudesse.

Estava a caminho de casa para o nosso filho Terry que não andava nada bem, na verdade tivera um acidente bastante feio apenas dois dias antes e naturalmente estava ansiosa por ele. Mas ali estavam duas almas desesperadas a viver diariamente em miséria e tormento e dei por mim a

dizer: «Olhem, amores, tenho de ir para casa ver o meu filho e embora não possa prometer nada, tentarei ligar-vos o mais depressa possível.»

Foi no dia seguinte que lhes telefonei e foi assim que três dias depois Michael Welling e a mulher Mary vieram sentar-se na nossa sala de estar. Não hesitaram nem um segundo quando lhes disse que conseguia arranjar uma sessão de cerca de meia hora. E era igualmente óbvio que o objeto do desgosto deles não conseguia esperar muito mais para se reunir com Michael e Mary também.

Mal se sentaram e uma menina pequena, a imagem do pai, saltitou para a sala e correu diretamente para o lado dele. Era uma criança espírito, claro, mas isso não tirava nada ao sorriso radiante que deu à mamã e ao papá.

«A vossa filha está connosco agora», disse eu. Havia um olhar de espanto e até uma pitada de descrença nos rostos deles, mas estou habituada a isso e continuei independentemente. Agora estava curiosa para saber mais sobre esta linda criança pequena.

Perguntei à menina: «Qual é o teu nome, amor?»

«Michelle», disse ela.

Transmiti o nome e depois a descrença começou a desvanecer. Estava prestes a descrevê-la e a dizer como admirava o cabelo vermelho brilhante dela quando a Michelle interrompeu: «Não se atreva a dizer que tenho cabelo vermelho. E também não é ruivo. É loiro morango.»

Com isto a mãe dela ofegou e lágrimas brotaram nos olhos dela enquanto dizia: «Doris, isso é exatamente o que ela estava sempre a dizer. Por favor, diga-nos, ela está sozinha ou há alguém a cuidar dela?»

«O nome Anderson diz-vos alguma coisa?»

«Meu Deus! Sim, diz!»

«Peter Anderson?»

«Doris, é o meu pai!» E com isso Mary Welling dissolveu-se em lágrimas de alegria.

Queria saber como a Michelle, que tomava por ter cerca de oito ou nove anos, passara para o outro lado. O avô espírito dela explicou: «É muito perturbador, Doris. Mando a minha netinha embora por um bocado e depois conto-lhe.»

E fê-lo. Tinha sido apenas cerca de três meses antes. A Michelle estava a ser tratada com uma noite no cinema local com os pais. Normalmente teria ido ao ginásio com alguns dos amigos dela, mas uma

noite no cinema era uma ideia infinitamente melhor. Excitadamente saltitara para os amigos para lhes dizer que não iria com eles.

Infelizmente decidira tomar um atalho que significava trepar por cima de algumas grades de ferro com picos. A Michelle escorregou e um daqueles picos viciosos atravessou-lhe o coração.

«Acredite, Doris», disse o avô dela, «ela não sentiu nada. Estava com ela quando passou para o outro lado e a única recordação dela foi de cair. Foi um choque encontrar-se do outro lado, mas estou a cuidar dela. Diga ao Mike e à Mary que ela está em boas mãos. E sabe, a câmara planeava remover aquelas malditas grades no dia seguinte ao acidente.»

Nesse ponto a Michelle veio saltitando de volta para a sala e mais uma vez correu para o papá e ajoelhou-se ao lado dele. Era uma criança tão bonita e embora agora não houvesse sinais da lesão terrível que a levara para o outro lado era difícil compreender nesse momento preciso porque é que Deus alguma vez permitira que acontecesse. Mas depois olhei para os rostos dos pais dela, tinham sido transformados em expressões de pura alegria. O espanto e os olhares assombrados tinham desaparecido completamente e soube que agora não haveria mais períodos de desolação absoluta. Sabiam que a pequena Michelle deles não se fora completamente. Estava ali connosco agora e estaria sempre perto daqueles que amava tanto aqui na terra.

Foi nesse ponto que a Michelle saltou de novo para os pés e virou-se para mim. Acenou e disse: «Adeus, tia Doris, obrigada por falar comigo e agora a mamã e o papá sabem que os amarei sempre, não sabem.»

E com isso foi-se embora mas sei que voltará e o Michael e a Mary também sabem.

Foi após esta sessão que a Mary na verdade descreveu a versão dela dos eventos.

«Na noite antes de irmos à SAGB o meu marido olhou para a fotografia que guardámos da nossa filha e disse: “Michelle, se não conseguir falar com Doris Stokes, simplesmente não sei o que farei.” Estava tão determinado, ou talvez preocupado fosse uma palavra melhor.

«Visitámos bastantes médiuns mas ninguém fora capaz de nos ajudar a superar o nosso desgosto ou mesmo fornecer-nos prova de que a Michelle viera, ou queria contactar-nos.

«Sempre acreditei na vida após a morte. Sei que há um lugar para todos nós quando deixamos esta terra, mas nunca me envolvera no

espiritismo. Não é o tipo de coisa que alguma vez me interessasse. Não é o tipo de coisa que muitas pessoas pensariam ou a que se virariam, até serem atingidas por uma tragédia como nós fomos.

«Quando a primeira mensagem veio da Michelle na SAGB ficámos demasiado atordoados para fazer algo a respeito. A Doris disse que ela queria contactar um taxista na audiência. É o trabalho do Michael. Mas alguém saltou para os pés. Ele era condutor e também estava convencido de que a mensagem era para ele. Tornou-se muito confuso e mais tarde a Doris disse que também percebeu que era a Michelle a tentar vir ter connosco.

«Nunca pensei nem por um momento que conseguiríamos uma sessão privada e quanto ao que aconteceu, é algo que nunca esquecerei. A Doris foi tão precisa em tudo o que nos disse.

«Fiquei convencida desde o momento em que descreveu o cabelo da Michelle. Tanto o Michael como eu somos morenos. A Michelle saiu ao avô. Era uma verdadeira ruiva mas insistia em chamar-se loira morango. Foi inquietante como a Doris captou isto imediatamente. Na verdade, ao princípio achei assustador, mas depois percebi que era só a nossa filha a falar connosco. E quem poderia ter medo da própria filha? Nunca mais terei medo e saber que a Michelle está à nossa volta o tempo todo é reconfortante e tranquilizador para nós.

«Aquela sessão mudou tudo para nós. Sempre que me sinto um pouco deprimida ou perturbada agora lembro-me simplesmente de que a Michelle está aqui. Sei que nunca está muito longe e na verdade sinto a presença dela e sei que não é só imaginação minha. Às vezes até faz brincadeiras só para nos fazer saber que está connosco. Apenas uns dias após a nossa sessão, estava a aspirar o tapete quando a máquina parou subitamente. Fui ver se tinha acidentalmente puxado a ficha, mas a máquina fora desligada na tomada, estava sozinha em casa e as fichas não se desligam sozinhas. Sei quem o fez. Era o tipo de partida que a Michelle costumava fazer antes daquele acidente. Era a maneira dela de nos fazer saber que ainda estava perto de nós — e a fazer das dela!»

CAPÍTULO TRÊS

Nunca na minha vida pensei ver o interior de Broadmoor e no entanto ali estávamos calmamente a beber chá e a comer bolachas de chocolate com um dos assassinos de gangues mais notórios do país.

A visita foi o resultado de um telefonema para o nosso apartamento em Fulham numa manhã de setembro.

Acabara de entrar carregada com as compras da semana quando o telefone tocou.

«Atende isso, amor», gritei ao John enquanto lutava com sacos de plástico que estavam prestes a derramar o conteúdo pela porta e pela varanda. Vivemos no segundo andar e tive visões de latas de feijão a cair 12 metros sobre a cabeça de alguém.

«É para ti, Doris. Algo a ver com os Gémeos Kray.»

O comentário quase garantia que eu largasse todos os sacos e chovesse latas de comida sobre todo o infeliz transeunte num raio de meio quilómetro.

De alguma forma consegui pousar as compras antes de me atirar ao auscultador. Os Gémeos Kray? Como toda a gente em Londres ouvira falar deles. Tinham sido presos quinze anos antes por um par de assassínios particularmente desagradáveis, e histórias aterrorizantes de tudo o mais que supostamente tinham feito enquanto geriam um império de gangues ainda abundavam. Mas o que raio tinha tudo isto a ver comigo, perguntei-me? Soando muito mais confiante do que me sentia, disse: «Doris Stokes ao telefone. Posso ajudar?»

A voz do outro lado da linha era amigável. Havia uma pitada de sotaque do East End mas não soava vilanesco.

«Desculpe incomodá-la, senhora Stokes, mas tenho uma mensagem de Ronnie Kray. Quer saber se o visitará.»

Dei um passo atrás, e quase caí sobre as compras. Um saco tombou, uma lata rolava pela porta mas consegui prendê-la com o pé, conseguindo ao mesmo tempo quase largar o auscultador.

A voz perguntou: «Está aí, senhora Stokes? Ouviu o que disse?»

«Sim. Espere», disse eu, executando contorções que nunca pensei possíveis. Chutei a lata de volta para o hall, empurrei a porta da frente para fechar e observei enquanto o resto das compras se espalhava aos meus pés.

«Agora diga-me, onde está este senhor Kray e porque quer ver-me?» Estava orgulhosa de a minha voz não dar qualquer indício do drama que se desenrolava no nosso hall.

A voz do outro lado do telefone, soando igualmente calma, respondeu: «Está em Broadmoor e gostaria de ver se consegue falar com a mãe dele.»

Era um dos pedidos mais estranhos que alguma vez recebera, mas não hesitei em responder: «Sim, claro, verei-o. Quando gostaria que eu fosse?»

A voz disse: «Quarta-feira que vem. Enviamos uma limusina para si. Estará aí às 13 horas em ponto.» E foi assim que na semana seguinte o John e eu nos encontrámos sentados no banco de trás de um enorme carro com motorista a acelerar pela M4 através de Berkshire.

A «voz», de Laurie O'Leary, também estava connosco. Revelou-se um homem muito honesto, bem-educado, que conhecera os gémeos na escola. Tinham seguido caminhos separados e o Laurie entrara na gestão de espetáculos. Após a prisão dos Gémeos Kray tornara-se visitante regular tanto do Ronnie como do irmão Reggie que estava em Parkhurst, a prisão de máxima segurança na Ilha de Wight.

O Ronnie lera um dos meus livros. Agora queria saber mais sobre o espiritismo. Queria ser convencido de que havia uma vida após passarmos para o outro lado. E queria que eu lhe desse essa prova. Não hesitei em aceitar o convite porque, quaisquer coisas terríveis que os Gémeos Kray tivessem feito, agora estavam a ser justamente punidos pela sociedade e tornara-me visitante regular tanto do Ronnie como do irmão Reggie que estava em Parkhurst, a prisão de máxima segurança na Ilha de Wight. Acredito que é errado privar tais pessoas de qualquer esperança.

O próprio Broadmoor é um lugar intimidante, com enormes portas de aço de funcionamento elétrico que se fecham silenciosamente depois de passarmos por elas. Não há tilintar de correntes nem corredores com eco, mas, claro, estava-me a esquecer: é um hospital para doentes mentais e não uma prisão — mesmo que seja um dos edifícios mais vigiados da Grã-Bretanha.

O silêncio era inquietante e inesperado. Mas Ronnie Kray foi um choque ainda maior. Sentámo-nos durante cerca de cinco minutos numa pequena sala de receção sombria e suja enquanto verificavam as nossas credenciais. Depois entrámos na sala de visitas.

Havia seis mesas espalhadas por uma sala grande, bastante degradada, que me fez lembrar uma cantina de fábrica. Todas as mesas estavam

ocupadas por pessoas com roupa civil, o que tornava difícil distinguir visitantes de pacientes. Mas um homem estava sentado sozinho à mesa mais próxima da porta. Vestia um fato castanho impecavelmente confeccionado, camisa de seda branca, sapatos muito engraxados e um relógio de ouro que brilhava sob as luzes cruas. O cabelo escuro, já com grisalho nas têmporas, estava cortado com muito estilo. Pensei para comigo: «Se isto fosse uma cantina de fábrica, aquele seria o diretor-geral.»

Então ele levantou-se da cadeira, estendeu-me a mão e disse: «Doris, estou-lhe tão grato por ter vindo. Sou o Ron.»

Antes que eu tivesse tempo de responder, já ele estava ao meu lado, a puxar uma cadeira para trás e a fazer-me sentar. Bateu os dedos em direção a um jovem de casaco branco e disse: «Traga uma seleção de bolachas. Ou prefere uma empada de carne quente, Doris? Chá? Café? Um cigarro?»

Era quase demais. Ficámos com chá e bolachas e, quase imediatamente, uma voz disse-me: «Ainda bem que ele não se deixou andar. Eduquei os meus rapazes para serem limpos e arranjados.»

Foi um dos contactos mais rápidos que já fiz. A Sra. Violet Kray estava obviamente ansiosa por ajudar o filho e eu disse: «Ron, a tua mãe também está aqui connosco.»

A princípio ele não registou. Como a maioria das pessoas quando as encontro pela primeira vez, Ron esperava que eu entrasse em transe, falasse com uma voz esquisita ou, pelo menos, fizesse alguns ruídos fantasmagóricos.

Para provar que a mãe estava ali, acrescentei: «Ela diz que conheceu uma pessoa chamada George. Costumavam ter juntos uma banca no mercado.»

Ron Kray, o assassino do submundo, começou a tremer. Sussurrou: «É verdade, tinham.»

Depois Violet começou a falar sem parar, dizendo: «O pai só deixou 500 libras, sabias?» Eu repeti em voz alta e Ron quase caiu da cadeira.

«É verdade, absolutamente verdade, o valor exato.»

Tinha lágrimas nos olhos. Agarrou-me o braço e disse: «É esta a prova de que precisava.»

Mas havia mais: «Eu sei que não era muito, mas não precisava de dinheiro. Os rapazes sempre trataram de nós.» Isso era o Sr. Kray pai.

Depois foi novamente a vez de Violet. Deu-me o nome da enfermaria do hospital onde morreu e falou-me em pormenor dos dois anéis que

deixara ao filho mais velho, Charlie. Disse que agora queria que os gémeos usassem um cada um, numa corrente ao pescoço.

Tudo acontecia muito depressa e, embora as vozes no meu ouvido fossem altas e claras, eu falava pouco mais que num sussurro. Estava completamente alheia ao que se passava à nossa volta.

Violet estava agora em plena forma. «Passei para o outro lado pouco antes do nosso aniversário de casamento. Nunca me conformei com a perda dos gémeos. Fiz boa cara mas nunca me conformei com a perda deles. Tive o coração partido, culpei-me pelo que aconteceu e só perguntava a mim mesma onde é que tinha falhado.»

Depois insistiu que eu falasse diretamente ao Ron e lhe dissesse: «Fico feliz por nunca teres tentado passar para este lado, podias ter feito mas não fizeste. Mantenha a cabeça erguida e um dia hás de voltar a encontrar-te com o Reggie no plano terreno. Estás a pagar pelos teus crimes e a fazê-lo de uma maneira que me enche de orgulho.»

A essa altura as lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo, mas transformaram-se em lágrimas de riso quando Violet acrescentou: «Fiquei um bocadinho chateada com os meus dentes. Lembras-te? Tinha comprado uns novos mesmo antes de passar para cá? Se soubesse o que ia acontecer, tinha poupado o raio do dinheiro!»

A voz desvaneceu-se. Foi uma saída de cena perfeita para uma mulher que conhecera uma quantidade terrível de desgostos nesta vida e que, apesar disso, os enfrentara com bom humor e alegria.

Depois foi a vez de Ron abrir o coração. Continuámos a conversar durante quase mais uma hora. «Não me queixo da minha sentença nem peço redução», disse ele. «Não finjo que hoje em dia sou um anjo, estou a voltar-me para Deus. E isso está a acontecer apesar dos "bonzinhos", não por causa deles.»

«Estou-lhe grato, Doris, porque veio ver-me hoje e não me pregou sermões nem uma vez.»

Ron fez uma pausa e tirou um bocadinho de cinza de cigarro daquele fato imaculado.

Comentei: «Com esse fato parece um executivo.»

Ele sorriu e respondeu: «Temos de manter a autoestima. É a única coisa que nos faz continuar. Ou pelo menos era, até hoje.»

Senti que era altura de me ir embora. Os outros reclusos tinham mantido uma distância respeitosa, mas quando nos levantámos o jovem de casaco branco que servira o chá aproximou-se.

«A senhora é a Doris Stokes, não é?», disse ele. «Fui vê-la ao palco quando era pequenino. A minha mãe nunca vai acreditar que a conheci. Espere até eu lhe contar.»

Parecia tão fresco, o rosto ainda não estava marcado pelos cuidados do mundo. Que raio fazia ele num lugar daqueles, perguntei-me.

Ron Kray deve ter percebido o que eu estava a pensar, porque assim que o rapaz se afastou disse em voz baixa: «Não parece o tipo de quem mata, pois não? Mas é. Está cá a cumprir prisão perpétua.»

Depois entregou-me uma caixa com os lenços de renda mais doces e delicados que já vi, beijou-me levemente na face e disse baixinho: «Por favor, por favor, venha ver-me outra vez um dia.»

Saí por aquelas enormes portas de aço de alta segurança e entrei na luz do sol de outono. Inspirei profundamente o ar. Fora uma experiência esmagadora.

Onde é que estamos a falhar quando jovens de cara lavada, condenados pelos crimes mais terríveis, estão num lugar daqueles?

A limusina estava à espera. O motorista abriu-me a porta. E ali, no banco de trás, estava um lindo ramo de rosas vermelhas com um bilhete preso:

«Do teu amigo, Ron. Obrigado, obrigado.»

Entrei, peguei no ramo e recostei-me na luxuosa estofagem. Senti-me comovida até às lágrimas.

Como é que ele conseguira arranjar aqueles lindos lenços e as flores em Broadmoor, nunca saberei, embora pareça que, por ser um hospital e não uma prisão, os reclusos têm certos privilégios. Mas fiquei verdadeiramente tocada. Fosse o que fosse que ele tivesse feito — e está a cumprir uma pena mínima recomendada de vinte e cinco anos de prisão —, eu vira outro lado, mais suave, do infame Ronnie Kray.

Pensei na nossa conversa. Juntamente com a sessão, durara quase duas horas. Em nenhum momento Ron tentara branquear o passado. Dissera-me: «Fiz o que fiz e agora estou a pagar o preço. Não me queixo.»

O mais próximo que chegou de uma qualquer desculpa foi dizer: «Pessoas inocentes nunca se magoaram. Só nos metíamos com outros bandidos.» Claro que isso não era desculpa nenhuma, mas pelos seus gestos

e pelos presentes tão pensados, provara-me que continuava a ser um ser humano capaz de sentir. Se mais não fosse, gosto de pensar que o nosso encontro lhe trouxera algum tipo de esperança e fé com que enfrentar os longos anos que ainda tem pela frente atrás daqueles muros.

Já era escuro quando chegámos a Fulham. As luzes do nosso prédio de apartamentos cintilavam, quentes e acolhedoras. Mal metemos a chave à porta, o telefone começou a tocar. Era a minha amiga Nancy, da mesma rua.

«Onde estiveste, Doris? Tenho estado a tentar ligar-te toda a tarde», disse ela.

Estava cansada da viagem e, sem pensar, respondi: «Não foi nada de especial, Nancy, só Broadmoor.»

Houve uma pausa do outro lado da linha e depois Nancy disse: «Ora, imagina tu!»

«Pois, Nancy, imagina», disse eu. «Mas agora tenho de desligar. Estou a morrer por uma chávena de chá, querida.» Não queria falar. Havia tantas coisas que eu não compreendia. Achei que era altura de me sentar e refletir sobre as impressões do dia: Ronnie, a mãe dele, o rosto ansioso e quase infantil do jovem assassino. O mundo crepuscular dos gangsters e dos assassinos era-me completamente alheio e, no entanto, conseguia sentir-me tocada pela generosidade de Ronnie Kray. Tirei os sapatos e fui para a cozinha pôr a chaleira ao lume.

Todas as noites, antes de me deitar, medito e, na maior parte das vezes, Ramonov, o meu guia espiritual, está lá para me oferecer ajuda e conselho. Esta noite não foi exceção. Deitada sozinha no sofá, a voz dele e a sua clara sabedoria chegaram até mim: «Estás preocupada com algo que não te diz respeito. Fizeste bem em ir visitá-lo, mas nunca deves tentar julgar.»

CAPÍTULO QUATRO

O grupo de punks que estava na fila da bilheteira do Odeon Theatre em Birmingham era suficiente para assustar qualquer um. Cabelos com as cores do arco-íris, correntes penduradas, couro preto e alfinetes de dama por todo o lado menos onde deviam estar — que, na minha opinião, é na fralda de um bebé.

O jornal local acabara de anunciar que o cantor Boy George ia atuar no Odeon e instalara-se o pandemónio. Toda a gente queria bilhetes. Eu devia atuar no mesmo teatro uma semana depois e foi um amigo meu, Ed Doolan da BBC, que me contou a história.

A namorada dele estava na fila atrás daqueles punks, à espera de ir buscar dois bilhetes que eu deixara para a minha sessão. Nunca tendo visto personagens daqueles tão de perto, ficou fascinada e mais do que um bocadinho apreensiva. «Não era tanto por serem agressivos», explicou ela depois, «mas com aqueles penteados de pontas e todas aquelas correntes, pareciam aterrorizadores.»

Mas o maior choque veio quando finalmente conseguiram abrir caminho até ao balcão e disseram à rapariga: «Sete bilhetes para a Doris Stokes, se faz favor.»

Há um ano eu talvez tivesse ficado igualmente surpreendida. Mas logo no início da tournée comecei a reparar no número crescente de jovens na plateia onde quer que fosse. Não estavam apenas sentados em silêncio. E também não tinham vindo para troçar. Queriam genuinamente saber o que nos espera a todos.

É uma tendência que me traz sempre uma nova alegria. Com o desemprego, a criminalidade e o abuso de drogas, às vezes penso que o mundo está num estado terrível, mas se estes jovens estão dispostos a vir ouvir uma reformada, e se há a possibilidade de eu lhes oferecer uma melhor noção do futuro, então sinto que o que faço vale a pena.

E tem valido, cada minuto. Adoro trabalhar com estes jovens. Não há nada como isso para manter o corpo e a mente alerta.

Houve momentos, porém, devo confessar, em que fiquei sem palavras durante um ou dois minutos com o que eles disseram. Aconteceu pela primeira vez quando atuava no Corn Exchange em Ipswich.

A primeira parte da noite correra extremamente bem. Tivera a sorte de conseguir pôr um casal em contacto com o filho que morrera tragicamente

num acidente de mota e de alegrar a vida de outra jovem ao transmitir-lhe mensagens do pai. Ela não estava totalmente convencida — até eu lhe dizer exatamente quanto dinheiro o pai guardava na caixa de charutos!

Havia 900 pessoas no Corn Exchange, completamente cheio, e toda a gente queria contactar alguém. Ou então queriam fazer uma pergunta. O mais difícil nestas demonstrações é que simplesmente não é possível ajudar toda a gente. Se foste uma das pessoas que ficou desapontada nesta tournée, espero que compreendas. Mas o objetivo não era contactar entes queridos individuais. Era demonstrar, através do contacto, que há vida depois de passarmos para o outro lado.

A segunda parte do programa abre sempre com uma sessão de perguntas e respostas onde tento responder a questões gerais relacionadas com as minhas crenças. Saí para o palco e deparei com uma fila de pessoas de pé à minha frente. E nenhuma delas teria mais de vinte e um anos. Parecia mais um desfile de moda do que uma noite com Doris Stokes! Mas eu estava encantada.

A primeira jovem avançou, olhou-me diretamente nos olhos e disse: «Doris, há relações sexuais na outra vida?»

«Claro que sim, minha querida, vais ver toda a tua família», respondi eu.

Ela deu uma risadinha e disse: «Não, não é essa relações que eu quero dizer. Quero dizer sexo. Porque se não houver, acho que não quero lá ir!»

Ora, como é que se responde a isto! O resto da plateia desatou a rir às gargalhadas. E aplaudiram ainda mais alto quando eu disse: «Não tenho a certeza, querida. Já passei da fase em que faço esse tipo de perguntas, mas tudo o que peço a Deus é que só passes para o outro lado quando fores demasiado velha para te preocupares com isso!»

Era uma rapariga encantadora e, na verdade, muito séria na sua pergunta. Não havia nada de obsceno, apenas uma curiosidade genuína e honesta. E foi preciso coragem para se levantar à frente de quase mil pessoas e perguntar o que muitas outras pessoas deviam estar a pensar.

A resposta simples, na minha opinião, é que não há «sexo» como o conhecemos aqui no plano terreno, mas há uma quantidade tremenda de amor, tanto que não sentimos necessidade desses prazeres terrenos.

Numa outra ocasião, uma senhora perguntou-me: «O que vai acontecer comigo, Doris? Fui a segunda mulher do meu marido. Ele era

viúvo e agora está lá em cima. Está com ela e, quando eu passar para o outro lado, qual de nós é que ele vai escolher?»

É uma preocupação muito comum e a resposta é que no outro lado não há ciúmes. No mundo espiritual não há ciúmes, há uma vida de harmonia, portanto não há questão de escolher um parceiro ou outro. Se viveram uma vida rica e feliz juntos na Terra, isso continuará no mundo espiritual.

Outra pergunta que por vezes provoca muitas noites sem dormir, sobretudo entre pessoas mais jovens, é o que acontece quando um bebé regressa ao mundo espiritual antes de nascer. Os pais são alguma vez culpados pela sua morte?

Mesmo antes de o bebé ser concebido, o mundo espiritual já escolheu os pais e um guia para a nova criança. Por isso, se o mundo espiritual o reclama antes de ele chegar ao plano terreno, será cuidado, receberá um nome e crescerá como qualquer outra criança. E só conhecerá amor pelos seus verdadeiros pais, com quem acabará por se reunir.

O meu coração está com todos os pais que perderam um filho antes do nascimento, mas fiquem tranquilos: o mundo espiritual amará os vossos filhos tanto quanto vós os amaríeis.

Algumas das perguntas, embora igualmente importantes, estão noutro nível. Por exemplo: os animais também têm vida depois da morte?

Sem dúvida. Os animais são definitivamente psíquicos e há muitos casos de animais de estimação que voltam para dizer olá às famílias que deixaram. Portanto, há todas as hipóteses de voltarem a encontrar-se quando passarem para o outro lado.

Na verdade, eu sei que voltarei a encontrar-me com um animal de estimação maravilhoso que tivemos chamado Matey. Era uma gatinha tigrada muito carinhosa, mas também muito independente. E, numa ocasião memorável, deixou o veterinário da zona completamente pasmado.

Acabáramos de nos mudar para Londres e o apartamento estava um caos, com caixas de mudança meio vazias espalhadas pelo chão. Eu não sabia onde estava nada. Exceto a gata. E era impossível não dar pela Matey. Miava tão alto que se ouvia na rua seguinte. A princípio pensei que era só porque estava perturbada com a mudança. Mas quando os miados duraram mais de uma hora, percebi que tinha de ser algo sério.

Peguei nela ao colo e andei de um lado para o outro na sala, que parecia um campo de batalha. A cada dois passos partia um prato ou dobrava um garfo, mas de nada adiantava. A Matey continuava a miar.

Por fim, tive uma ideia genial. Porque não perguntar lá acima se alguém me podia dizer o que se passava com a Matey? Foi o que fiz. E a resposta veio de imediato: «Tem dores de dentes!» Liguei logo ao veterinário. O número estava à mão, como sempre. Aliás, entra no meu livro de telefones pessoal antes mesmo do médico. Tenho a certeza de que, ainda hoje, a pobre rapariga da receção deve pensar que estava num programa de câmara escondida. A conversa foi mais ou menos assim:

«Olá, é o veterinário?»

«Sim, quem fala, se faz favor?»

«Não me conhece, mas posso garantir-lhe que vem muito bem recomendado.»

«Qual é o problema?»

«É a gata. Tem dores de dentes.»

«Como sabe?»

«As pessoas do espírito disseram-me.»

Houve uma pausa e depois ela disparou: «Vou avisar o veterinário e ele vai aí o mais rápido possível.»

Em menos de uma hora bateram à porta e, distraidamente, gritei: «Entra, Peter.»

Era o veterinário. «Como raio sabia o meu nome?», perguntou ele. Depois o rosto dele ficou quase em pânico e acrescentou: «Quem lhe disse? Não foram as mesmas pessoas que diagnosticaram dores de dentes à gata?»

«Claro que sim», respondi eu. E, para aumentar o seu espanto, o diagnóstico das pessoas do espírito revelou-se absolutamente correto!

O John estava ocupado a meter os artigos de barba na mala de mão quando gritei para ele: «Qual tenda é que levo desta vez?»

«Vamos na verde, aquela que tem umas florzinhas instantâneas a crescer pelos lados», respondeu ele. «Mas despacha-te a decidir senão perdemos o comboio.»

As tendas é o nome carinhoso que o John dá aos vestidos largos e fluidos que uso no palco. Uso-os não por efeito, mas por conforto. Fica muito calor debaixo dos projetores e a prótese mamária que uso desde a mastectomia não facilita as coisas.

Estava no quarto a tentar enfiar a tenda, à força, numa mala já a rebentar pelas costuras, enquanto deixava recados para o Terry, o leiteiro, para a senhora que vem tentar manter-nos arrumados e para a Nancy, que fica de olho no apartamento. Entretanto o John tinha perdido outra vez os

botões de punho e o caos era geral, como sempre acontece quando estamos prestes a partir para um espetáculo.

Desta vez o destino era Leicester e eu estava ansiosa pela viagem porque não visitava a cidade desde que era jovem. De alguma forma consegui meter tudo na mala e, com o John a saltar em cima da tampa, até consegui fechá-la.

Sempre que fazia as malas nesta tournée, lembrava-me da confusão que era quando eu era pequena e nos preparávamos para a semana anual de férias em Mablethorpe ou Skegness.

Naqueles tempos as preparações começavam semanas antes e, nos dias anteriores à partida, tínhamos todos de usar a roupa mais velha enquanto a melhor era lavada, engomada e arejada para o grande dia.

Muitas vezes pergunto-me o que pensará a minha mãe, lá de cima, ao ver como é fácil fazer malas hoje em dia com todos estes tecidos que não amarrotam. Ela passava horas sem fim a tentar manter-nos limpos, mas valia a pena: tudo ficava lindo quando era bem engomado com tanto amor. A mãe corria-se toda atrás de toda a gente. Não era intelectual nem tinha outras habilitações exceto uma grande ambição: cuidar o melhor possível de todos os que a rodeavam. E conseguia alcançar essa ambição todos os dias da sua vida. Deus a abençoe.

Mas se hoje tivéssemos de fazer os mesmos preparativos para viajar, acho que o John e eu nunca sairíamos de Londres. Por isso suponho que cada época tem as suas compensações. O John e eu gostamos sempre de viajar leve, mas sou humana e gosto de estar o melhor possível quando subo ao palco. Também é importante que me sinta descontraída. Sou um bocado irrequieta mesmo nos melhores dias e, depois de ter sido operada várias vezes nos últimos anos, o meu pobre corpo velho dá-me problemas de vez em quando. Não suporto nada apertado ou que me aperte, e é por isso que aquelas tendas enormes que uso são ideais. Também ajudam a disfarçar uma silhueta que está um bocadinho mais assimétrica do que estava há uns anos! Ao mesmo tempo, fico feliz por dizer que o que resta de mim está mais ou menos inteiro e eu procuro tirar o melhor partido disso. E é exatamente isso que tento fazer.

Pode haver um cabelo ou dois fora do sítio de vez em quando, mas não sou de passar horas em frente ao espelho antes de subir ao palco. Aliás, se vamos passar a noite fora, procuro fazer o cabelo em Fulham antes de partir.

Se ficamos fora mais do que um par de dias, pode haver alguns problemas porque não gosto de ir a cabeleireiros desconhecidos. Não é a mesma coisa do que em casa, onde nos sentimos à vontade e podemos ser nós próprios. Muitas vezes o hotel recomenda um cabeleireiro que vem ao quarto, o que eu adoro porque assim podemos ter uma boa conversa. Houve um hotel — e, para evitar embaraços, não digo a cidade — onde uma das empregadas de mesa se ofereceu para me emprestar os seus rolos aquecidos.

Eu disse: «É muito amável da tua parte, querida. Muito obrigada.» E fiquei ainda mais agradecida quando ela se ofereceu para mos pôr. Uma hora depois estava sentada numa poltrona com a maior parte dos rolos já colocados e a conversar alegremente com a rapariga quando uma voz me chegou ao ouvido.

«Diz-lhe que eu sei que tudo vai correr bem, Doris.»

«Quem és tu?», perguntei.

«Sou a Martha. Gostas do anel que ela tem no dedo? Diz-lhe que tem um ótimo rapaz e que esse anel lhe vai trazer muito mais felicidade do que o outro.»

Claro que a jovem empregada não podia ter ouvido esta conversa. Estava a falar animadamente sobre o programa de televisão da noite anterior, mas reparou que eu fiquei de repente muito calada e perguntou preocupada: «Está tudo bem, Sra. Stokes? Aconteceu alguma coisa?»

«Está tudo bem, querida», respondi. «Mas diz-me, quem é a Martha?»

«É a mãe do meu noivo. Passou para o outro lado o ano passado.»

Não sabia como fazer a pergunta seguinte. A Martha dissera: «Diz-lhe que o anel que ela tem no dedo lhe vai trazer muito mais felicidade do que o outro.»

Isso queria dizer que a rapariga já tinha sido casada? Duvidava. Na verdade, parecia ter apenas idade suficiente para se casar pela primeira vez. O mais delicadamente que consegui, disse-lhe: «Há dois anéis envolvidos nalgum lado, querida?»

É uma expressão que uso. Nunca, em público, pergunto a alguém — ou antes, digo-lhes que sei — se são divorciados. Digo «dizem-me que há dois anéis» ou talvez «dizem-me que tiraste um anel e puseste outro». Se a pessoa quiser explicar, é consigo.

Mas o rosto daquela jovem mostrou uma verdadeira perplexidade.

«Só há um anel que eu saiba, Sra. Stokes. Não percebo o que quer dizer.»

Inspirei fundo e pensei: «Começaste, Doris, agora tens de ir até ao fim, rapariga.» Então disse: «A Martha diz que o anel que tens no dedo te vai trazer muito mais felicidade do que o outro.»

A expressão de perplexidade desapareceu e ela desatou a rir e a corar ao mesmo tempo.

«Ooooh! Que embaraçoso, mas vou contar-lhe um segredo, Sra. Stokes. O meu noivo já tinha estado noivo antes, mas romperam. Este é o anel que ele lhe deu. Pensámos que tanto fazia usá-lo, já que precisamos de poupar cada cêntimo para a casa nova. Mas pode dizer à Martha muito obrigado pela mensagem e eu vou com certeza tentar fazer o filho dela mais feliz do que alguma vez poderia ter sido com a rapariga que o deixou.»

É um mundo engraçado, não é? E ainda mais engraçado é algumas das coisas que a gente descobre quando está a fazer o cabelo!

A única coisa de que gosto mesmo em ficar em hotéis, além de não ter de lavar a louça, é poder tomar banho quando me apetece sem ser interrompida. Pelo menos era o que eu pensava, mas esse pequeno sonho foi brutalmente destruído na nossa visita a Leicester.

Tinham-nos reservado um quarto num hotel moderno muito chique mesmo no centro de Leicester e o pessoal não podia ter sido mais acolhedor, mas, como sempre, tudo era uma correria louca. Mal fizemos o check-in tive de sair a correr para a rádio local para um programa de telefone aberto. Acho que o apresentador ficou um bocadinho desapontado por eu não ter duas cabeças e falar como qualquer ser humano normal, mas o programa foi um grande sucesso e as perguntas choveram. Estivemos no ar quase uma hora e, quando me deixei cair no táxi que nos levava de volta ao hotel, disse ao John: «Sei exatamente o que vou fazer agora. Vou tomar um banho bem quente, depois ponho o robe e tiro uma soneca.»

Tinha tudo planeado. Que maneira deliciosa de passar uma tarde. Ainda por cima numa tarde como aquela. Era inverno e havia uma geada forte lá fora. Dentro do hotel havia quartos quentes, toalhas quentes — e aquele banho quente. Mas mal me afundei nas bolhas, um clangor tremendo assustou-me de morte. Quase engoli espuma com o susto. Depois percebi o que era. O alarme de incêndio! A seguir ouvi o John a bater na

porta da casa de banho aos gritos: «Vamos, querida! Sai daí depressa. Temos de descer as escadas!»

Saltei da banheira, agarrei numa toalha e enrolei-a à minha volta, depois abri a porta da casa de banho de rompante.

Parei de repente. O John já tinha aberto a porta do quarto e eu conseguia ver todo o tipo de pessoas a correr pelo corredor. Depois ouvi sirenes. Os bombeiros tinham chegado. Mas eu parei de repente; esquecera-me de uma coisa.

«Que se passa, Doris? Vamos, mexe-te.» O John ainda segurava a porta escancarada, embora toda a gente lá fora estivesse demasiado apressada para nos ver.

«Fecha essa porta um minuto, John», disse eu o mais calma que consegui. «Ajuda-me a encontrar a minha mama. Não saio daqui enquanto não a puser.» Como qualquer mulher que fez mastectomia, sinto-me um bocadinho constrangida por vezes e, incêndio ou não incêndio, não ia sair sem a minha prótese.

A cara do John era de antologia; acho que não sabia se havia de rir ou chorar. «Esquece isso.»

«Não esqueço! E não fiques aí parado. Fecha a porta e ajuda-me a encontrar. Por favor, John, é importante para mim.»

A essa altura eu já galopava pelo quarto, a pingar água para todo o lado, e tirava tudo do roupeiro como uma doida. O John suspirou e pôs-se de joelhos. Ainda estava a procurar debaixo da cama quando anunciaram que toda a gente podia voltar aos quartos. Fora um alarme falso. O John portou-se como um senhor. Não perdeu a paciência nenhuma, mas aprendi qualquer coisa com aquele episódio. A partir desse dia, guardo sempre o meu enchumaço extra num sítio onde o possa agarrar rapidamente em caso de emergência.

E claro que aconteceu outra vez, desta em Manchester. Desta vez não estava na banheira, mas estava de camisa de noite e robe quando o alarme tocou. Calmamente, coloquei a prótese e saímos para o corredor.

Devo confessar que, depois de já termos passado por aquele tipo de pânico uma vez, nos sentíamos verdadeiros profissionais e até um bocadinho superiores. Dirigimo-nos a uma porta com a indicação «Saída de Emergência» e deve ter sido a nossa atitude quase descontraída que fez aquele estrangeiro querer vir connosco. Coitado, parecia tão perdido e não falava uma palavra de inglês. Falava aos berros numa língua que nem o

John nem eu percebíamos, então o John limitou-se a dizer-lhe: «Vem connosco, amigo, cola-te a nós.» E acenou com a mão na direção da porta de emergência. Pelo menos o estrangeiro percebeu isso. Agarrou-se às costas do casaco do John e segurou-se com quanta força tinha enquanto descíamos, descíamos, descíamos aquelas escadas.

Devíamos ter descido sete lanços quando finalmente me sentei, a bufar como um fole. Já não aguentava mais e disse-o.

«Chega, John, a cabeça anda-me à roda como um pião e não dou mais um passo. Se a minha hora chegou, fico aqui mesmo, sentada onde estou.» O senhor estrangeiro, ainda agarrado ao casaco do John, limitou-se a acenar com a cabeça e a sorrir como se tivesse percebido cada palavra.

Nesse momento abriu-se uma porta mesmo em frente e uma voz disse: «Ora, é a Sra. Stokes, por favor entrem. Querem uma chávena de chá?»

«E o incêndio?», perguntei.

«Oh, não se preocupem. Alguém ligou o alarme por engano.» E estávamos ainda a beber o chá quinze minutos depois com o chefe de cozinha do hotel quando entrou o diretor-geral e nos disse: «Estão de parabéns, Sr. e Sra. Stokes. Normalmente ninguém é convidado a tomar chá no gabinete do chefe de cozinha.»

«De parabéns ou não, e está tudo muito bem, mas como é que voltamos ao nosso quarto? Não consigo enfrentar outra vez aquelas escadas todas», disse eu.

Foi o chefe de cozinha que resolveu o problema: «Vamos mandá-los para cima no elevador de serviço.» E foi o que fizeram, juntamente com a roupa limpa, as toalhas e o estrangeiro, que ainda não nos largara.

Quando saímos do elevador, disse-lhe: «Pronto. Acabou-se. Já pode ir para o seu quarto.»

Ele parecia confuso.

Disse-lhe: «Fini. Está fini.»

«Fini?»

«Sim, fini!»

«Aha, fini!» Parecia triunfante. Pelo menos percebera alguma coisa. Lançou-me os braços ao pescoço, deu-me um beijo sonoro na cara e disse: «Bye-bye.» Depois afastou-se pelo corredor. Muitas vezes pergunto-me se ele chegou a perceber bem o que se passou, sobretudo quando nos meteram a todos no elevador com a roupa suja! Quanto a mim, criei outra regra depois daquele episódio. A partir desse dia, aviso sempre o pessoal dos

hotéis de que os alarmes de incêndio parecem ter o dom de tocar quando andamos por perto. Para poupar tempo e trabalho a toda a gente e evitar que eu tenha de me despachar a pôr a prótese, será que podem avisar-me, quando o alarme disparar, se é uma emergência a sério ou apenas mais uma avaria?

CAPÍTULO CINCO

Com treze operações ao cancro no currículo, mais uma mastectomia, há muito que trato cada dia como se pudesse ser o último. O meu velho amigo Dick Emery costumava brincar: «O mundo espiritual deve querer-te mesmo muito, Doris. Estão a tentar levar-te aos bocadinhos!» É muito bonito tratar cada dia como se fosse o último, mas quando ainda há tanto trabalho para fazer, não vale a pena esgotar-nos antes da hora!

Foi no outono do ano passado que o médico confirmou as minhas suspeitas. A mastectomia estava a dar problemas e mandaram-me para o hospital fazer exames. Tive, infelizmente, de cancelar atuações em Southampton e Brighton. Os bilhetes já estavam todos vendidos e senti-me desanimada, mas não havia mais nada a fazer.

Lá estava eu, deitada na cama do hospital, a lamentar-me por todas as pessoas que desiludira e, tenho de admitir, mais do que um bocadinho por mim própria. Começava a perguntar-me o que raio estava ali a fazer, triste num hospital, quando podia estar igualmente triste em casa. Na verdade, já tinha decidido voltar para casa nem que tivesse de ir no camião do lixo, quando me veio à memória o encontro com uma querida velhinha, a Sra. Fox.

Aconteceu enquanto estava numa casa de convalescença depois da operação original à mama. Era uma tarde sombria e eu estava mesmo farta de mim própria, a olhar para a chuva que escorria pela janela.

Atrás de mim ouvi uma voz perguntar: «Está a chover muito?» Não me virei, o que sabia que era muito mal-educado da minha parte, mas estava numa má disposição danada e pensei para comigo: «Então não vê ela própria que tarde horrível está?»

Ainda a olhar pela janela, respondi: «Está a cair o céu.»

A voz replicou: «Oh, que pena para si. Que sorte a minha! Eu só vejo o que quero ver, por isso para mim está um dia lindo e soalheiro lá fora.»

Virei-me de repente e vi uma velhinha que se segurava com grande dificuldade em duas bengalas. Percebi, horrorizada, que era cega. Como pudera ser tão grosseira, a afogar-me na minha própria pena.

Ela deve ter sentido o meu embaraço porque disse: «Eu tinha visão, e por causa disso tenho muitas memórias lindas. Agora, seja qual for o tempo, posso olhar para o que quiser. Acho que isso é muita sorte, não acha?»

Naquele momento senti-me tão pequena que quase tinha vontade de beijar os pés daquela velhinha. Que maneira maravilhosa de encarar a vida! Deu-me uma lição que nunca esqueci, ou pelo menos uma lição de que me lembro constantemente. Por mais mal que penses que estás, há sempre alguém em pior estado.

Olhando para trás, tenho a certeza de que foi o Ramonov quem na verdade orquestrou aquele episódio embaraçoso na casa de convalescença. Seria uma das suas lições, como uma parábola da Bíblia, só que as lições do Ramonov às vezes vêm em forma de choque. Uma coisa é certa: são lições que nunca se esquecem! E podem funcionar como tónico — já me começava a sentir melhor. Não suficientemente bem para voltar à louca rotina das tournées, mas com certeza em condições de regressar às minhas tarefas de caneta. Por isso deixaram-me ir para casa.

Ia a saltar da cama na manhã seguinte quando tocaram à campainha, por isso voltei a meter-me debaixo dos lençóis e esperei. Ouvi uma conversa abafada e depois o meu galante marido exclamou: «Vem cá depressa, Doris! Olha o que chegou.» Espreitei à porta do quarto e não queria acreditar no que via.

Era um homem da florista local com o maior ramo de flores que alguma vez vira. Era como aqueles ramos enormes que dão a uma cantora no fim de uma ópera ou a uma atriz quando acaba de representar Shakespeare e toda a gente se levanta a aplaudir. A única diferença era que eu não canto ópera nem declamo Shakespeare e um apartamento em Fulham não é um palco do West End. Na verdade, naquele momento não conseguia fazer nada. Fiquei sem palavras. Havia um cartão com as flores que dizia simplesmente: Melhoras, Doris. Com amor. E era só. Sem nome, sem morada e ninguém a quem agradecer — exceto o homem da florista.

Desatei a chorar. E ele retirou-se a toda a pressa.

Meia hora depois estava de volta com outro ramo e, mais uma vez, um bilhete anónimo. Ao fim do dia havia flores suficientes para abrir uma

florista concorrente da que fica ali na rua. Como se lesse o meu pensamento, o John brincou: «Isto está a começar a parecer o Covent Garden — e não estou a falar da ópera.» Quase todas as flores tinham chegado anonimamente, mas descobri que a maioria viera das zonas de Southampton e Brighton, onde tinham sido colocados anúncios a dizer que as minhas atuações foram canceladas por doença.

Foi maravilhoso! As pessoas são tão bondosas. Eu desiludira-as e elas mandavam-me ramos de flores! Naquele momento decidi que, acontecesse o que acontecesse, um dia havia de ir a Brighton e Southampton e não seria num futuro muito distante.

Na verdade, o descanso forçado acabou por ser uma bênção disfarçada. Deu-me oportunidade de pôr em dia a montanha de cartas que chegavam. Normalmente recebo centenas por semana, mas assim que começou a tournée essa enxurrada transformou-se numa avalanche de milhares. Muitas não precisam de resposta. Algumas são apenas poemas ou orações que as pessoas enviam porque sabem que vou gostar, outras são cartas de partir o coração, transbordando de uma dor quase inconsolável de pessoas que simplesmente não conseguem aceitar a perda de um ente querido. Tenho este pesadelo recorrente de que um dia alguém se abrirá comigo e, ao não receber resposta imediata, se sentirá rejeitado e fará alguma loucura. Por favor, Deus, ainda não aconteceu, e só posso dizer que todas as cartas acabam por ser lidas, mas tudo leva tempo. Por isso, por favor, se és uma das pessoas que escreveu, tem paciência comigo e, se for humanamente possível, haverá resposta.

Raramente respondo a críticas pessoais porque acho que todos temos direito às nossas crenças, mas há ocasiões em que a crítica não pode ficar sem resposta. Por exemplo, um vigário de Birmingham escreveu depois de uma das minhas atuações:

«É triste quando os enlutados consultam um médium e, muitas vezes, são os mais recentemente enlutados que vão ouvir médiuns. É triste pensar que se procura ajuda desta maneira.»

Naturalmente, muitas pessoas enlutadas vêm ter comigo em busca de certeza de que um dia se reunirão com os seus entes queridos. E é um facto que muitas pessoas só começam a pensar na vida depois da morte quando a sentem aproximar-se ou quando alguém próximo passa para o outro lado. Mas para o vigário e para todos os que acreditam que há algo de errado em consultar um médium, eu diria que a palavra «médium» significa mediador

e que sempre foi minha convicção que cada um encontra o seu próprio caminho para Deus, seja através das igrejas estabelecidas ou alternativas, ou totalmente por conta própria.

CAPÍTULO SEIS

A nossa casa está atafulhada de recordações de todo o tipo. Em primeiro lugar, há o meu canto das crianças do espírito. Já nem é bem um canto, ocupa quase uma parede inteira da sala e cresce todas as semanas à medida que recebo mais e mais fotografias.

Há um koala de peluche para me lembrar da Austrália e da vez que fomos à Ópera de Sydney, e há um quadro que os peritos em arte poderiam descrever como primitivo. Suponho que seja, mas acho-o lindo porque foi pintado especialmente para mim, com amor, por um homem cuja filha eu ajudei a contactar. Claro que não combina com o papel de parede nem com os cortinados, mas quem se importa? Para mim é uma importante obra de arte.

Entre todos os outros bibelots há também um cálice de cristal lapidado lindíssimo. É tão delicado que tenho medo de beber por ele, por isso fica simplesmente na prateleira da lareira. Tem uma inscrição em letras minúsculas — não sei como conseguiram — mas é mesmo lindo e diz:

Doris Stokes, Obrigada por uma atuação esgotada no Civic Theatre, Halifax. 17 de setembro de 1983.

Foi-me oferecido pelo diretor do Civic Theatre, o Sr. Robbie Robinson, que desde então se tornou um grande amigo. Tenho de dizer que me orgulho de o teatro ter estado cheio naquela noite — quem não se orgulharia? Mas, mesmo assim, fiquei surpreendida. Era a minha primeira visita a Halifax e não sabia bem o que esperar.

Halifax é uma cidade industrial de Yorkshire com raízes profundamente enterradas na época da revolução industrial, quando os pobrezinhos tinham de ir trabalhar quase antes de saberem andar. Mas se pensas que é só fábricas e xailes, estás completamente enganado. Não vi nem um único tamanco! Na verdade senti-me em casa em Halifax. Havia uma atmosfera feliz e descontraída e um calor genuíno na receção. Talvez me sentisse em casa porque não era longe de Grantham, onde fui criada e onde também tivemos a nossa dose de dificuldades na minha infância. Ou talvez porque, tal como os yorkshiremen, eu chamo os bois pelos nomes e

não «aquela pá de jardim». Seja qual for a razão, gostei de Halifax. Ainda assim, não estava preparada para a receção que tivemos.

Sentada no camarim, não fazia ideia do ambiente que se ia criando na plateia. Como sempre, estava concentrada a sintonizar-me, à espera das vozes para ver que mensagens as pessoas do espírito queriam transmitir aos seus entes queridos naquela noite. Não é fácil, garanto-vos, quando o coração bate como um tambor, a boca está mais seca que o deserto do Saara e trememos como uma gelatina acabada de fazer. Por outras palavras, sentia-me exatamente como me sinto sempre antes de entrar em palco.

Mas no momento em que pisei o palco senti aquela atmosfera carregada de amor e boa vontade e os nervos desapareceram. Perguntei quantas pessoas já me tinham visto antes e não foram mais do que um punhado. A maioria, na verdade, nunca tinha estado com um médium, por isso esclareci logo: «Eu não entro em transe e não vão ver aparições com lençóis brancos a fazer "uuuuuh" e a flutuar pelo teatro. Aliás, não vão ver nada de invulgar. Porque o que eu faço é perfeitamente natural. Simplesmente conversamos com o mundo espiritual. Não posso exigir que venham, isso depende deles. Não posso ditar o que dizem, mas se for algo que possa causar embaraço não o transmito em público — a não ser que queiram.» Houve uma gargalhada geral, já havia uma voz a chamar-me ao ouvido e eu sabia que íamos ter uma noite maravilhosa. As mensagens chegaram rápidas e em catadupa e, como sempre, houve algumas lágrimas — embora, espero, sempre lágrimas de alegria.

Houve, no entanto, algumas expressões de perplexidade quando perguntei: «A quem pertencem o Derek e o Arthur? O Derek passou para o outro lado há muito pouco tempo.»

Como era natural, várias pessoas na plateia tinham familiares com esses nomes — são nomes comuns —, mas ninguém correspondia ao padrão que eu descrevera. E no entanto, ao longo da noite, esses nomes continuavam a surgir. Eu sentia que o Derek passara para o outro lado muito recentemente. Era ele quem me dava os dois nomes. A voz dele era urgente, quase frenética, e era óbvio que queria desesperadamente falar com alguém.

Meia dúzia de vezes supliquei: «Vamos lá, alguém conhece o Derek e o Arthur. Eu sei que sim.» Não acrescentei que a voz do Derek estava à beira do histérico porque não queria assustar ninguém. Mas não tinha dúvidas de que era uma alma muito perturbada e de que, de alguma forma,

o seu destino estava inextricavelmente ligado ao do Arthur. Não eram irmãos, disso tinha a certeza, mas enquanto ninguém na plateia os aceitasse não conseguia descobrir mais nada. Ou assim pensava. O Derek queria desesperadamente falar com alguém, mas obviamente não havia ninguém ali em Halifax disposto a receber a mensagem.

Fiquei desapontada e mais do que um pouco intrigada. Porque seria o Derek tão insistente? Havia muito tempo que não ouvia uma voz tão perturbada. Depois da sessão, meio que esperava que batessem à porta do camarim e alguém pedisse desculpa: «Desculpe, Doris, eram para mim. Fiquei tão atordoado que não consegui levantar-me quando os mencionou no teatro.»

É algo que acontece com bastante frequência, embora eu esteja sempre a pedir às pessoas que falem logo que achem que tenho uma mensagem para elas. Não me incomoda se não o fizerem, mas é frustrante para as pessoas do espírito que estão a tentar fazer contacto.

Mas nessa noite em Halifax a única pessoa que bateu à porta do camarim foi o diretor, Robbie Robinson. Estava radiante e trazia na mão aquele lindo cálice de cristal lapidado. Já estava gravado. Ele sabia que a noite ia esgotar — os cartazes de «lotação esgotada» tinham sido colocados uma semana antes —, mas não me dissera nada. Ainda bem, senão teria ficado ainda mais nervosa. O Robbie disse: «Noite maravilhosa, Doris, fantástica. Nunca vi uma atmosfera assim neste teatro. Todas aquelas caras felizes.» Entregou-me o cálice dizendo: «O que mais posso trazer-lhe?»

Como sempre depois de uma sessão, sentia-me como um trapo molhado, completamente esgotada. Mas eu sabia o que queria: «Adorava uma chávena de chá, querido.»

O Robbie quase caiu do riso. Virou-se para o John e disse: – Incrível. Estrelas pop que só enchem metade da sala exigem champanhe e a tua mulher só quer um chá. Vamos fazer um bule inteiro.

Rimo-nos todos, mas no fundo da minha mente continuava a incomodar-me aqueles dois nomes e ainda esperava o tal bater envergonhado à porta. Nunca chegou.

Regressámos ao hotel e jantámos sandes de vaca, queijo, pickles e um bule de chá. Não é a melhor refeição para o sistema digestivo a altas horas da noite! Já quase amanhecia quando consegui cair num sono mais ou menos decente e a última coisa de que me lembro foi uma voz a chamar:

«Doris, Doris.» Era o Derek. Mas só quatro dias depois, e a duzentas milhas dali, é que resolvi o mistério e voltei a ter notícias dele…

Não sei como se sentiram os romanos quando marcharam sobre Gloucester há uns dois mil anos, mas a minha primeira visita foi algo que nunca esquecerei. Tinha um espetáculo marcado no Leisure Centre e o John e eu decidimos que viajaríamos no dia anterior para descansar bem antes da demonstração.

Partimos para o West Country – e que viagem maravilhosa. Aliás, estava tão absorvida pela paisagem que me esqueci completamente da sesta que planeava tirar. O campo é bonito em qualquer altura do ano, mas no outono acho que a Mãe Natureza quer mostrar um último e grande esplendor de cor antes de puxar o cobertor do inverno por cima de tudo. Apenas um lembrete que fica connosco até à primavera. E comigo fica sempre, mas desta vez havia o bónus adicional de ver tudo num cenário completamente novo. Estava a desfrutar cada momento. Acabei de pensar como seria bom se alguns dos prédios do conselho em Fulham tivessem sido construídos com pedra dos Cotswolds, quando os meus devaneios foram brutalmente interrompidos por uma voz que pensei que se ouviria de uma ponta à outra da carruagem.

Quase gritou para mim: – Aqui, Doris, aqui! Era aqui que eu vivia. Por favor, para. Tenho tanta vergonha do que fiz. Não consegui viver comigo mesmo. Desculpa, desculpa mesmo! Sei que não devia ter feito aquilo.

Reconheci a voz imediatamente. Era o Derek. E estava sozinho. Não houve menção nem sussurro do Arthur. Mas o que fazer? O meu primeiro instinto foi estender a mão e puxar o cordão de comunicação. Já estava meio levantada quando de repente pensei: «Calma aí, Stokes. Se parares o comboio, o que vais dizer ao revisor? Que há uma pessoa-espírito em sofrimento? Ele até pode acreditar, mas o mais provável é que não.» Havia uma boa probabilidade de, em vez de aparecer no Leisure Centre, aparecer perante o magistrado local!

Não fazia ideia de onde estávamos naquele momento – embora mais tarde tenha descoberto que estávamos na periferia da Floresta de Dean. A carruagem estava quase vazia, mas o meu salto acordara o John. Ele piscou os olhos, olhou para mim e perguntou ansiosamente: – Que se passa, rapariga, estás bem? Ficaste branca como a cal.

Estava a tremer, eu sabia. Fora um choque uma voz chegar com tanta urgência, numa altura em que eu estava simplesmente a relaxar e a apreciar a paisagem. Deu-me um valente abanão.

– Estou bem, amor – disse eu, enquanto me acomodava de novo no assento. – Não é nada para te preocupares.

Mas eu estava preocupada. Era óbvio que havia um espírito que queria falar-me com urgência.

O comboio começava agora a abrandar. Apurei o ouvido, mas o Derek não voltou. Olhei pela janela quando o comboio parou. Tínhamos chegado a Gloucester, uma cidade encantadora, cheia de história e de charme do velho mundo. Era difícil imaginar que não tivesse sonhado. Mas não era sonho, disso tinha a certeza. Só podia esperar que o Derek voltasse a manifestar-se e me dissesse o que o atormentava.

O hotel onde ficámos era um sítio lindo, mesmo à saída da cidade, com vista para o vale do Severn. A paisagem tirava o fôlego e conseguia-se ver até ao outro lado do mar, até ao País de Gales. Fora outrora uma casa de campo antiga, com paredes enormes de pedra dos Cotswolds cobertas de hera que contribuíam para a atmosfera rústica. Uma criada acompanhou-nos até ao quarto no primeiro andar e, quase antes de eu pousar a mala, senti outra presença antiga. – Têm um fantasma aqui, não têm? – perguntei à criada.

Pensei que ela ia desmaiar! Rodou sobre os calcanhares, olhou para mim espantada e depois, quase como se tivesse medo, exclamou ofegante: – Como raio soube isso?

– Oh, não te preocupes, amor. Eu simplesmente sinto, mas não vamos fazer as malas e sair a galope.

– Bem, é verdade. É o fantasma de um homem que morreu no quarto por cima do vosso. Alguns dizem que se suicidou há cem anos – contou-nos ela. Depois acrescentou, quase num sussurro: – Não falo muito nisso. As pessoas acham que uma pessoa está louca se falar. Eu própria nunca o vi, mas sei que ele anda por aí. Não estou a imaginar coisas, a sério.

Eu sabia que não estava. Sentira a presença dele assim que entrara no quarto, mas quando me preparava para me sentar e saber mais sobre ele, o telefone tocou. Era uma jovem jornalista do jornal local. Podia passar por lá antes da demonstração? Claro, eu dou sempre as boas-vindas à imprensa. E pelo menos não exigia seguir-me desde o momento em que saí do comboio!

Quando chegou, tivemos uma conversa agradável, mas embora depois tenha dito coisas simpáticas sobre mim, percebi que estava muito cética. Aliás, a maior parte dos jornalistas está.

Por acaso, perguntei-lhe: – Os nomes Arthur e Derek dizem-te alguma coisa? Não tenho a certeza, mas acho que ambos morreram de repente. Pode ter sido um acidente de viação, mas neste momento não sei mais.

Houve uma pausa, mas após pensar um pouco concluiu que os nomes não lhe diziam nada. Outro beco sem saída. Terminámos a entrevista, a jovem prometeu aparecer na demonstração na noite seguinte e despedimo-nos.

Decidi deitar-me cedo; afinal, era por isso que tínhamos vindo um dia antes – para eu estar relaxada e preparada. O John acompanhou-me até ao jardim do hotel e ficámos os dois a ver o sol desaparecer por trás das colinas galesas ao longe. Era um espetáculo maravilhoso, algo que não se vê na Fulham Road! Tão tranquilo e sereno. Lá em baixo víamos toda a cidade de Gloucester e, mais além, o rio Severn, deslizando calmamente a caminho do canal de Bristol.

A água normalmente tem um efeito calmante em mim, mas naquela noite não. Algures lá fora nem tudo fora tão tranquilo como parecia. Gostaria de saber porquê, mas nenhuma voz veio oferecer-me uma explicação. Começava a ficar fresco. O John pegou-me na mão e disse: – Anda, amor, vamos para dentro. Sei que há qualquer coisa a incomodar-te porque estás a milhas daqui. Dorme sobre o assunto e talvez encontres a resposta de manhã.

Se ao menos fosse assim tão simples! Segui o conselho dele, mas o único espírito que se manifestou foi o fantasma que morrera no quarto de cima.

Foi alta noite quando os toques começaram. A princípio pensei que fosse o John a virar-se e a revirar-se, talvez num sono inquieto a bater com a cabeceira da cama. Mas quando me virei, lá estava ele a dormir como um anjinho recém-nascido.

Depois ouvi uma risadinha e percebi – era o fantasma. Na verdade, não gosto de usar a palavra «fantasma» porque evoca sempre imagens de alguém a flutuar com um lençol branco, o que é simplesmente ridículo. O que eles são, são espíritos que ainda não passaram para um plano superior por várias razões. Às vezes, especialmente se morreram de forma violenta, simplesmente não aceitam que estão mortos. Outras vezes, por exemplo se

foram gravemente injustiçados – e muitos pobres almas foram ao longo dos séculos –, querem apenas que alguém saiba que protestam a sua inocência. Este, de alguma forma, senti que não tinha nenhum machado para afiar. Certamente não tinha intenção de fazer mal a ninguém. Estava apenas um pouco perdido – e assim estava há uns cem anos! Tinha vindo ter com a velha Doris pedir um conselho.

Sentei-me direita na cama e disse com firmeza: – Ora, vamos lá, despacha-te! Já passaste para o outro lado. Chega de joguinhos parvos, estás a caminho de coisas mais elevadas e quanto mais cedo o aceitares, mais cedo nós, os mortais, conseguimos dormir uma noite inteira.

Resultou. Os toques pararam e não houve mais risadinhas. Ele aceitou que era hora de seguir em frente – e eu disse uma pequena oração para o ajudar no caminho.

Como sei que ele se foi embora? Não é nada tangível, nada a que eu consiga apontar. Só posso dizer que soube do mesmo modo que soube, antes de perguntar à criada, que havia um fantasma no hotel. Olhei para o John. Continuava a dormir profundamente. Eram quase duas da manhã. Adeus noite cedo na cama!

Na verdade, na manhã seguinte não me sentia tão cansada como esperava. Talvez o ar puro de Gloucestershire estivesse a atuar como tónico – e talvez o facto de ter podido ajudar um espírito na sua viagem também contribuísse. Contudo, à medida que o dia avançava, comecei a sentir-me um pouco apreensiva com a demonstração da noite. Era uma sensação estranha, algo que não tinha experimentado antes nesta tournée.

O Leisure Centre é um edifício magnífico no centro da cidade, com todas as modernices e facilidades para saúde e lazer, mas eu estava longe de me sentir relaxada quando entrei pela porta das traseiras.

Lá à frente era um fervilhar de excitação e atividade enquanto as cadeiras dobráveis se enchiam de gente. Nada fora do comum. Então porquê a apreensão?

Pensei em fazer o impensável e espreitar por trás do pano para ver se haveria alguma razão para toda esta ansiedade. Depois recompus-me: «Stokes, o teu cérebro deve ter ido de férias. Que raio pensas que estás a fazer?

Qual é a primeira coisa que dizes às pessoas quando vêm a uma demonstração? Dizes-lhes que, se esperam ver a Doris Stokes pendurada no candeeiro ou ouvir vozes fantasmagóricas, vão ficar desiludidas.»

E com razão. E no entanto, ali estava eu a pensar espreitar por trás de um pano à procura de algum sinal celestial, tipo um aceno dos anjos. Nesse momento ouvi uma voz dizer: – E agora, minhas senhoras e meus senhores, peço-vos que deem as mais calorosas boas-vindas a Doris Stokes.

Trouxe-me de volta à terra com tal impacto que quase tropecei no meu vestido de noite. Instintivamente, agarrei o pano para me apoiar. Tenho de admitir que não sou nenhuma fada em termos de peso e, por um segundo ou dois horrível, pensei que ia derrubar os panos do palco em cima de todos nós. Que início pouco digno para a noite teria sido! Mas os anjos, ou melhor, os guias espirituais, devem ter estado por perto para tomar conta de mim. Ouviu-se um leve gemido algures perto do teto, mas tudo se manteve no sítio, recompus-me e caminhei até ao meu lugar no centro do palco.

O calor e o amor que subiram do público com os aplausos fizeram-me perceber como tinham sido tolos os meus medos. Estava entre amigos, alguns dos quais tinham viajado muitas milhas. Cabia-me a mim trazer-lhes a esperança ou o conforto que pudesse. Percebi imediatamente, pelo amor que sentia, que naquela noite a central telefónica entre nós e o mundo dos espíritos ia estar muito ocupada. E esteve.

Naquela noite em Gloucester as mensagens chegaram rápidas e em catadupa. Depois, ao fim de cerca de uma hora, pensei em tentar obter resposta para a questão que me andava a apoquentar havia alguns dias. Perguntei: – Há alguém aqui que conheça o Derek ou o Arthur? Eram amigos que morreram subitamente. Podem ter morrido juntos, mas pergunto porque apareceram-me na semana passada em Halifax. Há alguém aqui com ligações a Halifax?

Ninguém pegou na deixa. À minha frente havia filas e filas de rostos com aquele olhar solidário mas de «desculpa, não posso ajudar». Depois, muito, muito debilmente, uma voz chegou até mim e eu disse de repente: – Sei que um deles se chamava Bourne ou Horne ou qualquer coisa assim.

Uma rapariga nova, no centro da plateia, levantou-se e eu pensei: «Finalmente, uma reação.»

Então ela disse: – Acho que pode ter sido Derek Thorne. Saiu no jornal há algum tempo. Ele era um assassino. Matou o outro homem.

De repente senti-me mal disposta, o estômago deu uma volta. Não sabia se tinha ouvido bem. Pensava que eram amigos, por isso disse: – Desculpa, minha querida, não percebi bem. O que disseste?

Ela repetiu e acrescentou: – O Thorne foi encontrado recentemente morto no carro, mas cometeu o assassinato há muito tempo.

Então era isso! Mas não valia a pena deter-me nisso ali e naquele momento. Não conseguia ouvir mais nada nem do Derek nem do Arthur, embora tivesse a certeza de que fora um deles que acabara de se manifestar com o apelido. Mas aparentemente não havia ninguém no Leisure Centre disposto a receber mensagens deles, por isso a comunicação tornou-se impossível. Fiz uma nota mental para arranjar aquele jornal o mais rápido possível.

Era quase meia-noite quando o John e eu regressámos ao hotel, carregados de flores, fotografias e cartões de felicitações com mensagens que me faziam engolir em seco. Comecei a lê-los e reconforta-me sempre perceber que, com tanta dor e problemas no mundo, ainda há espaço para tanto amor. Mas fora um dia longo e emocionalmente esgotante. Coloquei as flores nas jarras que o hotel providenciara com gentileza, depois empilhei todos aqueles cartões cuidadosamente na cómoda e decidi que acabaria de os ler logo de manhã. Também passaria no jornal local.

Afinal, não foi preciso. O John acordou-me com um bule de chá e um exemplar antigo do jornal local. Ainda guardo esse jornal e a notícia na primeira página diz o seguinte:

«Um homem da Floresta de Dean condenado por homicídio há catorze anos foi encontrado morto a poucos quilómetros do local do crime.

Um porta-voz sénior da polícia no quartel-general do condado em Cheltenham confirmou esta manhã que Derek Thorne, encontrado morto perto de Speech House dentro de um carro na sexta-feira, era o mesmo Derek Edward Thorne condenado por assassinar Arthur Thomas Hogg em 1969.

Thorne foi encontrado morto dentro do carro com o motor ainda a trabalhar e a polícia afirmou que não havia circunstâncias suspeitas.

O assassinato, em agosto de 1969, do motorista de carruagens da British Rail Arthur Thomas Hogg em casa, perto de Parkend, e o subsequente julgamento de seis dias captaram a imaginação do público na Floresta de Dean.

O Sr. Thorne foi condenado por veredicto maioritário de 10-2 por um júri nas Assizes de Monmouthshire em Newport e sentenciado a prisão perpétua.

Após a libertação da prisão, sabe-se que se casou e mudou-se para a zona de Bristol.»

«Durante o julgamento, a acusação, liderada pelo Sr. Brian Gibbens QC, assistido pelo Sr. H. Woolf, alegou que o Sr. Thorne, que tinha 20 anos e foi descrito no julgamento como sem morada fixa, se escondera à espera em casa do Sr. Hogg e disparara contra ele a partir da janela de um quarto quando o Sr. Hogg se encontrava perto da porta da frente ao regressar.

Disseram que depois lhe roubara o dinheiro, fora a Newport onde comprara um carro e viajara até Dingwall, na Escócia, onde fora preso alguns dias depois de o corpo ter sido encontrado. O Sr. Thorne foi defendido pelo Sr. Alun Davies QC, com o Sr. Desmond Perrot. A defesa sustentou que o Sr. Thorne estava hospedado em casa do Sr. Hogg e se encontrava na cama quando este regressou.

Ao regressar, o Sr. Hogg quis ter uma relação homossexual que o Sr. Thorne recusou.

Após uma luta, dentro e fora da casa de campo, o Sr. Thorne disparou contra o Sr. Hogg com a própria espingarda deste, em legítima defesa.

O local do crime, Howbeach Cottages, foi demolido há cerca de doze anos.»

Li aquele artigo vezes sem conta, cada vez com uma tristeza crescente. Ninguém pode desculpar a violência, muito menos tirar uma vida, mas dei por mim a ter pena do Derek Thorne. O que ele fizera era sem dúvida perverso, mas passara anos na prisão pelo seu crime.

Para a sociedade, ele pagara o preço, mas evidentemente não era suficiente para o próprio Derek. Ao longo daqueles anos numa cela, fora consumido pela culpa.

Pensei naquela voz e no que me dissera: «Tenho tanta vergonha do que fiz… Não consegui viver comigo mesmo… Desculpa… desculpa mesmo…» E chorei. Depois rezei, fervorosamente e durante muito tempo, por aquela pobre alma que obviamente fora compelida a tirar a própria vida.

Nunca ninguém deve condenar quem comete suicídio. Sei com certeza que não são castigados na vida depois da morte, antes pelo contrário, são cuidados. As pessoas levadas a medidas tão desesperadas estão doentes mentais, tal como outras estão doentes físicas. E quando passam para o outro lado, são tratadas até recuperarem a saúde.

Então por que razão recebi aquele apelo, aquele pedido de desculpa? Acredito que, depois de pôr fim à vida e passar para o outro lado, Derek esteve temporariamente perdido, no sentido em que não sabia que passos dar do outro lado. Precisava de conforto e orientação. Até receber isso, a sua alma ligada à Terra provavelmente ficaria nas proximidades do crime e da sua morte.

A orientação vem de Deus, mas todos nós podemos confortar os espíritos e ajudá-los com as nossas orações, e foi por isso que, naquela manhã em Gloucester, rezei com toda a força que tinha. E sei que as minhas orações foram atendidas, porque desde esse dia nunca mais ouvi falar do Derek nem do Arthur, nem senti a mais pequena inquietação quanto à progressão do Derek do outro lado.

O tempo não tem significado quando deixamos este mundo, por isso não posso dizer quanto tempo demora a tratar alguém do outro lado. Mas, como antiga enfermeira, posso dizer-vos que nos nossos hospitais no plano terreno a maior coisa que podemos oferecer a um doente próximo do fim da vida e sem esperança de recuperação é TLC — Tender Loving Care (carinho terno e amoroso) — e é isso que as enfermeiras oferecem em abundância quando nenhum medicamento terreno pode curar o doente. E acreditai, não é em vão. O carinho terno e amoroso ajuda enormemente a acompanhar alguém até ao outro lado, e é também algo que é dado aos doentes do outro lado, onde os restaura à saúde perfeita.

Tive um vislumbre fugaz da vida do outro lado dado pelo meu filho John Michael.* Ele era apenas um bebé quando me deixou e um homem forte e bonito de trinta e seis anos quando regressou para me levar a visitar o mundo dos espíritos. Encontrei a minha mãe que, no plano terreno, era cega de um olho e no entanto a sua visão fora agora restaurada à perfeição. O John Michael mostrou-me um dos hospitais deles, situado numa paisagem idílica onde se sentia o ar vibrar com poder curativo. Perguntei ao meu bebé, ou melhor, ao meu filho agora adulto e bonito: – Para que precisam de hospitais aqui se perdem todas as enfermidades quando vêm para cá?

Ele respondeu-me: – Bem, vês, quando uma pessoa deixa o corpo muito rapidamente, especialmente por violência, acidente de viação ou talvez ataque cardíaco, não teve tempo de se preparar e, nesse caso, pode ser uma experiência muito traumática.

Vêm para aqui recuperar e, rodeados pelos seus entes queridos, dormem até o corpo espiritual se recuperar do choque.

Se foi apenas um sonho, como alguns sugeriram, só posso dizer que permanece tão vívido hoje como quando aconteceu há vários anos.

O mesmo acontece com aqueles que estão excepcionalmente infelizes, como no caso do pobre Derek. Também ele ficaria no hospital, a receber muito carinho terno e amoroso até estar completamente recuperado. E uma vez bem aconchegado numa cama de hospital espiritual, não haveria necessidade de voltar a contactar a Doris! Sei que a oração o guiou pelas portas daquele hospital e que um dia o Derek e eu e tantos outros nos encontraremos cara a cara e teremos uma boa conversa!

- Ver Voices In My Ear

CAPÍTULO SETE

Música mística e vestes esvoaçantes nunca fizeram parte da minha vida como médium. Para começar, sentir-me-ia uma verdadeira palhaça vestida assim, e em segundo lugar ficaria um pouco deslocado na Broadway de Fulham num sábado de manhã! Nunca usei bolas de cristal, borras de chá ou cartas de jogar, embora possam ser úteis a quem está apenas a aprender mediunidade. Claro que ninguém «lê» realmente as borras de chá, e por mais que se olhe para uma bola de cristal não se vê fisicamente nada. Mas servem como apoios, algo em que concentrar ou focar a mente. Eventualmente, à medida que o médium se torna mais proficiente, deve conseguir passar sem esses apoios, mas pode levar algum tempo.

O mais perto que alguma vez cheguei de vestes esvoaçantes e música foi quando o John e eu fomos convidados a passar um fim de semana com uma seita religiosa na sua sede em Norfolk. Era uma enorme mansão com terreno próprio, e as pessoas que lá viviam usavam túnicas cor de laranja e chamavam-se discípulos. (O líder deles, cujo nome nunca aprendi a pronunciar, creio que vinha da Índia.) Fui convidada a dar uma demonstração de mediunidade como parte do seu primeiro fim de semana aberto ao público.

As pessoas que lá conheci eram gentis, honestas e trabalhadoras, mas assim que nos mostraram o quarto, disse ao John: – Não posso ficar aqui. Amanhã vou-me embora.

Era, para dizer o mínimo, muito espartano. Não havia sequer uma cama a sério, apenas um colchão no chão, e nas paredes alguém pintara girassóis enormes. Deitada no chão, parecia que se estava numa selva de pesadelo. Não era o tipo de papel de parede que eu escolheria para o nosso apartamento, e isso é um eufemismo!

Para culminar, não havia sequer uma cadeira para nos sentarmos, apenas uma pilha de almofadas e uma mesa de centro muito baixa. Olhei em redor, consternada, e disse ao John: – Se me baixar para aquilo para comer, nunca mais consigo levantar-me.

Mas era assim que as refeições eram servidas: tínhamos de nos sentar de pernas cruzadas em frente à mesa de centro! Era impossível, claro, e eu estava pronta a refazer as malas e ir embora imediatamente, mas felizmente o John encontrou outro quarto com um parapeito de janela. Foi aí que comemos, de pé!

O jantar da primeira noite foi maravilhoso. Tínhamos frango com muitos legumes frescos, e mais tarde descobri que as pessoas que lá viviam cultivavam toda a sua comida. Enquanto estava encostada ao parapeito da janela, com o prato à minha frente, a olhar para a planície de Norfolk, pensei: «Bem, não é assim tão mau e só cá estamos duas noites, vamos aproveitar.»

Então outra visitante pôs a cabeça à porta e disse: – Aproveitem o jantar porque é o último que vão ter. Acabei de saber que a partir de amanhã passamos para uma dieta de legumes crus e iogurte.

Pela segunda vez em menos de uma hora eu estava pronta a fazer as malas — até o John me lembrar que não conseguiríamos apanhar comboio antes da manhã. Ataquei o frango como se fosse realmente a última refeição da minha vida e depois, literalmente, despenhei-me na cama!

Na manhã seguinte, com as costas a doer mais do que eu achava possível, coxeei pelo corredor até à receção onde vi um jovem simpático com uma daquelas túnicas cor de laranja esvoaçantes. – Admiro os vossos princípios e a forma como rejeitam todos os luxos modernos – disse-lhe eu –, mas, honestamente, já sou muito velha para isso. Por favor, podem arranjar-me uma cama a sério esta noite, ou então receio que tenha de ir embora.

Ele olhou para mim espantado. Dava para ver que não estavam habituados ao meu género naquele lugar e provavelmente estava a pensar: «Temos aqui uma difícil, à espera de tratamento de hotel de quatro

estrelas.» Mas eu não me importei. Simplesmente não ia passar outra noite em agonia.

Felizmente, não tive de esperar pela resposta dele. Não tinha reparado, mas atrás de mim estava a cozinheira-chefe e faz-tudo. Ouvi uma voz dizer: – Claro, Sra. Stokes, o que quiser.

Virei-me de repente e vi uma jovem muito atraente com olhos risonhos. E dava para perceber que ela se estava a esforçar para manter a cara séria.

Depois disse: – Vamos pôr-vos, ao senhor e à sua mulher, na ala de cura. Temos lá o que vocês chamam camas a sério.

E tinham, e era um luxo absoluto. Mesas e cadeiras a sério também. O John e eu quase tivemos inveja das instalações que tinham naquele santuário. Além de todo o conforto para os doentes, havia umas mesas especiais de primeira classe para massagens — e nem um girassol pintado à vista! Era tudo muito repousante.

Descobrimos que a Jane, a cozinheira-chefe e faz-tudo, tinha formação de advogada mas abandonara tudo para se juntar à seita. Nunca vi ninguém trabalhar tanto. Levantava-se às duas da manhã para amassar o pão e depois tirava uma hora de sono antes de começar a cozer o pão do dia.

Mas embora fosse discípula, não perdera o sentido de humor. Sussurrou-me: – Venha ao meu quarto se não gostar de legumes crus e iogurte. Cozinho-vos uma refeição a sério.

O quarto dela estava equipado com todas as modernidades, incluindo um fogão muito sofisticado, e a Jane reparou no meu olhar de surpresa quando entrámos. Disse depressa: – Oh, por favor, não pense que estou a fazer nada pelas costas de ninguém. É só que a mãe vem visitar-nos de vez em quando e tudo isto é para ela.

– Ela não viria se eu não lhe garantisse o que ela chama refeições a sério.

A mãe da Jane era obviamente uma mulher muito sensata. Até trazia a sua própria cadeira de jardim dobrável na bagageira do carro!

Mudar para aquele santuário de cura deu-nos três dias realmente tranquilos. Aliás, o John e eu gostámos tanto que voltámos depois para uma semana inteira de descanso e fomos recebidos de braços abertos pelos discípulos. Claro que houve momentos embaraçosos. Por exemplo, as casas de banho não tinham portas a sério. Eram como aquelas coisas que se veem

nos saloons do Oeste nos filmes, que balançam para a frente e para trás com enormes buracos em cima e em baixo.

E nunca esquecerei a imagem que me saudou quando olhei pela janela numa manhã. Estava a chover e uma dúzia de discípulos corria pelo relvado em direção à entrada principal. Tinham puxado as túnicas cor de laranja muito acima dos joelhos para ganhar velocidade e evitar que a roupa se arrastasse na lama. Quando passaram por mim a correr, com as vestes a esvoaçar ao vento, reparei noutra coisa e não consegui evitar rir-me da vista traseira.

O John perguntou espantado: – O que é tão engraçado, amor?

– Nada de especial – ri-me eu. – Mas aposto que esta malta tem frio no inverno. Não usam cuecas!

A minha demonstração de mediunidade — e, claro, era por isso que fora convidada — correu muito bem. Muitas das pessoas ali nunca me tinham visto, mas fizeram-me sentir em casa e quando há harmonia é sempre mais fácil as vozes no meu ouvido chegarem.

Sentámo-nos todos num grande salão com um pequeno palco numa das extremidades — e, pela primeira vez, havia uma cadeira a sério para eu me sentar. Olhei para o fundo do salão e lembro-me de dizer: – Quero alguém lá atrás.

Tenho uma mensagem para alguém que mora em Blackpool. – Depois acrescentei: – Quem quer que seja mora na Stanley Street, em Blackpool.

Uma voz exclamou: – É onde eu moro, Doris.

Era um jovem com um rosto redondo e querubínico, muito bem vestido e de laço ao peito. Nunca o vira na vida, mas eu disse: – A mensagem vem da Beryl.

Ele respondeu: – Sim, sim, deve ser a minha tia Beryl, passou para o outro lado há pouco tempo.

– Bem – respondi eu –, ela está a dizer-te para perseverares, não desistas, e acima de tudo não te sintas desanimado. Tudo se vai resolver.

O jovem disse-me que na verdade era astrólogo, uma profissão que dificilmente garantia rendimento fixo, e que por vezes tinha vontade de mandar tudo para o ar.

Respondi, quase sem perceber o que dizia: – Continua. Prometo-te que dentro de dois ou três anos estarás muito requisitado tanto no teatro como na televisão.

Previsões não são normalmente o meu forte e ainda hoje não sei o que me levou a dizer aquilo com tanta convicção. Talvez nem tenha sido bem eu, mas sim a tia Beryl a tentar encorajar o sobrinho.

O que sei é que o jovem se tornou um grande amigo meu e sempre que nos encontramos lembra-me do que eu disse naquele fim de semana em Norfolk. O nome dele é Russell Grant e agora, claro, depois do colossal sucesso na televisão matinal, é um dos astrólogos mais famosos do país.

Estava a dormitar suavemente. Nem acordada nem a dormir a sério quando de repente senti aquela sensação estranha de que alguém entrara no quarto. Não era assustador, não havia perigo, mas mesmo assim abri um olho muito devagar. E lá estava ele, de pé junto à janela, de braços cruzados, a olhar para mim. O uniforme estava impecavelmente engomado e usava o boné de lado, sobre um par de olhos cintilantes. – Meu Deus, é o Ginger Flanagan – exclamei.

Ele riu-se: – Sim, Doris, parece que já não nos víamos há uma eternidade.

– Não foi assim há tanto tempo – disse eu. – Então, como vão as coisas?

– Bem – disse ele, aproximando-se do meio do quarto –, a mulher mudou-se para uma casa nova e parece que se instalou bem, mas eu gosto de continuar a vigiá-la e, se a vires, queria que lhe desses o meu amor.

Antes que eu tivesse tempo de pedir a nova morada, o marinheiro mercante «Ginger» Flanagan desaparecera tão rápida e silenciosamente como chegara. Ou teria apenas sonhado que ele estava ali? De certeza que agora estava completamente sozinha neste quarto de hotel. Era em Chatham, uma cidade com longa tradição naval, mas eu sabia com certeza que este não era o terreno do Ginger Flanagan.

Fora há cerca de um ano que nos tínhamos conhecido. Fôramos apresentados, por assim dizer, pela mulher do Ginger, a Anita. O mundo dela desabara quando o Ginger morrera nas Malvinas. Fora um daqueles homens corajosos que morreram a bordo do Atlantic Conveyor, marinheiros mercantes que se voluntariaram para navegar para a batalha com a Marinha Real. O Ginger manifestara-se através de mim para confortar a mulher e dar-lhe vontade de continuar a viver. Na verdade, fizera ainda mais, como a própria Anita reconhece.

A Anita passou a lutar por melhores condições de compensação em nome de todas as viúvas das Malvinas e tornara-se uma espécie de

celebridade nacional, embora não nos tivéssemos voltado a encontrar desde aquela sessão. Ainda tentava perceber por que razão o Ginger me fizera esta visita surpresa quando voltei a adormecer.

Três horas depois estava em palco na Central Hall, em Chatham. Antigamente era uma igreja metodista e tinha uma atmosfera acolhedora e aconchegante que combinava perfeitamente com o público. Eram simpáticos e receptivos. E não há dúvida de que isso cria um ambiente que favorece o contacto com o outro lado.

Uma das primeiras pessoas-espírito a manifestar-se foi a Doreen White, que me disse ser mãe de três filhos e ter passado para o outro lado havia doze meses. Viera cumprimentar uma antiga colega de trabalho, a Yvonne Wilkinson, que estava na plateia.

A Doreen disse-me em confidência: – Eu era grande como tu, Doris. Mas também era uma grande parva. Deixei que o meu tamanho me preocupasse. Não cometas o mesmo erro que eu cometi.

Transmiti a mensagem à Yvonne e disse-lhe: – Não percebo muito bem isto tudo, amor, mas espero que faça sentido para ti.

Ainda eu estava a falar, ouvi um murmúrio de espanto percorrer o auditório e percebi que devia ter alguma importância.

Depois a Doreen riu-se ao meu ouvido e disse: – Manda também cumprimentos à Gwen e à Veronica. Sabes, nós as três trabalhávamos juntas à volta de uma mesa comprida.

Transmitiu várias outras mensagens e disse-me que o marido lhe oferecera uma rosa vermelha. Ele, aliás, não estava no público naquela noite, mas confirmou depois que costumava oferecer uma rosa vermelha à Doreen em ocasiões especiais.

A voz da Doreen esmoreceu e passei para outro contacto sem fazer a mínima ideia da controvérsia que tinha desencadeado, mas no dia seguinte estava em letras garrafais na primeira página dos jornais da tarde.

Durante o intervalo, o John ouviu alguém resmungar: – Ela leu aquilo nos jornais. Não podia ter dito tudo aquilo de outra maneira.

Fiquei tão zangada que exigi saber exatamente quem tinha sido a Doreen e, na segunda parte do espetáculo, comecei por dizer que ouvira as críticas e as acusações e que as negava categoricamente. Sei que não precisava de me justificar, mas comentários daqueles magoam mesmo.

No dia seguinte, ao ler aquelas notícias de primeira página sobre o nosso encontro, descobri que a Doreen tinha de facto morrido depois de lhe

terem sido prescritas umas pastilhas para emagrecer por um médico local. Um inquérito, que recebera grande cobertura local duas semanas antes, dera um veredicto aberto.

Fiquei contente por a amiga Yvonne ter dito aos jornalistas que eu mencionara factos que nunca tinham aparecido em nenhum jornal – incluindo os nomes das colegas de trabalho. Também esclareceu outro pequeno mistério para mim: por que razão a Doreen falara da mesa comprida à volta da qual todas trabalhavam. Pode ter sido um pormenor trivial, mas era exato e do tipo que só as amigas e colegas dela saberiam.

Outro pequeno mistério foi também esclarecido quando o John e eu estávamos sentados no camarim depois da demonstração. Bateram à porta e um dos funcionários do salão pôs a cabeça de fora para nos dizer que uma velha amiga estava doida para nos conhecer.

Trouxe uma jovem morena e alegre cujo rosto me era vagamente familiar. A princípio não conseguia lembrar-me do nome, depois caiu-me a ficha. – Tu és a mulher do Ginger Flanagan! – Que raio fazes tu nesta zona do país?

Um sorriso abriu-se de orelha a orelha na cara dela. – Ora, Doris, mudei-me para cá e quando soube que vinhas actuar esta noite tive mesmo de vir.

Então era por isso que o Ginger se manifestara à tarde. Sabia que a Anita ia estar no teatro e sintonizara-se comigo enquanto eu descansava. Eu simplesmente não captara a dica. Fiquei mais do que um bocadinho chateada, sobretudo pela Anita. Mas se conheço bem o Ginger, não vai demorar muito até fazer outra visita e da próxima vez estarei preparada. Mas isto só prova que os médiuns são tão humanos como qualquer outra pessoa. Todos cometemos erros, não é verdade?

CAPÍTULO OITO

O rapazinho parecia adorável. Tinha uma cabeleira de caracóis loiros e estava vestido com o seu melhor fato de domingo. Não havia o mínimo sinal de timidez enquanto corria para cima e para baixo pelo corredor, ignorando completamente as mil ou mais pessoas que enchiam o Salão Municipal. Gritou-me: «Olha para o meu cabelo agora, Doris. Está bonito, não está? Tal como era antes. E sinto-me mesmo bem. Está tudo tão emocionante.»

Ainda assim, ninguém no público lhe prestou atenção, mas não era de estranhar. O rapazinho era uma criança espiritual.

Nunca o tinha encontrado antes, mas era óbvio que tinha vindo aquela noite para contactar alguém. Disse-lhe: «Sim, o teu cabelo está mesmo elegante e o fato também. Como te chamas, meu amor?»

«Stephen», respondeu ele, e depois disparou pelo corredor lateral do salão, gritando: «Aqui, Doris, vem para aqui. É aqui que quero estar.» E desapareceu atrás de uma fila de cadeiras.

Apontei para aquele canto do salão e disse: «Sei que quero estar ali por perto. Há alguém sentado aí que tenha um rapazinho chamado Stephen no mundo espiritual?»

O Stephen incitou-me: «Fala-lhes do meu cabelo, Doris, e de como está bonito. Era todo desgrenhado da última vez que o viram. Agora iam gostar.»

Compreendi o que o pequeno anjinho me estava a dizer, por isso acrescentei: «O menino de quem falo provavelmente morreu de cancro e recebeu muito tratamento no hospital.»

Uma mulher de meia-idade levantou-se de um salto e disse: «Nós conhecemo-lo, Doris. Cuidámos dele quando tinha leucemia.»

O Stephen sussurrou: «É isso mesmo, são elas que vim ver. Cuidaram de mim durante muito tempo, mas no fim tive de partir. Diz-lhes para transmitirem uma mensagem à Mummy. Diz-lhe para não se preocupar. Está tudo bem e, por favor, por favor, fala à Mummy do meu cabelo.»

Transmiti fielmente a mensagem e soube-se que o tratamento com rádio que o Stephen recebera no hospital fizera cair grande parte do cabelo. Mas ali, no Salão Municipal de Hanley, perto de Stoke-on-Trent, ele voltara com uma cabeleira cheia de caracóis saltitantes que encheria de orgulho qualquer mãe.

A última imagem que os pais do Stephen tinham dele seria a de um pobre pequenino com pouco ou nenhum cabelo, por isso ele queria que soubessem que estava bem outra vez, e tão bonito e saudável como sempre fora. E esse tipo de mensagem significa mais para um pai ou uma mãe do que um milhão de palavras de conforto cuidadosamente escolhidas.

O casal que o Stephen viera ver eram, na verdade, curadores. Eram também espiritualistas e tinham dado tanto cura ao Stephen como conforto espiritual à mãe dele durante o calvário do menino. Não tinham vindo especificamente na esperança de receber uma mensagem do Stephen e ficaram muito surpreendidos quando ele apareceu para dizer «olá». Tenho a certeza de que, quando voltassem a casa da mãe do Stephen, aquela mensagem seria algo que ela guardaria como tesouro pelo resto dos seus dias. E saber que ele recuperara a sua beleza e energia há de sustentá-la ao longo dos anos até voltarem a estar juntos.

Sem dúvida que a mãe do Stephen recebeu mais conforto dentro do Salão Municipal do que do grupo de fanáticos religiosos que passou a noite nas escadas lá fora. Pregavam o fogo do inferno e a danação para quem ousasse passar uma noite com a Doris Stokes.

Entristece-me que algumas pessoas sintam assim. O Espiritualismo não é algo de que ter medo. Se temos medo de alguma religião, há qualquer coisa errada. Talvez uma das grandes vantagens que nós, médiuns, temos seja que a maior parte de nós consegue rir-se de si própria, não precisamos que os outros nos ridicularizem. Gosto sempre de contar a anedota da vez em que um fã de desporto foi a uma consulta.

Disse ao médium: «A consulta foi muito impressionante, mas há só mais uma coisa que gostaria de saber. Acha que podia perguntar ao seu guia se praticam desporto do outro lado?»

O médium coçou a cabeça e respondeu: «Bem, essa é uma pergunta que nunca fiz e não sei a resposta. Mas volte na próxima semana que eu tento descobrir para si.»

Na semana seguinte o homem voltou e o médium disse: «Tenho o que se pode chamar uma boa notícia e uma má notícia.»

O homem respondeu: «Oh, diga-me primeiro a boa notícia. Diga-me, praticam desporto do outro lado?»

O médium disse: «Sim, praticam.»

«Jogam críquete?»

«Sim.»

Ora isso é maravilhoso, fantástico. Mas qual é a má notícia?, perguntou o homem.

O médium fez uma pausa e depois disse: «Receio bem que seja capitão no domingo!»

Se ao menos aquelas pessoas lá fora se tivessem dado ao trabalho de entrar, podiam ter partilhado a anedota connosco. Também podiam ter partilhado a tremenda sensação de alegria que vinha com cada mensagem do mundo espiritual, e o conforto que essas mensagens traziam.

O pequeno Stephen tem agora um lugar muito especial no nosso apartamento, juntamente com as minhas outras crianças espirituais, tal como dois jovens que me visitaram enquanto fazia uma demonstração no Forum Theatre, em Manchester.

Mais uma vez o teatro, que fica no subúrbio de Wythenshawe, nos arredores de Manchester, estava completamente cheio. Mal tinha começado a demonstração quando reparei numa rapariguinha de cerca de doze anos que estava na coxia. A princípio pensei que pudesse ser filha de alguém do público que se tinha perdido e entrado no palco por engano. Parecia tão real. Mas depois percebi que ninguém, além de mim, a via. Era obviamente do mundo espiritual.

Normalmente só oiço vozes, e muito raramente vejo espíritos, e quase sempre são crianças. Tal como esta rapariga, parecem-me tão reais que os posso confundir com as crianças de carne e osso que vivem aqui no plano terreno.

Não disse nada quando vi pela primeira vez esta rapariga. Trazia um camisola e jeans e o seu longo cabelo preto caía-lhe pelos ombros. Parecia hesitante e tímida e percebi que provavelmente era a primeira tentativa dela de comunicar do mundo espiritual.

«Olá, Doris», disse ela. «Trouxe o meu priminho pequenino. Queres vê-lo?»

Isso apanhou-me um pouco de surpresa e não disse nada ao público, limitei-me a acenar com a cabeça. Ela saiu a saltitar com um enorme sorriso e voltou segundos depois com um lindíssimo menino de cerca de dois anos. Chuchava no dedo e arrastava um ursinho de peluche atrás de si. Era uma visão adorável e já não consegui conter-me mais.

«Tenho aqui uma rapariguinha chamada Kate e está com um menino lindíssimo. Querem dizer olá a alguém Bited Rose.» Depois, virando-me para a menina, disse: «Vamos lá, meu amor, diz o que queres dizer.»

Ela respondeu: «Diz-lhes apenas que sinto muito, Doris. Não culpem o meu priminho. A culpa foi minha. A Mummy avisou-nos para não irmos para os carris, mas fomos.»

As palavras saíam-lhe aos tropeções, como se estivesse finalmente aliviada por poder explicar o que acontecera. «Havia um buraco na vedação. Passámos por ele e depois o meu priminho caiu e eu voltei para trás para o ajudar. Foi aí que aconteceu.»

Durante toda esta conversa, o menino ficou muito sério a chuchavar no dedo, agarrado ao ursinho e a olhar para a Kate. Depois tirou o dedo da boca e falou pela primeira vez. Tinha um ceceio muito marcado e disse com uma voz surpreendentemente rouca: «Sim, mas diz a toda a gente que agora estamos bem.»

Transmiti a mensagem ao público. Era tudo tão vívido, descrevi as crianças, as vozes, e disse: «Eles estão aqui connosco no palco agora!»

Do fundo do teatro ouvi uma voz gritar: «Meu Deus, são nossos.»

Era uma mulher de cerca de cinquenta e tal anos. Veio pelo corredor abaixo e, quando subiu ao palco e se pôs à minha frente, o menino começou a saltar para cima e para baixo, gritando: «É a nossa avó, é a nossa avó!»

Enquanto descrevia o que estava a acontecer, a mulher desfez-se em lágrimas e disse: «É verdade, Doris. Tens aí os meus netos. Perdemo-los no ano passado em férias. A mãe da Kate avisou-os para não se aproximarem dos carris do comboio, mas eles foram. Foi terrível. Foram os dois atropelados por um comboio e morreram instantaneamente.»

Lembrei-a com a maior delicadeza possível de que eles não estavam mortos. Tinham abandonado o plano terreno, mas agora estavam no mundo espiritual. Tinham vindo aquela noite para provar que na sua nova vida estavam perfeitamente felizes e bem cuidados. Foi tudo muito emotivo e, no fim do contacto, acho que não havia um único olho seco no teatro.

Houve bastante choro nesta tournée, mas fico feliz por dizer que na maior parte das vezes foi de alegria e riso! É essa a atmosfera de que gosto mesmo, e uma das noites de que me lembro melhor foi em Derby, quando uma velhinha chamada Nellie os fez rolar pelos corredores de tanto rir. Realmente pôs o telhado abaixo.

Quando a voz dela veio pela primeira vez, dei por mim a apontar para qualquer lado por volta da sexta fila de cadeiras. Disse: «Quero estar ali por

perto e tenho a Nellie para alguém. Sei que é algures pela quinta ou sexta fila.»

Na sexta fila, a voz de uma mulher jovem respondeu: «Doris, a nossa mãe chamava-se Nellie e está do outro lado.»

«Bem, ela voltou para vos dizer olá», respondi. «E digo-vos mais uma coisa, uma das pessoas que está convosco esteve em dúvida se havia de vir ou não esta noite.»

Sem parar para pensar, e com a Nellie a incitar-me, acrescentei: «Na verdade, não queria mesmo vir porque achava que eu era um bocado esquisita.»

A filha da Nellie, que depois soube que se chamava Margaret Payton e vive em Etwall, perto de Derby, virou-se para a companheira e disse: «Ora essa, nunca me disseste nada disso!»

Entrei na conversa: «Não, não disse, mas a Nellie está a contar-me tudo.»

A amiga da Margaret contorceu-se um pouco com os holofotes em cima dela e eu senti pena porque a vi corar, por isso acrescentei: «Agora que estás aqui, meu amor, não é tão mau como pensavas, pois não? Quer dizer, não estamos a assustar ninguém nem a ser demasiado sérios, pois não?»

«Não é nada tão mau como eu pensava», riu-se ela.

Depois voltei-me para a Margaret e disse: «A tua mãe não para de me chamar "me duck".» O efeito nela foi eletrizante. Suspirou e disse: «Tem razão, Doris, ela deve estar mesmo consigo. Era assim que ela tratava toda a gente.»

Continuei: «Acabou de dizer "A minha filha acabou de comprar uma máquina de lavar nova, me duck, pergunta-lhe só sobre isso!"»

A Margaret interrompeu e disse: «Não, Doris, não foi máquina de lavar roupa. Foi máquina de lavar loiça.»

Antes que tivesse tempo de pensar, soltei palavra por palavra a resposta da Nellie: «Ela está a dizer: "Fosse o que fosse, a verdade é que a maldita coisa não cabia na cozinha. Não passava pela porta!"»

A Margaret quase desmaiou e o resto do público também.

«Tem razão, Doris, tem razão», gritou ela outra vez, quase a sufocar de tanto rir.

O resto do teatro estava em alvoroço com este último comentário, mas agora a Nellie estava lançada e disse: «É típico das minhas filhas, compram

primeiro e pensam depois. Não cabia, pois não! Eu ali parada a vê-las aflitas. Dei uma boa gargalhada sozinha.»

O público gritava de riso e, só para convencer toda a gente de que ela estava ali, acrescentei: «A Nellie acabou de me dizer que a vida foi dura para ela. Vocês, raparigas, têm tido as coisas muito mais fáceis, mas ela está contente por ver que herdaram alguns dos hábitos dela.»

A Nellie estava mesmo a divertir-se. Disse-me com ar entendido: «Vês, Doris, me duck, ela tinha uma conta de eletricidade que sabia que estava muito alta. Levou-a de volta e eles tiraram-lhe cinquenta e duas libras. Fiquei orgulhosa com isso.»

Nesta altura o resto do público ainda ria da história da máquina e não tinha ouvido bem o último comentário. Mas mais uma vez a Margaret pareceu levar um choque elétrico gigante quando transmiti a mensagem. Ficou de boca aberta, espantada, e disse: «A nossa mãe sabia sempre tudo. Mas diz-lhe que não foram cinquenta e duas libras que nos devolveram. Foram só trinta e duas! Ainda assim, foi muito bem-vindo.»

A Nellie ainda não tinha terminado a sua brincadeira e eu, obediente, relatei o próximo pedaço de informação que ela me sussurrou ao ouvido. Disse: «Margaret, lembras-te daquele pedaço de alcatifa da sala de jantar, a parte azul? Bem, está um bocado gasta, começou a desgastar-se, por isso viraste-a ao contrário. E a tua mãe acabou de me dizer: "O problema, Doris, é que ela comprou-a barata, sabes. Não devia ter comprado, claro."»

Mais uma vez a Margaret ficou atónita com a precisão e com o interesse óbvio que a mãe continuava a ter na vida da família cá em baixo. E, só para ter a certeza de que toda a gente sabia que ela ainda acompanhava tudo muito de perto, a Nellie sussurrou-me: «Diz à nossa Margaret que estive no número 67.»

Perguntei à Margaret: «Quem vive no número 67?»

«A minha irmã», respondeu ela.

«Bem, a Nellie também está de olho nela. Diz para te dizer que acabou de estar no número 67! E, só para provar, diz que gosta da nova lareira a gás que eles compraram.»

Essa foi a última pequena declaração triunfante da Nellie antes de se ir embora. As suas últimas palavras foram: «Diz só à família, me duck, que acho isto aqui fantástico, é lindo, mas mesmo assim vou continuar de olho em todos eles. Amo-os tanto como sempre.» Com isso a velhinha foi-se embora. Mas que personagem, alguém que nunca esquecerei. E senti-me

realmente privilegiada por ter sido eu a transmitir as mensagens dela. Olhei para a Margaret, os olhos dela brilhavam com lágrimas. Mas eram lágrimas de riso e por todo o salão havia uma atmosfera maravilhosamente feliz, quase como num carnaval. Foi uma das demonstrações mais engraçadas da tournée. Normalmente, quando termino uma demonstração, sinto-me fraca e esgotada. O estômago e o plexo solar doem-me com toda a tensão. Nessa noite doía-me tudo, sim, mas honestamente pensei que ia rebentar de tanto rir!

Nem todas as conversas com o mundo espiritual se transformam nesse tipo de espetáculo de cabaré, claro. Muitas vezes a atmosfera tem um toque de tristeza ou arrependimento, porque normalmente, depois de um ente querido partir, pensamos em tantas coisas que devíamos ter-lhes dito quando ainda estavam connosco em corpo. Ou pensamos em tantas outras coisas que não devíamos ter dito. Seja como for, não vale a pena passar o tempo a remoer isso. Os vossos entes queridos continuam tão perto como sempre estiveram. Sabem como vos sentis. E compreendem.

Se nós, no plano terreno, nos déssemos mais tempo para tentar compreender-nos uns aos outros, teríamos muito menos discussões. Um pouco de paciência e tolerância ajudam muito a tornar o mundo um lugar melhor para viver. Lá que eu tenho de admitir que, como qualquer pessoa, também há vezes em que a minha própria paciência é posta à prova até ao limite. Como quando estávamos em Stoke-on-Trent. Não foram os manifestantes religiosos a cantar hinos a plenos pulmões toda a noite que me incomodaram. Foi o bando de estorninhos que resolveu dar-me um concerto ao amanhecer… a noite toda!

O John e eu tínhamos sido instalados num lindo hotel antigo em frente à estação. Era como todos os hotéis de caminho-de-ferro à moda antiga, com tetos altos e alcatifas grossas. Tínhamos um quarto agradável, com vista para um grupo de árvores. O problema era que esse também era o lar de milhões de estorninhos. Ou pelo menos assim parecia. Durante o dia era agradável e tranquilo, mas ao cair da noite desciam os estorninhos. O ar ficava quase negro com eles. Era incrível e, da primeira vez que vi este fenómeno, gritei ao John: «Deve estar a preparar-se uma tempestade terrível. O céu escureceu de repente.» Mas claro que não eram nuvens que tinham tapado a luz. Era este enorme bando de pássaros.

Tinham-se instalado na árvore mesmo em frente à janela do nosso quarto, no primeiro andar. Era uma visão inacreditável. Todos os ramos

estavam cobertos de pássaros. Não se via uma folha ou um ramo. O porteiro do hotel disse-me que estava tão perplexo como nós: «Nunca vi nada assim, Mrs Stokes», disse com um brilho nos olhos. «Parece que todos os estorninhos das Potteries vieram dar-lhe as boas-vindas!»

Fiquei apenas a olhar para aquele bando enorme, admirada. O barulho que faziam era quase ensurdecedor. Quando saímos para a demonstração em Hanley, lembro-me de pensar: «Não é fascinante a natureza?»

Não era assim tão fascinante, porém, quando voltámos à meia-noite. Os estorninhos ainda lá estavam. E continuavam a piar, embora a essa hora o barulho que faziam já de certeza não fosse música para os meus ouvidos. Tanto o John como eu passámos a noite toda com a janela bem fechada, os cortinados corridos e almofadas por cima da cabeça. Mas nem assim o barulho desaparecia completamente. Desapareceu, juntamente com os pássaros, lá para o amanhecer. E novamente durante o dia o nosso quarto estava deliciosamente silencioso.

Depois, assim que o sol começou a pôr-se, os estorninhos reapareceram aos milhares e começaram a cantar outra vez. Gemi para o John: «Não aguento muito mais isto, meu amor. Fico maluca se tivermos outra noite como a de ontem. A natureza é linda e é bom ver os pássaros felizes, mas também há limites para o que é bom.» E, para meu espanto, quando o John e eu voltámos ao hotel outra vez à meia-noite, senti que algo muito estranho tinha acontecido. A princípio não conseguia perceber o que era e depois agarrei de repente o braço do John e disse: «São os estorninhos, foram-se embora!» E tinham. Não se ouvia um único pio. Era muito estranho.

Então o porteiro da noite viu-me e veio a correr contar-nos: «Foi extraordinário, Mrs Stokes. Hoje havia mais estorninhos do que nunca naquela árvore em frente ao vosso quarto. Na verdade, era demais para a pobre árvore velha, um ramo partiu-se e caiu com estrondo. Assustou tanto os pássaros que voaram todos e não voltaram mais.»

Saí para o pátio do hotel. O ramo que se partira tinha pelo menos quinze centímetros de espessura. Por mais podre que estivesse, seguramente não podia ter sido derrubado apenas pelo peso de um bando de pássaros.

Uma amiga sugeriu que o mundo espiritual me tinha dado uma ajuda. Não conseguia acreditar que os meus amigos do mundo espiritual se dedicassem a afugentar pássaros. Pelo menos esperava que não, porque

quando aquele ramo caiu fez um amassadela muito séria no tejadilho de um carro muito elegante que estava estacionado mesmo por baixo! Só posso dizer que tanto o John como eu dormimos muito bem nas nossas camas nessa noite e não nos demos ao trabalho de investigar o mistério mais a fundo.

CAPÍTULO NOVE

A nossa viagem a Brighton foi uma espécie de dupla celebração para mim. Três semanas antes, pensara que talvez tivesse de cancelar o espetáculo outra vez quando me chamaram de volta ao hospital para mais exames. Havia mais de um mês que sentia dores persistentes debaixo do ombro direito. A princípio, ignorei-as e empurrei aquele medo terrível – que ainda hoje, de vez em quando, me assalta – para o fundo da mente. Mas, com o tempo, a dor tornou-se mais aguda e nem o toque curador do John era suficiente. Tive de ir ao médico, que me mandou internar.

Não direi que o hospital Charing Cross seja exatamente como estar em casa, mas já lá entrei e saí tantas vezes que passei a considerá-lo mais ou menos a minha segunda casa! E o maravilhoso pessoal de enfermagem faz tudo para suavizar o impacto sempre que sou internada; a boa disposição deles ajuda, sem dúvida, a tornar as coisas suportáveis. Mas, como muitos de vós bem sabem, por mais que o pessoal tente animar-nos, chega sempre o momento em que nos sentimos desesperadamente sós, com nada além dos nossos próprios pensamentos. E esses podem ser aterrorizadores.

O momento da verdade chegou para mim na primeira noite, depois de o John me beijar com um «boa noite» e voltar para casa para fazer o jantar! As luzes da enfermaria tinham sido apagadas e o silêncio instalara-se em todo o edifício. Até o som do trânsito londrino se reduzira a um mero murmúrio ao longe. De repente, senti-me só e um pouco assustada. Deitada ali, num ambiente que já se tornara dolorosamente familiar – nos últimos quatro anos andei para dentro e para fora do hospital –, enfrentei finalmente a pergunta que andara a afastar da mente há semanas. Disse uma pequena oração em voz alta: «Por favor, meu Deus, se for cancro outra vez, não me deixes sofrer durante muito tempo. Leva-me depressa.»

Fiz essa oração num estado meio sonolento, entre a vigília e o sono – mas alguém estava a ouvir. Uma voz que reconheci imediatamente como sendo do Ramonov chegou até mim, cortando com clareza o nevoeiro da

semi-consciência, dizendo com suavidade mas firmeza: «Descansa, minha filha, ainda tens muito trabalho para fazer.» Sem perceber bem o significado, deixei-me levar e adormeci profundamente.

Durante três dias fui picada, apertada, examinada e espiada, e subi e desci de elevador para fazer radiografias tantas vezes que me senti um iô-iô. No fim desse tempo, a única coisa que me puderam dizer com certeza foi que não havia sinais de recidiva do cancro! Chorei de alegria e agradeci a Deus esta nova oportunidade de vida e, no quarto dia, houve um bónus adicional.

Um cirurgião especializado no sistema nervoso deu com o problema. Sofria de um nervo comprimido e danificado por baixo da omoplata direita. A solução era tratamento com choques elétricos – e foi assim que me tornei conhecida como Doris Stokes, a médium biónica!

Deram-me uma caixinha preta para levar no bolso e prenderam elétrodos no local danificado – assim enviavam choques elétricos pelo meu corpo. Não era tão mau como parece. Os choques, que vinham de cinco em cinco ou de dez em dez segundos, provocavam apenas uma leve sensação de formigueiro, e eu pensei: «Bem, se alivia a dor, aguento-me com este aparelho bendito durante uma hora ou duas.»

Estava sentada na beira da cama quando o cirurgião veio ver como eu estava a correr. «Oh, não é assim tão mau», disse eu. «Consigo aguentar duas horas por dia.»

Ele riu-se e respondeu: «Tenho novidades para si, Mrs Stokes. Vai usá-lo oito horas por dia. E, já agora, deixe-me só dar uma olhadela rápida a essa caixinha para ter a certeza de que está a funcionar bem.»

Claro que não estava. A corrente elétrica estava no mínimo dos mínimos e, quando o cirurgião a ajustou, deu-me mesmo um choque. Mas, de alguma forma, senti que conseguiria sobreviver a tudo – afinal não tinha cancro, e sabia que este tratamento de choque não ia durar para sempre. Ao segundo dia, já me habituara à voltagem e a dor no ombro estava claramente a diminuir. Mas o tratamento tinha, sem dúvida, um efeito secundário estranho.

Não estava totalmente confinada à cama, mas não me deixavam vestir-me, por isso andava pela enfermaria com uma camisa de noite de nylon laranja. Foi no terceiro dia, já em casa, ainda com a minha caixinha de truques, que aconteceu a coisa mais esquisita.

Uma manhã, levantei-me da cama para fazer um chá e, quando estiquei o braço para abrir a porta da cozinha, ouvi um estalo extremamente alto. Durou apenas um segundo ou dois, mas olhei para o espelho do corredor. Foi uma das coisas mais engraçadas que já vi: eu e a minha camisa de noite laranja estávamos rodeadas por um brilho laranja vivo.

Obviamente tinha sido causado por algum tipo de acumulação de eletricidade estática, mas parecia quase sobrenatural – e muito cómico. Voltei para o quarto minutos depois com um chá para o John, ainda a rir sozinha.

«O que é tão engraçado?», perguntou ele.

«Devias ter estado cá há bocado e tinhas visto com os teus próprios olhos», respondi. «Sabes, acho que sou a única médium no mundo que conseguiu vislumbrar a própria aura – foi hilariante!»

Foi com este estado de espírito que o John e eu chegámos a Brighton e nos instalámos num hotel à beira-mar. Ainda era início de março, mas aquele dia na costa sul foi de um sol glorioso, o primeiro verdadeiro dia de primavera. Estava tão quente que abrimos as portas-janelas com vista para um mar tão azul como os que eu recordava da infância. E naquele dia senti-me tão despreocupada como quando era criança!

Nunca estive na Índia, mas, para mim, o Taj Mahal não poderia ser mais bonito do que o Royal Pavilion em Brighton. Fica lindo com as suas muitas cúpulas a brilhar ao sol. Mesmo atrás do Pavilion, que foi construído por um príncipe que tinha mais dinheiro do que juízo, fica a cúpula que outrora fora as cavalariças reais. Agora foi transformada num teatro magnífico com capacidade para duas mil pessoas e, na noite em que o John e eu lá fomos, todos os lugares estavam ocupados e a atmosfera era fantástica.

Fazia quase três meses, dia por dia, que eu fora obrigada a cancelar a demonstração original ali e agora percebia por que recebera tantas flores de pessoas solidárias da zona. O público foi realmente maravilhoso, caloroso e acolhedor. E, mais uma vez, havia um bom número de jovens entre eles.

Quando entrei pela porta dos fundos do teatro, dois rapazes adolescentes pararam-me e um deles disse: «É a Doris, não é? Estamos aqui à espera há mais de uma hora. Pode fazer-nos um favor?»

Não sabia o que dizer. De certeza que não queria fazer uma sessão ali no passeio. Mas não precisava de me preocupar. O mais velho dos dois disse simplesmente: «Por favor, Doris, podemos ter o seu autógrafo?»

Fiquei sem palavras. Foi tão tocante que, a princípio, não soube o que dizer, mas assinei com um floreado. Só vem provar que não são só velhinhas como eu que se interessam pelo espiritualismo; cada vez mais jovens se envolvem.

A atmosfera dentro do Dome era de excitação e expectativa. Quase se via no ar e havia um zumbido constante de conversa enquanto o público entrava. Nos bastidores, eu fazia o possível por relaxar, mas como sempre o meu estômago dava cambalhotas. Suponho que seja realmente porque nunca sei que tipo de mensagens vão chegar, ou sequer se o mundo espiritual me vai deixar ficar mal completamente, que me sinto apreensiva.

Sem dúvida que, nessa noite, não estava preparada para os primeiros dois visitantes. Tínhamos começado com um pouco de conversa preliminar e eu acabara de explicar o episódio dos rapazes a pedirem o meu autógrafo, quando uma voz me disse ao ouvido: «Sou a Edie, Doris, e quero dar um olá aos gémeos. O aniversário deles é a 17 de fevereiro.» Transmiti devidamente a mensagem, que foi reconhecida por uma senhora sentada na plateia.

«É a minha mãe, Doris, temos gémeos na família», gritou ela. «O aniversário é na verdade a 7 de fevereiro, não a 17. Deve ter ouvido mal essa parte.»

De repente ouvi um gato a miar e a Edie disse: «Diz-lhes que trouxe o Lucky comigo!»

Eu disse: «A mãe tinha um gato chamado Lucky?»

«Meu Deus, sim!», veio a resposta.

«Bem», disse eu, «temos o Lucky aqui também. Veio mostrar que os animais também podem viver no mundo espiritual.»

Nesse momento, um risinho percorreu o teatro e depois a Edie disse: «Acabaram de revestir a casa com pebble-dash.»

Eu disse em voz alta: «Isto soa muito esquisito, que coisa estranha de se dizer, mas a Edie diz-me que revestiram a casa com pebble-dash.»

Houve ainda mais espanto na voz quando a jovem senhora respondeu: «Bem, na verdade, Doris, foi com snowcem.»

Rápida como um raio, a Edie retorquiu: «Podem chamar-lhe o nome chique que quiserem. Para mim, foi pebble-dash!»

Quando transmiti esta informação, ouviu-se uma gargalhada geral por todo o teatro. Para alguns ouvidos podia ser uma mensagem trivial, mas a Edie estava simplesmente a dar à família a certeza de que, embora tivesse

partido, tanto ela como o gato Lucky continuavam a vigiar os seus com carinho – mesmo que eles não soubessem a diferença entre pebble-dash e snowcem!

O segundo contacto da noite também provocou bastante riso, mas senti-me inquieta. Havia também uma corrente subterrânea de tristeza, alguma tragédia pessoal que eu sentia mas não conseguia identificar com precisão, e só depois da demonstração é que a história completa foi revelada.

Na varanda, via uma luz azul forte a brilhar constantemente. Para mim, indicava um espírito que estava do outro lado há algum tempo, já bem instalado no mundo espiritual, mas que agora queria transmitir uma mensagem a alguém naquela plateia. O nome «Jackson» chegou até mim e, de facto, por baixo daquela luz azul sentava-se uma senhora que depois me disse que o nome completo era Elizabeth Jackson.

Disse: «Não consigo ver-te bem lá em cima, meu amor, e detesto falar para um borrão ao longe. Desce e vamos conversar.»

Enquanto a Mrs Jackson descia para a frente do auditório, uma voz de mulher disse-me ao ouvido: «Tive o mesmo problema que tu, Doris, mas não tive tanta sorte.»

Percebi o que queria dizer e perguntei diretamente: «Queres dizer que te tiraram uma mama, meu amor.»

«Sim», respondeu ela. E depois deu-me o nome «Ada». A essa altura, a Mrs Jackson já estava à minha frente. Era uma senhora atraente, de cabelo escuro e bem vestida, mas parecia ter olhos muito tristes.

Disse: «A tua mãe fez uma mastectomia?»

Aqueles olhos transformaram-se como por magia. Iluminaram-se como duas estrelas cintilantes. «Sim, Doris, fez.»

«O nome dela era Ada?»

Estrelas ainda mais cintilantes agora, enquanto o rosto dela se abria num grande sorriso e dizia: «Sim, é isso mesmo!»

A partir daí, nada parou a Ada, agora que conseguira contactar a filha. Tinham passado vários anos desde que partira, mas esta era a primeira vez que comunicava com a Elizabeth.

Transmiti fielmente as mensagens à medida que chegavam e a Elizabeth ia confirmando. A Ada disse: «Agora estou de perfeita saúde, tal como era antes, jovem como sempre. Passei um mau bocado com aquele

cancro, mas agora tudo isso ficou para trás e quero que a Elizabeth se lembre de mim como eu era antes de adoecer.»

Depois mencionou um bule de chá castanho e eu disse à Elizabeth: «A mãe está a falar de um bule de chá castanho. Guardava dinheiro lá dentro…»

A Elizabeth interrompeu, a rir: «Atirava-o ao meu pai quando ele tirava o dinheiro.»

O público adorou e riu-se às gargalhadas, mas de repente senti uma mudança na atmosfera. À minha frente tinha um mar de rostos sorridentes, mas a voz da Ada tornara-se séria. Sussurrou-me ao ouvido: «Vai haver uma separação. Diz-lhe para pôr tudo em ordem e falar com um advogado.»

Era uma mensagem estranha e, se estivéssemos só a Elizabeth e eu, tê-la-ia transmitido diretamente. Mas não parecia correto fazê-lo diante de duas mil pessoas. Tive de ser delicada. A mensagem fora dada e era meu dever transmiti-la, mas sem causar embaraço.

Disse-lhe: «A tua mãe manda-te todo o amor. Pede-te que sejas feliz e devo acrescentar que sei que há alguns problemas, mas não posso entrar em detalhes. Vai falar com um advogado.»

A Elizabeth olhou para mim com ar de quem entendia e disse: «Vou sim. Obrigada, Doris. Foste uma grande ajuda.»

Só mais tarde, nessa mesma noite, a Elizabeth, que vive em Brighton, revelou exatamente o que aquela mensagem significara para ela. Falou com um jornalista que cobria a demonstração e depois deu-me autorização para tornar público.

«A precisão das coisas que a Doris disse deixou-me atónita. Nunca tinha tido qualquer contacto com ela antes desta noite, mas acertou em tudo.

Quase desmaiei quando falou do bule. Até a cor estava certa e era algo que nunca tínhamos mencionado fora da família. Provou-me que há vida depois da morte e que a minha mãe estava ali comigo no teatro esta noite.

Tenho ido a vários médiuns nos últimos tempos. Andava desesperada à procura de alguma garantia de que há vida depois da morte, mas até esta noite procurara em vão. Tudo mudou agora, tenho a prova que procurava, toda a evidência de que precisava, e posso enfrentar o que me espera sabendo que, no fim de tudo, voltarei a reunir-me com as pessoas que amo.»

A Elizabeth falava com calma e, como o jornalista me contou depois, não houve qualquer aviso para a bomba que largou com o último comentário.

«A Doris, na verdade, foi assustadoramente precisa quanto aos meus próprios problemas e vou seguir o conselho da mãe de falar com um advogado e pôr tudo em ordem. Até esta noite não tinha coragem de fazer nada. Tudo parecia tão inútil porque não recebera prova alguma, mas, como disse, tudo isso mudou. Sabem, sofro de uma doença incurável. Só me restam alguns meses, mas agora sinto quase que tenho vontade de partir.»

A história da Elizabeth levanta a questão: por que razão alguns de nós têm de sofrer tanto? Nessa noite em Brighton, apenas minutos depois de ter falado com a Elizabeth, outra jovem perguntou-me: «Por que têm algumas crianças de sofrer tanto, Doris?»

Era evidente, pelo rosto triste dela, que perdera um filho, e o meu coração foi imediatamente ao encontro do dela. Perder uma mãe ou um pai, uma irmã ou um irmão é duro. Mas uma mãe perder o filho é indescritível. É uma parte de nós que morre e nunca mais volta a viver neste plano terreno. A angústia é algo que só outra mãe na mesma situação pode verdadeiramente compreender, e foi por isso que senti tanta afinidade com esta jovem mãe.

Só lhe pude dizer aquilo em que acredito firmemente: que aqueles que passam apenas pouco tempo aqui são os escolhidos especiais de Deus, não precisam de ficar tanto tempo no plano terreno.

Outro espectador em Brighton perguntou-me: «Terei de voltar a encontrar-me com a minha madrasta? Ela foi cruel comigo, tanto mental como fisicamente, antes de partir e, honestamente, Doris, não suportaria ter de falar com ela.»

Sinto-me sempre muito triste quando oiço comentários assim e, especialmente neste caso, quando não vinha de uma pessoa jovem. Disse-lhe: «Por favor, tenta não sentir amargura, isso não ajuda. Se a tua madrasta foi um demónio para ti, não há qualquer hipótese de te cruzares com ela do outro lado.

Ela estará a caminho de voltar aqui para baixo para começar a longa escalada pela escada outra vez, mas devias tentar encontrar no teu coração a força para lhe desejar boa sorte, porque ela vai precisar de toda a ajuda possível.

Fala com o teu guia espiritual esta noite e diz: "Ajuda-me a livrar-me deste amargo que sinto, porque está a estragar-me a vida."»

Mas houve, claro, muitas recordações vívidas e felizes e acho que ninguém no teatro esquecerá jamais a pequena Lainee. Dez anos, olhos azuis enormes e cabelo claro, dançou no palco durante dez minutos. Apenas uma luzinha azul tremeluzente por cima, que por vezes quase desaparecia, indicava que era uma criança espiritual que partira muito recentemente. À frente dela estava a tia Leslie, que confirmou que, de facto, a Lainee tinha partido apenas três dias antes.

A dor da mãe era compreensível e ela estava demasiado abalada para conseguir vir ao teatro. A tia Leslie, que na verdade era a sua melhor amiga, viera na mais remota esperança de que pudesse haver algum conforto. Nunca na vida esperara conseguir contactar a criança ela própria. Aliás, ainda via dúvida nos olhos dela enquanto eu descrevia a Lainee.

Mas depois a menininha disse, com um ar maroto: «Diz à tia Leslie que sei que o meu irmão David agora tem o meu relógio. Está a usá-lo e acho que lhe fica bem.»

Com isso, deu um sorriso enorme e eu consegui ver que tinha um dente da frente lascado. Com esta informação, a tia Leslie desfez-se em lágrimas.

E depois, enrolando os caracóis da franja no dedinho, a Lainee disse: «Obrigada por me deixarem vir. Queria vir porque a Mummy está tão triste, mas por favor diz à tia Leslie para ter a certeza de que a Mummy sabe que eu não fui embora a sério.»

E, como mensagem de despedida para tranquilizar toda a gente de que estava mesmo ali connosco, a Lainee acrescentou: «E não te esqueças de dar todo o meu amor à Michelle.»

Era a sua melhor amiga, que estivera com ela pouco antes de morrer de leucemia.

Fora uma noite muito emotiva e mais tarde o Mike Kiddey contou-me que vira uma funcionária do teatro, uma acomodadora, a soluçar o coração junto à porta do palco.

Tinha lágrimas a escorrerem-lhe pela cara enquanto desabafava: «Oh, a Doris não traz uma quantidade enorme de conforto?»

Pensei cá para mim: não sei bem como hei de tomar isto! Mas, por outro lado, um bom choro faz sempre muito bem, não faz?

CAPÍTULO DEZ

1984 começou para mim com uma pequena conversa com George Orwell.

Bem, não foi bem uma conversa aconchegante, foi mais uma lição do George com eu sentada a ouvir, toda mansa e humilde. E também não foi nada uma ocasião íntima. Todo o episódio foi gravado e exibido para milhões de telespectadores na costa oeste dos Estados Unidos.

Foi uma experiência que nunca esquecerei. E sei que a equipa de televisão também não. O Mr Orwell ficou muito irritado e, a certa altura, ameaçou mesmo sabotar as filmagens!

O nome verdadeiro dele era Eric Arthur Blair e morreu há mais de trinta anos. A maior parte das pessoas conhece-o como o autor de *1984*, no qual previu que as nossas vidas seriam dominadas pelo Grande Irmão. Claro que já ouvira falar do livro, mas nunca o lera. Livros assim não são a minha praia. Acho que já há problemas que cheguem, sem estar a imaginar mais ou a ler sobre coisas que poderiam acontecer.

Mas, à medida que 1984 se aproximava, todos os jornais andavam agitados com o assunto e apareciam notícias quase todos os dias. Eu não estava especialmente interessada, porque o Natal estava a chegar e eu andava muito mais ocupada a preparar-me para esta época maravilhosa do ano.

Adoro o espírito do Natal – é especialmente fantástico para os mais pequeninos – e fico sempre triste quando as festas acabam. Se ao menos conseguíssemos manter todo aquele amor e harmonia durante o ano inteiro… Para mim, um problema muito maior do que George Orwell e *1984* era onde pendurar todos os postais de Natal que chegavam em cascata pela caixa do correio. Eram tantos!

Na véspera de Natal já quase não se via um pedaço de papel de parede que não estivesse coberto de presépios, pássaros-vermelhos, bonecos de neve ou sinos, e a prateleira da lareira desaparecera completamente debaixo de uma verdadeira tempestade de postais! Dava ao John e a mim uma sensação boa e quente pensar que, para lá das nossas quatro paredes, tínhamos centenas de amigos invisíveis que se tinham dado ao trabalho de nos desejar um Feliz Natal. Obrigada a todos, do fundo do coração.

Estava a prender os postais mais recentes na parede quando o telefone tocou.

Uma voz disse: «Olá, Mrs Stokes, o que vai fazer na passagem de ano?»

Era uma voz alegre, entusiástica, que eu não reconhecia. Eu sabia muito bem o que ia fazer na passagem de ano. Ver televisão com o John e, muito provavelmente, estar enfiada na cama muito antes de tocarem as campainhas do Ano Novo. Mas respondi: «Não tenho a certeza do que vamos fazer. Porquê, para que quer saber?»

«Bem», disse a voz. «Gostaríamos que falasse com George Orwell para nós.»

Não soube o que dizer! Já tivera pedidos engraçados na vida, mas este batia todos. Fiquei tão atónita que respondi sem pensar: «Ah, percebo, está bem então.»

«Fantástico!», entusiasmou-se o interlocutor. Quase o via a dar saltinhos de contente. «Entramos em contacto em breve.»

Depois consegui reunir os pensamentos e disse: «Espere aí, esqueci-me de perguntar quem é!»

Soube-se que iam fazer um filme para uma televisão de Los Angeles, como parte de uma série sobre fenómenos psíquicos de todo o mundo.

Ri-me sozinha porque imaginava aquele grande produtor americano de televisão, a fumar charuto, a gritar: «Tenho uma ideia genial. Vamos arranjar alguém para falar com o George Orwell no Ano Novo.» Ainda hoje não sei como chegaram ao meu nome, mas o homem disse: «Sabia que podia contar com a sua ajuda, Doris. Passamos por aí o mais rápido possível para discutir os detalhes.»

Respondi: «Não tenham pressa. Pelo menos deixem-nos comer o jantar de Natal primeiro!»

Minutos depois, o John chegou das compras. Ouvi-o abrir a porta enquanto eu estava na cozinha e gritei-lhe: «Tenho uma pequena surpresa para ti. Vamos sair na passagem de ano.»

«Isso é uma bela mudança», disse ele.

«Sim, e adivinha com quem vou falar?»

«Não faço ideia, meu amor.»

Fiz uma pausa de um segundo e depois disse: «George Orwell.»

«Ora essa!», respondeu o meu marido. Mas depois de tantos anos juntos, absolutamente nada o surpreende. Ele aceita tudo com naturalidade.

As idas e vindas no nosso apartamento já são vistas como completamente normais pelos vizinhos, por isso ninguém pestanejou

quando as câmaras de televisão apareceram uns dias antes da passagem de ano. A minha amiga Nancy tinha acabado de passar por lá para tomar um chá quando chegaram os técnicos.

«Esquece o chá», disse ela. «Saio do caminho.»

«Nem penses», retruquei, um pouco zangada. «Ficas aí e vês a diversão. Não faço ideia do que eles querem que eu faça e pode ser engraçado.»

E foi assim que a Nancy, viúva de guerra e companheira espiritualista, se viu num novo papel nessa tarde. Tornou-se entrevistadora de televisão!

Enquanto os técnicos desenrolavam quilómetros de cabos pelo apartamento, o cameraman chefe explicou-me o que queria que eu fizesse.

«É fácil, Doris. Fala diretamente para a câmara. Conta-nos tudo sobre ti, porque te tornaste médium, as experiências que tiveste, o mistério que envolve tudo isso e quaisquer milagres que te venhas à cabeça.»

«Espere lá», respondi. «Não há mistérios nem milagres. É a coisa mais natural do mundo e, já agora, o que é que isso tem a ver com George Orwell?»

«Temos de criar ambiente, fundo, o resto. A cena propriamente dita, quando contactares George Orwell, será em Ipswich.»

Pensei cá para mim: «Estão a dar muita coisa como garantida. Ainda não sei se o George quer falar connosco e, se não quiser, nenhum cameraman a correr de um lado para o outro o vai convencer.»

Mas guardei esse pensamento para mim e disse apenas: «Ótimo, mas não posso estar aqui parada a olhar para uma câmara e a falar de mim. Sinto-me parva! Têm de arranjar alguém que me entreviste e faça perguntas.»

O cameraman respondeu: «Isso significa cancelar as filmagens de hoje, Doris, até conseguirmos alguém.»

Olhei para todo o equipamento espalhado pela sala e pela cozinha e pensei: «Não posso ter esta confusão outra vez.» Depois tive uma ideia genial. «E a Nancy?», exclamei.

A Nancy quase deixou cair a chávena e o pires de espanto. Mas aceitou e resultou lindamente. Sentámo-nos simplesmente na sala, descontraídas, enquanto a Nancy me perguntava sobre espiritualismo. Claro que ela sabe tudo sobre o assunto, por isso está habituada ao tipo de perguntas que nos fazem, mas a equipa achou intrigante. Aliás, quando chegaram, percebi que estavam um pouco céticos em relação à

mediunidade. Mas depois das filmagens o cameraman chefe disse-me: «Foi fantástico. Tão natural e sincero. Foi um golpe de génio escolher a Nancy para ajudar.»

A equipa de filmagem mal podia esperar para chegar a Ipswich. Quanto a mim, não tinha tanta certeza. Não lera nada sobre o homem nem sobre o livro, mas tinha uma sensação incómoda de que o Mr Orwell poderia revelar-se difícil. E como eu tinha razão, como descobri duas noites depois.

A primeira desilusão veio com um telefonema no dia seguinte. Não passaríamos a passagem de ano em Ipswich. O hotel onde tínhamos reserva, e onde iríamos filmar, estava, como era natural, a organizar um baile de Réveillon. O realizador achou que o barulho não seria favorável a uma demonstração de mediunidade. Pelo feeling que eu tinha do Mr Orwell, concluí que ele definitivamente não gostaria de fazer contacto num lugar cheio de gente com chapéus engraçados e a festejar. Não parecia mesmo o género dele.

Ficou combinado que o John e eu iríamos a Ipswich no dia de Ano Novo, por isso passámos mesmo a passagem de ano a ver televisão.

Mas nessa noite não conseguia dormir de tanta preocupação com as filmagens da manhã seguinte, então pensei: «Porque não tentar contactá-lo agora?» Normalmente, claro, quando faço contacto com o mundo espiritual e transmito mensagens, faço-o em nome de alguém que está comigo na altura. Sirvo de ponte entre os dois lados. Mas nessa noite não. Éramos só eu e, esperava eu, o George.

Concentrei-me muito e disse para mim própria: «Vamos lá, George. Não sei nada sobre ti e, no entanto, amanhã supostamente vou tentar contactar-te. Por favor, fala comigo agora, só para me dares alguma informação de fundo para não nos ligarmos como completos estranhos.»

Muito brevemente, com o terceiro olho, vi um rosto. Parecia encovado e macilento, com cabelo escuro. Mas a impressão mais viva foi a de uma cicatriz no pescoço. Depois uma voz distinta, educada, forte mas impaciente chegou até mim: «Quem é você, mulher? Não a conheço, o que quer?»

«Meu Deus, é o George!», ouvi-me dizer.

Tendo feito o contacto, decidi ignorar os modos um pouco bruscos dele e perguntei: «Não li o seu livro, mas 1984 é assim como previu?»

Ele respondeu com um sotaque claramente de Lancashire: «Vou-lhe dizer já, minha querida, em muitos aspetos está muito pior!»

Não conseguia perceber esta mudança abrupta de sotaque. Aquele falar afetado desaparecera completamente – e a voz estava mais calorosa, até bondosa. Podia ser outro espírito a falar, mas eu sabia que não era. Continuava a ser Orwell, disso tinha a certeza, e mais tarde soube que ele realmente passara grande parte da vida em Lancashire.

Orwell voltou ao sotaque de classe alta e disse: «Ouça-me, mulher. Este mundo vai certamente destruir-se a si próprio. Ou melhor, vocês, mortais, vão destruir tanto esta terra maravilhosa como uns aos outros, a menos que façam algo a respeito. Era isso que eu tentava dizer às pessoas.» Dava para perceber que estava a ficar muito zangado.

Eu disse: «Bem, onde está esse Grande Irmão de que falava, que ia vigiar-nos e dominar as nossas vidas?»

«Olhe à sua volta, mulher.» Havia um tom de desprezo na voz.

«Porque tem uma visão tão sombria do mundo?», perguntei. «Não devo pensar que tenha feito muitos amigos. Era demasiado carrancudo.»

Quase o ouvia suspirar quando acrescentou: «Não tive muitos amigos. Não era aceite pela minha própria classe. Não me compreendiam. E as classes trabalhadoras também não me aceitavam, embora eu tentasse misturar-me com elas. Toda a minha vida andei à procura de uma identidade que nunca encontrei.»

Houve silêncio durante alguns segundos, depois um risinho e a voz voltou ao largo sotaque de Lancashire: «Chega disto, rapariga! Resolvam primeiro os vossos problemas na terra antes de começarem a perguntar pelos meus.»

Respondi: «É aprendendo com os erros dos outros, além dos nossos, que podemos tornar este mundo um lugar melhor. E não lhe custa nada dar um conselho.»

A voz tornou-se petulante e de novo aristocrática. Cortou: «Não gosto da raça humana. Não gosto da sua cara parva.» E depois desapareceu. De repente e sem aviso.

Tentei desesperadamente contactá-lo outra vez, concentrando-me tanto que até me deu dor de cabeça. Mas foi inútil. Ao longe ouvi um relógio dar horas. Eram duas da manhã de 1 de janeiro de 1984. Pensei para mim: «Obrigada por ter aparecido, Mr Orwell. Mas pelo menos podia ter-me desejado um Feliz Ano Novo antes de desaparecer outra vez!»

Definitivamente não era uma alma feliz. Antes de cair naquele sono profundo que sempre segue um contacto com o mundo espiritual, fiz uma oração. Pedi que 1984 trouxesse um pouco mais de paz e compreensão aqui na terra e um pouco menos de amargura na alma de George Orwell.

O Great White Horse é um hotel lindo mesmo no centro de Ipswich. Tem centenas de anos e, assim que entrei, senti-me em casa. Era tranquilo, impregnado de história e cheio de atmosfera. O pessoal conta com orgulho que Lord Nelson lá ficou, tal como Charles Dickens – a estalagem desempenhou um papel importante na vida de Samuel Pickwick em *The Pickwick Papers*. O que os guias turísticos não dizem é que George Orwell também lá dormiu mais do que uma vez. Nem revelam que foi no Great White Horse que ele perdeu as estribeiras. Mas perdeu, e aconteceu enquanto estávamos a filmar ali para o programa de televisão americano.

A companhia escolhera Ipswich porque fora ali que Orwell, ou melhor, Eric Arthur Blair, passara bastante tempo. Adotara o pseudónimo a partir do rio Orwell que atravessa a cidade e, suponho, os produtores do filme televisivo pensaram que seria mais fácil para mim contactá-lo num ambiente que lhe fosse familiar. Ajuda um pouco, sim, mas é muito mais importante ter alguém que o tenha conhecido em vida e com quem ele possa querer falar. E isso aplica-se a qualquer contacto no mundo espiritual. Não posso exigir nada deles, só posso pedir. E eles respondem mais facilmente quando têm um ente querido ao meu lado. Nesta ocasião, não tínhamos ninguém que conhecesse pessoalmente Orwell, mas havia vários especialistas e uma pilha de livros de referência para confirmar quaisquer factos que eu pudesse trazer à tona durante a sessão.

Um táxi velho e rangente veio buscar-nos às 10 da manhã para nos levar a Ipswich e, olhando para trás, foi uma viagem hilariante: o motorista perdeu-se e, como o carro praticamente não tinha molas, parecia que íamos sentados no chão, com o nariz a mal chegar às janelas. Quando o John, a Nancy e eu chegámos a Ipswich, quase foi preciso uma lata de sardinhas e um abre-latas para nos tirar do táxi. Estávamos tão doridos que mal conseguíamos andar!

Por isso, naturalmente, a primeira coisa que quisemos ao chegar foi uma chávena de chá. Enquanto estávamos sentados no pátio coberto, que fora transformado num lounge muito acolhedor, o realizador de televisão explicou exatamente o que planeava fazer.

Haveria um painel de oito pessoas, de todas as idades e origens, com algum conhecimento sobre Orwell, além de outras pessoas nas coxias com os livros de referência. As câmaras começariam a rodar e, de alguma forma, eu teria de tirar George Orwell da cartola, ou melhor, do ar. Na verdade, acho que a equipa de televisão não fazia ideia do que esperar. Ouvi o realizador perguntar a alguém quando cheguei: «O que acontece? Ela entra em transe ou assim? Quer dizer, o que é que vamos ver?»

Expliquei, com a maior delicadeza possível, que não ia filmar um espetáculo televisivo com coros de anjos ou fantasmas a atravessar paredes. «Vão ouvir apenas a Doris a falar, meu amor, e se o George quiser falar comigo, ótimo. Se não quiser, não há muito que eu possa fazer.»

Vi que ele ficou um pouco desapontado, por isso, para o animar, acrescentei: «Já falei com ele.»

O rosto do realizador perdeu o ar preocupado – até eu acrescentar: «E posso dizer-vos já que ele pode ser um velhote muito difícil!»

Terminado o intervalo para o chá, entrámos todos no lounge onde já estavam montadas as câmaras, as luzes e o equipamento de som. As cadeiras tinham sido dispostas em semicírculo com todos os microfones apontados para elas. Os projetores de arco eram tão fortes que era impossível olhar diretamente para eles, e o calor que emitiam chegava para derreter o gelo dos passeios lá fora. Soube imediatamente que esta não ia ser uma sessão fácil.

O John estava comigo, o que era um conforto. Ele senta-se sempre nas coxias quando faço demonstrações nos teatros, mas isto era diferente. O ar de excitação estava lá, sim. Mas não vinha aquela onda de calor de um público. Apenas uma câmara fria e impessoal e aquelas luzes que chegavam para assar uma pessoa. Não havia famílias ansiosas por contactar entes queridos que tinham partido. A princípio não conseguia perceber o que estava realmente errado com a atmosfera. Depois caiu-me a ficha: não havia amor no ar.

O realizador sentou-me e pôs um copo de água ao meu lado. Toda a gente tomou os seus lugares à minha volta. Gritou-se «Luzes!» e, durante um ou dois segundos, fiquei deslumbrada. Limpei a garganta e comecei o mais calmamente que consegui.

«Agora todos sabem por que estamos aqui. Vamos tentar contactar George Orwell. Tenho de vos dizer já que consegui sintonizar-me com ele e parece ser um homem muito difícil mesmo.»

Enquanto falava, esforçava-me desesperadamente por captar o mais pequeno sussurro de uma voz ao meu ouvido. Nada vinha, mas sentia a agitação à minha volta.

Continuei, virando-me para um jovem chamado James que estava à minha esquerda. «O que era que querias perguntar a George Orwell?»

O James queria saber qual seria a opinião de Orwell sobre 1984 se soubesse que ia haver uma proliferação tão grande de armas nucleares.

Ainda nem um sussurro e, muito honestamente, não posso dizer que não tenha ficado aliviada. A última coisa de que seria capaz era uma discussão profunda e intelectual sobre armas nucleares. Esse tipo de debate está num plano muito acima do meu.

Outro perguntador interrompeu: «Porque tinha ele uma visão tão depressiva da vida?»

Foi então que aconteceu. A voz que ouvira apenas algumas horas antes, altiva e petulante, respondeu de imediato: «Não gosto da raça humana. Não gosto da sua cara parva!»

Fez-se silêncio outra vez. Eu disse em voz alta: «Pelo amor de Deus, não vás embora outra vez, George. Temos de falar contigo.»

A voz respondeu: «Escute, mulher. Já lhe disse que não a conheço. Quem é você? Conhece o Richard?»

Começávamos a chegar a algum lado e eu gritei, cheia de excitação: «Temo-lo! Ele está a vir!»

Mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, o realizador gritou: «OK, ótimo. Parem!» Depois virou-se para mim e disse: «Agora, não sei qual é o procedimento nestas coisas, mas o que eu gostaria de fazer é…»

O que ele gostaria de fazer! Não queria acreditar. Era suposto eu manter um espírito em animação suspensa enquanto ajustavam o ângulo da câmara ou retocavam a maquilhagem de alguém?

Foi a minha vez de interromper: «Não posso parar», disse eu. «Espera, volta, George, ou devo chamar-te Eric?»

«Sou George Orwell.» Era novamente a voz altiva, mas depois, um pouco mais suavemente, disse: «Tentei passar-me para o outro lado uma vez, sabes.»

O calor das luzes estava a tornar-se insuportável e ali estava o Mr Orwell a brincar comigo. Tentava confundir-me. Pensei: «Ninguém vai acreditar no que ele está a fazer.» Em silêncio, supliquei: «George, por favor, para de palhaçada! Dá-lhes alguma prova de que estás aqui.»

Isso resolveu o assunto. Ouviu-se um estrondo enorme quando um dos grandes projetores de arco caiu. Estava a pelo menos um metro do técnico mais próximo e passou a centímetros do cameraman. Toda a gente na sala, incluindo eu, deve ter saltado trinta centímetros no ar. Foi um milagre ninguém se ter magoado. Ainda mais milagroso foi o projetor não se ter partido e a luz não se ter apagado. Pudemos continuar a filmar.

«Quem raio tropeçou nos cabos?», gritou o realizador. Silêncio. «Vamos lá», insistiu. «Quem foi o desajeitado?»

O cameraman que respondeu disse baixinho: «Prometo-lhe, ninguém estava a menos de um metro daquele projetor ou dos cabos. Ninguém se mexeu quando aconteceu.»

Fez-se outro silêncio desconfortável. Eu sabia o que todos estavam a pensar, mas era algo que ninguém ousava dizer. Por isso humedeci os lábios e arrisquei: «É o George. Não gosta que o interrompam quando está a transmitir uma mensagem. Não deviam ter parado quando ele veio. Foi só um pequeno sinal para provar que está aqui. Mas não o provoquem mais ou só Deus sabe o que ele fará a seguir.»

O realizador parecia atordoado. Limitou-se a dizer: «OK, toda a gente, vamos fazer uma pausa de cinco minutos.» Foi mais do que bem-vinda. Não me sentia tão tensa há anos. E todos à minha volta tinham expressões pensativas. Mas eu já os tinha avisado. George Orwell podia ser um cliente muito difícil quando queria.

Tentámos outra vez. Desta vez surgiu-me na mente a imagem de uma ponte sobre o rio Orwell. Uma voz – já não tinha a certeza se era do autor – disse que era um dos locais favoritos dele. Os rostos à minha volta pareceram perplexos. Não significava nada para eles. Depois vi outra coisa: uma luz azul ténue. Tremeluzia por cima da rapariga sentada mesmo à minha frente. Isso sim, eu entendia. Significava que um espírito tentava fazer contacto.

Disse à rapariga: «Minha querida, tenho aqui uma senhora com uma hemorragia cerebral. Já partiu. Sei que estamos aqui para contactar Orwell, mas é outra pessoa. Querem transmitir uma mensagem e não posso ignorar. Sei que é para ti. Ela diz que adormeceu e acordou do outro lado.»

A rapariga arquejou. Não estava à espera disto. Era George Orwell que todos esperávamos. Mas disse: «Doris, é a minha mãe!»

Eu disse: «Quem é a Margaret?»

«A segunda mulher do meu pai.»

«A tua mãe diz que está muito contente por estarem juntos. Não a preocupa e diz que se dão bastante bem, considerando tudo! Também me diz que ficaste chateada quando o teu pai deu o anel à Margaret.»

«Sim, Doris, fiquei.»

«Bem, não te chateies, querida, a tua mãe não quer que fiques infeliz. Diz-me, quem é a Doris – além de mim, claro? É o nome que não paro de receber.»

A rapariga arquejou outra vez: «É o nome da minha mãe.»

Pensei: oh não, estamos a entrar numa sessão para a qual não estávamos preparados, mas posso muito bem tirar algum proveito disto. Em voz alta disse: «Ouve, Doris, minha querida, podes pôr esse George Orwell a mexer-se? É ele que está aí ao teu lado e não diz nada.»

De repente senti uma nova sensação. Disse: «Parece que estou a descer uma mina de carvão.»

Um dos membros do painel disse: «Orwell viveu numa aldeia mineira.» Ele estava de volta, falando naquele tom de repreensão aristocrático: «Compreendo que vieram fazer-me perguntas. Pois façam-nas, mulher!»

Um jovem sentado ao meu lado disse: «Porque foi ele para a Birmânia?»

A voz ao meu ouvido respondeu: «Estava à procura do segredo da vida.»

Tive de me rir com essa: «Foste mesmo longe. Podias tê-lo encontrado aqui se tivesses procurado bem. Não era preciso ir até à Birmânia.»

«Não o teria encontrado aqui», retorquiu ele. «Tinha de encontrar uma identidade, fazer algo por mim próprio. Estive na polícia na Birmânia.»

«Deve ter sido um trabalho duro, então?», disse eu. Parecia que agora nos dávamos um pouco melhor.

Respondeu: «Foi. Sabes, mulher, acho que devo ter sido um bocadinho esquisito.»

«Pelo que ouço, foste mais do que um bocadinho, meu querido.» As palavras saíram-me da boca antes de eu perceber o que estava a dizer. Preparei-me para uma enxurrada de insultos, mas não veio. Em vez disso, Orwell repetiu algo do que me dissera durante a noite, que eu transmiti às outras pessoas na sala.

«Admito agora que era psíquico, embora na altura não o soubesse. Não sabia lidar com isso. Conseguia ver como o futuro poderia ser.

A única maneira de tirar aquilo do meu sistema era sentar-me e escrever como se fosse ficção. Mas os tempos mudaram e não são bem como eu esperava. Ainda assim, não devem permitir que vos tratem apenas como números.»

Depois virou-se novamente para mim: «O que vais fazer a respeito, mulher?»

«Sinceramente, não sei o que vamos fazer», respondi. «Acho que é um pouco tarde para mim. Provavelmente vou esticar o pernil e juntar-me a ti em breve. São os jovens que me preocupam. São eles que têm de resolver isto.»

Realmente não havia maneira de agradar ao homem. Acho que aquele comentário o ofendeu. Ou então pensou que uma mulher da classe trabalhadora como a Doris Stokes não tinha estofo para discutir assuntos sérios com os seus superiores.

Fosse qual fosse o motivo, o Mr Orwell voltou a mostrar o seu desagrado. De repente, as luzes apagaram-se e ficámos numa penumbra sombria, apenas com o som das câmaras a zumbir.

«Parem!», gritou o realizador outra vez. «Não me digam. É o George a pregar-nos partidas. Está determinado a provar o que quer, não está?» Ainda mais estranho: ninguém conseguiu encontrar a causa da avaria. Ou pelo menos uma causa terrena. Não afetara o resto do hotel, nem a câmara que continuou a gravar. Não foi um fusível queimado e, momentos depois, as luzes voltaram a funcionar perfeitamente.

Mas embora tivéssemos eletricidade para alimentar as luzes outra vez, o poder das vibrações entre mim e Orwell começava a enfraquecer.

A câmara voltou a rodar e vieram dois nomes. A voz ainda era de classe alta e disse: «A Lucy está aqui, mas já viram o Richard?» Era o mesmo nome que ele me mencionara durante a noite.

«Quem são a Lucy e o Richard?», perguntei ao painel.

Várias pessoas responderam quase ao mesmo tempo: «O Richard era o filho adotivo dele.» Ninguém conseguia identificar a Lucy e houve um frenesim de virar de páginas nos livros de referência. Não surgiram pistas, mas alguém disse: «Gostaria Orwell de viver na terra em 1984?»

Ouvi uma gargalhada oca ao meu ouvido: «Não, não. Ainda bem que estou fora disto, mulher. Não gostava muito do mundo terreno quando lá vivi há trinta anos, agora gosto ainda menos. 1984 não é tão mau como poderia ter sido, mas não é para mim. Já te disse que houve uma ocasião

em que tentei passar-me para o outro lado, mas no fim morri, como todos os homens bons devem fazer, na cama. Mas voltar outra vez…? Nay, lass, nay.» E depois foi-se embora.

Pela última vez o realizador gritou «Corta!» e as luzes foram desligadas. De propósito, desta vez.

A temperatura naquela sala subira a um nível quase tropical. Eu sentia-me como um trapo molhado. Era a combinação do calor intenso com o puro martelar mental que George Orwell me dera. Sem dúvida, foi um dos espíritos mais difíceis com que já me deparei.

«Vamos, John, vamos buscar um chá», disse eu. «Estou feita num oito.»

A companhia de televisão providenciara, com gentileza, um quarto para nós durante o dia e, enquanto estava deitada na cama de casal, repassei mentalmente os acontecimentos do dia.

Impressionou-me que George Orwell fosse uma alma inquieta que precisava de orações e tomei nota de o incluir nas minhas a partir de então. Depois pensei: talvez quando eu partir consiga falar com ele cara a cara. «Mr Orwell», direi eu, «não se atreva a chamar-me mulher outra vez. Para sua informação, sou Mrs Stokes. Mas, só para mostrar que não guardo rancor, pode tratar-me por Doris se quiser!»

Ainda estava a matutar quem poderia ser a Lucy alguns dias depois, quando liguei a televisão por acaso. Estava a passar um programa sobre a vida de Orwell. Dizia que a cicatriz no pescoço fora causada por um ferimento na Guerra Civil de Espanha. O programa revelou também que Orwell e a mulher criavam gansos. Houve cenas emotivas porque um deles estava destinado ao jantar de Natal. No fim, tornara-se tão membro da família que lhe pouparam a vida.

Não me contive. Quase a sufocar de riso, gritei ao John: «Vais ficar contente por saber que o George Orwell não está completamente sozinho do outro lado.»

«Quem está com ele, então?»

«Um ganso!»

Houve uma pausa, uma respiração funda e depois o John disse: «Como sabes?»

«Porque acabaram de explicar na televisão. Aquela Lucy que procurávamos em Ipswich era um ganso dos diabos!»

CAPÍTULO ONZE

Quando uma jornalista me perguntou o que respondo àqueles que dizem que estou a trabalhar com o diabo, disse-lhe que respondo: «Não sei se estou ou não, nunca conheci o diabo. E você?»

O humor é a única forma de lidar com perguntas desse tipo. E depois pergunto-lhes: «Depois da crucificação, Jesus Cristo não apareceu a Maria Madalena? E não apareceu também a Tomé, o descrente? E Jesus não disse também: "Tudo é possível quando feito em nome do Meu Pai"?»

E quando a resposta a todas estas perguntas é «Sim, é verdade. Ele fez», eu digo: «Ora, se é bom para Jesus Cristo, é bom para mim!»

Não fico realmente zangada com essas pessoas, mas não gosto muito de discutir o assunto porque acredito que a religião é algo muito pessoal e cada um tem o seu próprio caminho para chegar a Deus. Tudo o que sei é que encontrei o meu através do espiritualismo e fico contente por ter conseguido ajudar muitas outras pessoas pelo caminho. Dá-me ainda mais prazer quando consigo apontar uma ou duas placas de sinalização a jovens que estão apenas a começar a estrada da vida.

Uma das cartas mais bonitas que recebi recentemente veio de uma jovem, Miss Christina Pentland, que vive em Putney, no sul de Londres. Gostaria de partilhá-la convosco:

«Cara Doris,

Nunca acreditei em nada antes de ler os seus livros. Foi há uns dois meses, logo depois do dia 12 de janeiro, quando a minha avó partiu.

A prima da minha mãe falou-nos dos seus livros, embora a minha mãe nunca tivesse acreditado em vida depois da morte e tudo lhe entrasse por um ouvido e saísse pelo outro.

Depois o primo Darren insistiu com ela e, por fim, a mãe arranjou bilhetes para uma das suas sessões. Eu não pude ir porque acabara de sair do hospital depois de tirar as amígdalas e tinha de ficar em casa duas semanas.

Fiquei à espera em casa, sem esperar que acontecesse nada na primeira vez (nem a mãe esperava), mas ela voltou tão excitada, a contar ao meu pai e a mim que a avó tinha vindo.

A avó disse que eu devia ir para uma escola de artes e falou de um casaco da minha mãe e de tantas outras coisas que só a nossa família podia saber que não deixou margem para dúvidas.

Caramba, Doris, nunca tinha acreditado em nada antes! Nunca fui grande crente em Deus e ainda tenho dúvidas, mas agora que li os seus livros acho que vou dar uma oportunidade à Bíblia.»

Adoro aquela frase, já me fez rir muitas vezes e dá-me uma sensação boa e quente, mas o importante é que a rapariga agora acredita que, afinal, pode haver algum propósito na vida. De qualquer modo, a carta terminava:

«Bem, escrevi só para agradecer, ajudou-nos imenso e só queria ter um bocadinho dessa sua especialidade.

Com admiração, Christina, quinze anos e oito meses.»

Ora, Christina, não concordo com isso de eu ser especial. Como já disse muitas vezes, os médiuns não são diferentes de ninguém. Todos nascemos com o dom, apenas alguns de nós conseguem mantê-lo, enquanto outros o perdem por causa das pressões do mundo. A pergunta que me fazem mais do que qualquer outra é: «Como posso tornar-me médium?» Não há resposta fácil, exceto dizer que, se o dom ainda está contigo, pode ser desenvolvido.

Suponho que fui mais afortunada do que a maioria porque o meu pai, Sam Sutton, era um verdadeiro cigano romanichal e um médium natural.

Se leram os meus livros anteriores, sabem que tinha consciência de ter um dom desde muito cedo, na verdade acompanhou-me enquanto me lembro e uma das minhas recordações mais antigas de um vislumbre do mundo espiritual foi quando tinha quatro anos e vivíamos em Grantham.

Um vizinho morreu num incêndio e, enquanto todos os outros estavam em silêncio à volta quando trouxeram o corpo, eu via aquele vizinho tão grande como a vida e sem uma única marca. Caminhava ao lado da maca que transportava os seus restos carbonizados.

O meu pai era um verdadeiro romanichal e também tinha um dom psíquico. Era uma alma sábia e bondosa que sabia dos meus poderes psíquicos, mas a pobre da minha mãe nunca conseguiu aceitar. Dizia que um dia eu acabaria num hospital psiquiátrico e tinha razão. Acabei mesmo mais tarde – como enfermeira.

Ser psíquica tinha enormes vantagens. Quando era criança, nunca estava sozinha. Tinha sempre muitos amigos jovens com quem brincar, embora, olhando para trás, suponho que algumas pessoas me achassem

estranha porque aparentemente conseguia entreter-me durante horas a fio. Na verdade, estava feliz como um passarinho, rodeada de companheiros de brincadeira que ninguém mais via. Eram crianças espirituais, mas para mim eram tão reais como os colegas com quem ia para a escola todos os dias.

Naquela altura, claro, não sabia que eram do mundo espiritual. Era algo que, na minha tenra idade, estava além da minha compreensão, mas mesmo assim uma voz dentro de mim avisava-me que devia ser cautelosa e nunca falar dos meus amigos a ninguém. De alguma forma, percebia que não entenderiam. Achariam-me «esquisita», mas, para mim, vivia num mundo maravilhoso e não havia nada de estranho nisso.

Mais tarde, quando aceitei que tinha este dom, soube que tinha de o desenvolver, mas cometi bastantes erros e meti-me por alguns becos sem saída antes de encontrar o caminho certo.

Olhando para trás agora, posso dizer que é um dom que me trouxe grande alegria pessoal, mas também uma dor imensa. Foi através das minhas vozes, e em particular da do meu falecido pai, que soube que o meu amado marido John não morrera quando saltara de paraquedas para o massacre de Arnhem durante a última guerra. Sabia que ele estava vivo, apesar de o Ministério da Guerra insistir que estava morto. Chegaram a dizer-me que, assim que resolvessem os números das sepulturas, me diriam onde ele estava enterrado. As minhas vozes diziam-me o contrário e, como soube depois, o John fora ferido e acabara num hospital de prisioneiros de guerra na Holanda.

Durante os dias sombrios de desespero enquanto esperava notícias dele e antes de o mundo espiritual me trazer aquela mensagem, aproximei-me cada vez mais do meu filho de cinco meses, John Michael. Amei-o mais do que alguma vez julgara possível e só por tê-lo comigo durante esse período mantive a sanidade.

A notícia da segurança do John foi provavelmente a mensagem psíquica mais feliz que alguma vez recebi. Mas imaginem o meu horror quando me disseram depois que o meu precioso bebé ia regressar ao mundo espiritual. Como podiam espíritos que tinham sido tão bondosos trazer agora mensagens tão terríveis? Foi-me transmitido por alguém que mais tarde se revelou como o meu guia espiritual Ramonov e, cinco semanas depois, tal como Ramonov previra, o John Michael partiu. Na verdade, entreguei-o pessoalmente ao meu pai que o esperava do outro lado.

O John Michael é agora um homem forte no mundo espiritual, mas continua muito perto de mim. A dor da sua partida já lá vai há muito, embora sinta terrivelmente a falta da sua presença física. No entanto, ele ainda nos visita e ajuda certamente a vigiar o nosso filho adotivo, o Terry.

Muitas vezes digo: «Por favor, mantém um olho no Terry por mim, John Michael. Tu sabes como ele às vezes é.»

E sei que o meu filho ouve essa mensagem. Há pouco tempo acredito que ele pode ter intervindo para salvar a vida do Terry.

O Terry é motorista de autocarro e acabara de terminar o turno quando aconteceu o acidente. Viajava como passageiro num autocarro e conversava com o revisor. Tinham estado a fofocar uns dez minutos quando o Terry lhe disse: «Vou só subir para fumar um cigarro.»

Foi um segundo depois, o meu rapaz acabara de virar a cabeça, quando a proa de um barco – sim, um barco, imagine-se – rasgou a lateral do autocarro. Atingiu o Terry na lateral da cabeça e rasgou-lhe gravemente a orelha. Precisou de muitos pontos, mas como os polícias que investigaram o incidente nos disseram depois, foi o mais perto que alguém pode estar da morte sem realmente partir.

O barco estava a ser rebocado por um carro que perdeu o controlo. Mais dois ou três milímetros para o lado e o Terry teria sido esmagado. O facto de ter escapado é nada menos do que um milagre.

Talvez Deus tenha decidido que eu já perdera filhos que cheguem na vida. Quatro, incluindo o John Michael, regressaram ao mundo espiritual e, embora a agonia tenha sido difícil de suportar na altura, aos poucos aceitei que há uma razão para tudo, por mais cruel que pareça no momento.

Para ser um bom médium é preciso compreender a vida e, para apreciar a vida, é preciso ter sofrido. Por vezes foi difícil reconciliar-me com esse facto – afinal sou apenas humana –, mas posso consolar-me sabendo que Deus me deu um dom que devo usar para ajudar os outros.

E é saber que posso ajudar, mostrando e provando às pessoas que há uma vida para além do plano terreno, uma vida muito melhor do que a que conhecemos aqui e onde todas as nossas enfermidades e dores desaparecem, que me dá força para continuar o meu trabalho.

Todos os médiuns têm de encontrar o seu próprio caminho para desenvolver o seu dom particular e, embora me tenham aconselhado que a melhor forma para mim era juntar-me a um círculo de desenvolvimento, isso simplesmente não funcionou para mim. Os círculos de

desenvolvimento são normalmente criados por médiuns estabelecidos para ajudar jovens com dom, mas eu desenvolvi-me à minha maneira. Li todos os livros de filosofia espiritualista que consegui encontrar e, por fim, consegui desembaraçar as vozes que ouvia ao ouvido. Aprendi a distinguir as diferentes vozes que chegavam em catadupa, embora tenha levado muito tempo e paciência.

No fim, valeu a pena e um dos momentos de maior orgulho da minha vida foi aos sessenta anos, quando recebi as minhas credenciais da União Espiritualista. Era uma médium plenamente reconhecida! Ou assim pensava na altura. Que ingénua eu era naqueles dias!

Trinta e cinco anos depois e ainda estou a aprender.

O melhor conselho que posso dar a qualquer médium em início de carreira é lembrar-se das três características que sempre precisarão: humildade, honestidade e humor. A parte mais importante do treino de um médium é aprender a pôr-se de lado.

É preciso ignorar os próprios pensamentos e transmitir apenas o que o mundo espiritual pede que se diga. Isso leva anos de prática e há sempre a tentação de interpretar por conta própria o que chega ou até de embelezar as mensagens recebidas.

Quanto à honestidade de um médium, tenho de dizer que todos cometemos erros de vez em quando – e eu não sou exceção –, mas hoje em dia limito-me estritamente a transmitir as mensagens que as vozes me dão. Com igual honestidade, tenho de confessar que o meu guia Ramonov me disse que não me deixa fazer outra coisa.

Mostrou-me muito cedo na minha carreira que tenho de seguir as regras ou ele não me ajudará. É por isso que hoje, se perco um contacto durante uma demonstração, digo «Vamos cantar um hino» ou até conto uma ou duas anedotas até conseguir restabelecer a ligação.

Muito ocasionalmente e de forma completamente não intencional deixei a minha própria interpretação passar numa mensagem, mas percebe-se logo porque as coisas começam a correr mal. Então admito abertamente: «Fiz uma grande asneira. Vamos limpar as vibrações e começar de novo.»

Honestidade total e transmissão fiel das mensagens é o único caminho, tanto para o próprio médium como para as pessoas que vêm ter connosco, e um dos maiores elogios que alguma vez me fizeram foi o de uma jornalista de Fleet Street que escreveu: «Uma das razões da

popularidade da Doris é que ela nunca tem medo de admitir quando se engana.»

Não sei se é por causa da popularidade, mas sim, admito os meus erros porque sei que fico numa grande confusão se não o fizer, embora por vezes, claro, não seja culpa minha. Até o mundo espiritual pode enganar-se ou baralhar as coisas. Já não são humanos, mas só porque um espírito está agora do outro lado não significa que mude. Não nos tornamos subitamente superinteligentes.

Sempre que dou um seminário para potenciais médiuns, digo-lhes que têm de aprender a confiar no seu guia e a não o questionar demasiado. E também, sempre que tiverem um momento de calma ou antes de dormir, sentem-se e ofereçam-se ao serviço de Deus. Isso é o mais importante porque é disso que se trata tudo. Todas as respostas de que precisam virão com o tempo. Levei dez anos até o meu guia me contar algo sobre ele próprio. Não me incomodava muito. Bastava-me saber que ele estava comigo e me ajudava.

Todos temos um guia, claro. São almas que escolhem regressar à terra para nos guiar durante o nosso ciclo terreno e, quando partimos, vêm connosco. Por vezes ouvimos alguém dizer que agora tem o guia de algum médium famoso que partiu, mas não acredito que seja possível. Quando partimos, o nosso guia continua a sua própria progressão. Certamente não volta para um segundo turno.

Estava a ver televisão quando soube mais sobre o meu guia. Passava um trailer de um programa chamado *Tibet, o Teto do Mundo* quando uma voz me disse: «Foi dali que vim. Foi ali que vivi no plano terreno.» Soube-se que Ramonov fora um sacerdote e muito sábio, ainda por cima. Uma vez, enquanto meditava, perguntei-lhe: «Já estou a ficar velhinha, sabes. Achas que me podes dar alguma ideia de quando virei para aí?»

Respondeu: «Terás tempo suficiente para fazer o trabalho que Deus escolheu para ti.»

E foi a resposta certa, pensei eu. Se soubesse quando o meu tempo acaba, provavelmente deixava de andar a correr o país a ajudar os outros. Podia dizer a mim própria: «Bem, vou morrer em breve, é melhor deitar-me e descansar.» Por isso vivo cada dia como ele vem e tento aproveitar-o ao máximo.

Também acredito em dar uma oportunidade aos mais novos na mediunidade, embora devam esquecer qualquer ideia parva de glamour ou

mistério. É um trabalho duro e muitas vezes aviso-os de que vão enfrentar preconceito, insultos e acusações de serem falsos. Não é uma vida fácil, exige dedicação, e lembro-me de uma noite em que perguntei desesperada ao Ramonov: «Achais que algum dia serei boa nisto?»

A resposta dele é algo que repito a todos os médiuns em início de carreira e é um bom conselho para todos nós, tenhamos ou não um dom psíquico.

Ramonov disse-me: «Imagina uma montanha e no cume dessa montanha ergue-se um santuário. Agora digo-vos, meus filhos, todos nós já passámos por esse caminho antes de vós. Nenhum de nós pode dizer que chegará ao santuário no plano terreno, mas enquanto mantiverem o objetivo, é isso que importa.

Partirão pelo caminho acima e tudo parecerá fácil e pensarão: qual é o problema? Consigo fazê-lo. Depois chegarão a um lugar cheio de pessoas de muitas cores e muitas crenças, e pararão e perguntarão: "O que estão eles aqui a fazer?" Dir-vos-ão que este é o ponto intermédio. Ninguém vos culpará se decidirem ficar ali, mas, da mesma forma, o vosso desenvolvimento também ali ficará.

Agora, na segunda metade da subida, para cada passo que derem, recuarão dois. Cairão e arranharão os joelhos, mas digo novamente: todos nós já trilhámos o mesmo caminho antes de vós. Não podemos prometer-vos rosas todo o caminho. Nem sequer podemos prometer tirar as pedras do caminho.

O que posso prometer é que estarei sempre ali para vos dar a mão quando tiverem de subir uma pedra, e digam sempre a vós próprios: "Um dia chegarei ao santuário."»

Foi uma história linda e tem-me incentivado a mirar o cume, por mais desanimadores que sejam os momentos. Talvez nem todos cheguemos lá, mas nunca saberemos se não tentarmos e, pelo que o Ramonov me disse, acho que vale a pena tentar!

Outro conselho que dou aos jovens médiuns e a qualquer pessoa interessada no espiritualismo é: esqueçam o tabuleiro ouija. Só atrai espíritos travessos ou presos à terra. São aqueles que se recusam a aceitar que partiram. Conhecem o tipo. Dizem: «Se não posso levar comigo, então não vou.» Odeiam largar os bens materiais e são estas pobres almas por quem temos de rezar para as ajudar a passar para o outro lado como deve ser.

Muitas vezes são as pessoas que insistiam que não havia vida depois da morte e, quando acontece, nem assim aceitam. Nem ouvem o próprio guia. Dizem a si mesmas: «Olha, tenho um corpo. Não tenho nada de errado.» Por isso ficam presas à terra até que a oração as ajude ou até alguém que amem também partir e lhes dizer: «Olha, meu amor, aceita que partiste. Há algo melhor à tua espera, por isso segue em frente!»

O outro mundo está, na verdade, apenas a um piscar de olhos e, se tens o dom da mediunidade, tudo o que precisas de fazer é abrir o coração, enviar amor e isso funcionará como uma corrente que te ligará àqueles que estão no mundo além. Não tenhas medo. O mundo espiritual está cheio de pessoas como tu e eu. Está cheio dos nossos familiares e amigos que partiram. Eles não mudam, por isso, se não tinhas medo deles na terra, certamente não precisas de ter medo deles do outro lado.

Com demasiada frequência, as pessoas gostam de embrulhar tudo em grande mistério e magia, mas o contacto com o outro lado vem através da harmonia e do amor combinados com a humildade que todo o médium tem de aprender. Quando tens isso, podes sintonizar-te, mas se consegues fazer isso, também tens de aceitar a responsabilidade que vem com isso. Mas esquece o mistério. Oiço pessoas falar de chakras. Dizem-me que é algum ponto do corpo que se pode sintonizar com o outro lado. Não sei se tenho algum ou não. De certeza que não sei onde fica. Tudo o que sei é que, no fim de uma sessão, o meu plexo solar dói e fico exausta. Se não me sinto assim, acho que não trabalhei o suficiente. Mas conheço um médium que voou para a Suíça para dar uma «consulta» a um empresário muito rico. É assim que os médiuns mais elegantes chamam às suas sessões. Foi levado de avião à custa do empresário e conduzido num carro com motorista do aeroporto até uma casa muito chique nas montanhas. O médium também se considerava um pouco curador. Depois da «consulta», disse ao empresário que ele tinha um chakra rasgado, mas não se preocupasse, o médium, com grande esforço mental pessoal, conseguira dar-lhe uns pontos. Claro que teria de voltar à Suíça seis semanas depois para lhe tirar os pontos! E o mais incrível é que o empresário acreditou!

Talvez haja alguma coisa nessa história dos chakras, mas eu nunca precisei de nenhum até hoje, que eu saiba. Tenho uma alma humilde como guia espiritual e uma filosofia simples sobre como conversar com o outro lado. E funciona. Devo dizer, no entanto, que, assim que consegues sintonizar-te, tens de ter cuidado para que o mundo espiritual não passe a

mandar em ti. Acreditem, se os deixares, eles tomam conta de ti noite e dia e usam-te vinte e quatro horas por dia. Não os posso culpar por tentarem. Afinal, há tantos espíritos que querem contactar os seus entes queridos aqui para os tranquilizar de que está tudo bem e de que há algo a que podem ansiar quando partirem.

Mas um médium tem de aprender a dizer: «Não, agora não, meu amor. Estou cansada e acabei por hoje. Volta amanhã.» Tem de haver um momento em que fechas as linhas de comunicação à noite – ou podes acabar com uma hemorragia cerebral e isso resultaria numa desconexão permanente!

CAPÍTULO DOZE

A névoa levantara-se mais cedo no Southampton Water e, durante toda a tarde, a cidade banhara-se num sol quente de início de primavera. Havia também uma leveza no passo dos transeuntes e uma sensação de expectativa no ar. O inverno terminara e, por toda a parte, a natureza acordava de novo.

Havia também um ambiente de antecipação na casa de Denise Johnson, a cerca de oito quilómetros do centro da cidade. O marido, Derek, é vendedor e tem tido bastante sucesso. Carro novo e uma casa geminada moderna numa zona que os agentes imobiliários chamam de «altamente desejável». São um casal muito feliz, que aproveita a vida em quase todos os aspetos. Apenas uma tragédia, há doze anos, manchou uma parceria que, de resto, fora idílica. E era algo de que Derek se recusava a falar desde então.

Denise, tão apaixonada pelo marido como no dia em que casaram, há catorze anos, achava isso de partir o coração. Não deixava transparecer os seus sentimentos, no entanto, e decidira que o casamento era mais importante do que a atitude de Derek perante um único incidente, por mais importante que fosse para ela. Ao longo dos anos, Denise conseguira esconder os seus próprios sentimentos atrás de uma máscara de eficiência alegre. Fizera-o tão bem que nenhum dos vizinhos alguma vez suspeitou do tormento que sentia por dentro. Se Derek sabia, não o demonstrava. A atitude dele mantivera-se consistente ao longo dos anos: era algo que apagava completamente da mente.

Em todos os outros aspetos, como Denise nunca se cansava de dizer a toda a gente, Derek era um marido modelo e um pai extremoso para os seus dois filhos pequenos.

Nada disto eu sabia quando visitei Southampton, onde fora organizada Uma Noite com Doris Stokes no Civic Centre.

Prometi à Denise que não usaria o seu nome verdadeiro, mas tudo o que vos vou contar foi fielmente registado. Aliás, grande parte da informação foi voluntariamente fornecida pela própria Denise quando me contactou depois daquela noite no Civic Centre.

Tudo começou quando Denise viu um anúncio da demonstração no jornal local da tarde. Mencionou-o casualmente ao marido, que troçou e disse: «Tenho coisas melhores para fazer com o meu tempo do que ir ouvir essa gente.»

Ele sabia por que razão Denise o mencionara, mas há muito enterrara todos os pensamentos sobre a tragédia nas profundezas da mente. Ou assim pensava. A sua atitude invulgarmente brusca e trocista para com a mulher mostrava que estava longe de esquecido. Como tantas outras pessoas, tinha medo de perguntar sobre o mundo espiritual.

Desta vez, porém, Denise estava determinada a não ceder. Disse: «Pode ser perda de tempo para ti, mas eu vou.»

Derek não respondeu. Nem se ofereceu para levar a mulher à cidade para comprar o bilhete.

Isso não a desencorajou. Nem o silêncio carrancudo dele naquela tarde ensolarada pouco antes da demonstração. Como nunca tinha ido a nada assim, não tinha a certeza do que vestir. Mudou de roupa duas vezes até ficar satisfeita com o resultado. Depois, virando-se para o marido, disse: «Importas-te de me levar à cidade?»

Derek respondeu: «Levo-te, mas arranjas maneira de voltar sozinha.»

Era completamente fora do carácter do homem caloroso e amoroso da família, mas Denise reconheceu-o como a última tentativa desesperada dele para a impedir de ir.

«Está bem, querido, arranjo maneira de voltar sozinha. E agora, por favor, importas-te de me levar à cidade?»

Como Denise disse mais tarde: «Dizer que a atmosfera no carro estava fria seria pouco. Quase se viam os pingentes de gelo a formar-se.»

Derek falou apenas uma vez durante o trajeto, quando a mulher estava a sair do carro. Foi num tom trocista: «Diverte-te com os fantasmas.»

Denise não respondeu, mas dirigiu-se para a varanda do teatro. Vagamente, esperava por alguma prova disto ou daquilo. Mas se alguém a tivesse parado, não saberia o que dizer. Nem seria capaz de dar uma explicação lógica para o facto de estar a arriscar uma discussão monumental com o marido. Era algo que se esforçara por evitar durante anos.

Nos bastidores, mais ou menos à mesma hora, eu preparava-me nervosamente para a demonstração. As vinte e quatro horas anteriores tinham sido bastante movimentadas. De manhã, antes de partir para Southampton, John e eu estávamos a tomar o pequeno-almoço quando ouvimos um baque no patamar do nosso prédio. Corremos para fora e encontrámos um dos moradores do bloco estendido no chão, morto.

Depois de a ambulância levar o corpo, comentei com uma vizinha: «Que maneira maravilhosa de partir.»

Ela ficou chocada e disse: «Que coisa terrível de se dizer!»

Respondi com suavidade: «Não, não é. Não devemos ter pena dele. Partiu sem qualquer sofrimento.» O que todos viram ali estendido era apenas um casaco velho e descartado. «O espírito dele seguiu para coisas melhores.

Não há razão para termos pena dele. É da mulher que devemos ter pena agora, ela é que precisa de ajuda e conforto. O marido está livre de todas as dores deste mundo.»

Compreendo o medo que as pessoas têm da morte, mas como já disse muitas vezes: não se pode morrer nem que a gente queira! O espírito é imortal e a vida para além deste mundo é uma experiência muito melhor. Talvez, se relatasse o que acontecera no patamar lá de casa, pudesse ajudar outras pessoas na plateia que têm esse medo da morte.

Sintonizo-me antes de cada demonstração, mas até estar realmente no palco nunca sei o que vou dizer nem o que vai acontecer. Falar sobre a morte no nosso prédio seria uma boa maneira de começar a noite até as mensagens começarem a chegar.

Assim, mal entrei no palco, expliquei o que acontecera no patamar e como o espiritualismo me ensinara a nunca temer a vida depois da morte. Depois lembrei-me de uma mensagem que me chegara enquanto John e eu seguíamos para Southampton.

Olhara pela janela do carro quando o nosso motorista ultrapassava outro veículo. As letras da matrícula formavam FRY e uma voz masculina

na minha cabeça disse: «É o Wayne Fry. A minha mulher conheceu-te há quatro anos. O nome dela é Vivienne. Manda-lhe o meu amor.»

Olhei para a plateia. Não via nenhuma luz azul, mas mesmo assim mencionei o que a voz me dissera. Um jovem levantou-se de um lugar perto do corredor central e disse: «A Vivienne é minha irmã, Doris!»

«O Wayne tinha um restaurante?», perguntei.

«Sim!»

«Então temos a pessoa certa. Diz apenas à Vivienne que ele lhe manda o seu amor.» E depois, sem pensar, acrescentei: «Não foram casados muito tempo, pois não?»

O jovem respondeu: «Não, não foram. Apenas catorze meses.»

O contacto estava lá, mas a Vivienne não, e de repente o Wayne afastou-se para dar lugar a uma enxurrada de mensagens espirituais. A primeira foi de uma rapariguinha, Rachel Kelly, que me disse o nome e a morada e começou imediatamente a cantar «Parabéns a você». Expliquei o que ouvira e depois vi a luz pairando sobre um casal do outro lado do auditório. O homem levantou-se e disse: «É a nossa filha, Doris. Foi o aniversário dela ontem.»

«Dá o meu amor ao Michael», disse a Rachel.

«É o irmão dela», exclamou a Mrs Kelly.

«Diz à Mummy que não sofri. Fui morta, sabes, Doris.» A Rachel estava excitada agora que conseguira chegar aos pais. Continuou: «Eles conseguiram chegar até mim, mas eu já lá não estava. Via-os de pé ao lado do meu corpo, mas eu não estava lá. É difícil de explicar.»

Mas o Mr e a Mrs Kelly não precisavam de explicação. A precisão da mensagem da pequena Rachel era suficiente para provar que a filha estava agora bem novamente e vivia feliz no mundo espiritual.

A essa altura havia já uma dúzia de luzes azuis sobre o auditório e as mensagens chegavam rápidas e em catadupa. Só quase no fim da noite é que vi uma luz azul forte e constante na varanda, e uma voz de rapaz disse: «Chamo-me Simon e quero estar lá em cima.»

Apontei para o borrão de um rosto sobre o qual a luz clara pairava:

«Têm um Simon no mundo espiritual?»

«Sim.»

Ainda não conseguia ver o rosto e a voz tremia.

Disse: «Bem, meu amor, podes descer até aqui? Estás muito longe lá em cima. Não acho justo quando os entes queridos se deram ao trabalho de vir. Gosto de estar perto para que eles também possam estar perto de ti.»

E assim, um minuto ou dois depois, vim cara a cara pela primeira vez com Denise Johnson. Vi imediatamente que ela acabara de sofrer um choque emocional severo. Perguntei: «Queres acalmar-te um bocadinho, querida?»

Ela parecia atordoada e limitou-se a olhar sem responder. Disse com a maior suavidade possível: «Não te ponhas nervosa, minha querida. Sou só a Doris.»

Denise engoliu em seco e conseguiu gaguejar: «Eu… eu estou bem.»

A voz ao meu ouvido insistia que eu lhe desse a mensagem. Era uma criança e estava excitada. Disse: «É apenas uma voz muito jovem e está a dizer-me: "Sou o Simon e quero estar na varanda." Ele sabia que estavas lá.» Por momentos senti uma dor que me fez arquejar. Disse: «Querida, não consigo respirar.» Foi isso que aconteceu, não foi?»

Houve uma torrente de lágrimas enquanto Denise soluçava: «Sim. Ele era um bebé azul, só tinha doze horas de vida.»

O Simon disse: «Diz-lhe para não chorar, Doris. É a minha Mummy. Diz-lhe que estou a crescer agora. Estou a tornar-me um rapaz grande.»

Transmiti a mensagem e depois perguntei ao Simon: «A Mummy está sozinha?»

Ele respondeu: «Não, tenho uma irmã, e depois há o Billie.»

«Quem é o Billie?», perguntei à Denise.

«É assim que chamam ao meu filho mais velho», disse Denise. A voz dela estava mais clara agora. Já não havia lágrimas, mas antes uma espécie de espanto.

O Simon riu-se e disse: «Ela nunca pensou que eu viesse ter com ela. Fala só de pesca e diz Dekka. Isso vai animá-la.»

Eu disse: «Ele está a falar de pesca. E quem é o Dekka?»

Denise pareceu que acabara de levar dois mil volts. O cabelo quase se lhe pôs em pé. Depois arquejou: «É a alcunha do meu marido. E ele adora pesca.»

Ouvi o Simon rir-se ao meu ouvido enquanto dizia suavemente: «Diz-lhe para não chorar mais por mim, Doris. Estou bem.»

Mas o Simon podia ver isso pela cara da mãe. Os olhos brilhantes e o sorriso de orelha a orelha contavam a sua própria história.

Como mensagem de despedida, o Simon disse: «Faz-lhe saber, Doris, que eu reparei que ela não conseguia decidir o que vestir. Mudou de roupa antes de sair, sabias.»

Quando transmiti isto à Denise, ela simplesmente deu um gritinho de alegria. Mais tarde, quando recuperou do choque, explicou a uma jornalista o que a levara ao Civic Centre de Southampton naquela noite:

«Foi há doze anos que perdemos o Simon e ele tinha apenas doze horas de vida. Foi traumático, ter passado por uma gravidez completa só para uma vida acabar tão rápida e cruelmente.

Doi-me profundamente, mas doeu ainda mais ao meu marido do que ele próprio percebia. Ele foi ao funeral e depois ficou semanas a remoer. Depois disso, recusou-se a reconhecer que o filho alguma vez tinha existido. O assunto tornou-se proibido.

A princípio eu tentava fazê-lo falar sobre isso. Achava que precisávamos os dois, teria sido terapêutico, mas o Derek simplesmente não ouvia.

Sempre que eu tentava mencionar o nome do Simon, ou ele explodia em fúria, ou fechava-se completamente, ou simplesmente saía de casa a bater com a porta. Por fim desisti de tentar falar com ele sobre isso.

Temos agora dois filhos e, com o passar dos anos, até eu começava a perguntar-me se o Simon alguma vez existira. Teria sido um produto da minha própria imaginação?»

«Era assustador. O Derek tentou lavar-nos o cérebro aos dois para acreditarmos que tinha sido uma tragédia que nunca acontecera. Mas lá no fundo, claro, eu sabia que era uma tolice. Sempre senti a presença do Simon, não sei como, mas senti que ele anda por perto. E no entanto nunca soube o que fazer com isso. Essa impotência quase me levou ao desespero em certos momentos.

Já tinha ouvido falar da Doris, mas nunca lera nenhum dos livros dela e só tinha uma ideia vaga do que era o espiritualismo. Quando entrei naquele salão não fazia ideia do que procurava. Certamente não era uma mensagem do meu filho. Só esperava que houvesse algum tipo de prova de que a vida tem um sentido.

Quando o Simon veio, tenho de admitir que fiquei completamente arrasada. Foi a experiência mais incrível da minha vida. Ainda hoje, dias depois, tremo só de pensar nisso. A precisão das mensagens não me deixou qualquer dúvida quanto à autenticidade. As coisas que ele disse eram

conhecidas apenas por nós. Não conhecia mais ninguém naquele salão. Estava completamente sozinha.

No caminho para casa perguntei-me como iria contar ao Derek o que acontecera. Decidi não dizer nada. Imaginava-o a mandar-me para o hospital mais próximo, insistindo que me examinassem a cabeça.

Mas quando cheguei a casa desatei a chorar. De alguma forma encontrei forças para lhe dizer: «Sei que não vais acreditar nisto, mas vais sentar-te e ouvir-me até ao fim, quer queiras quer não. E não me interessa nada se achas que estou louca.»

A reação dele não foi nada o que eu esperava. Limitou-se a ouvir, atónito. Depois ficámos metade da noite acordados a tentar perceber tudo.

Sei que mesmo nessa altura o meu marido não ficou totalmente convencido. Ligou a uma parente próxima e perguntou se podíamos ir lá falar. Essa parente revelou então que era espiritualista, mas por causa do emprego nunca contara a ninguém. Disse que acreditava em cada palavra que eu dissera. E em cada mensagem da Doris.

Isso deixou o Derek de rastos. Sei agora, com toda a certeza, que ele foi comprar os livros da Doris e está a lê-los às escondidas. Ainda não voltei a falar do Simon, mas tenho a sensação de que não vai demorar muito até o Derek falar.

Não haverá grandes discussões nem muitas ocasiões para falar dele. Mas desde que o Derek reconheça que tem um filho que agora está no mundo espiritual, ficarei feliz. E sei que o Simon também ficará.

Vai acontecer. Consigo sentir. Há uma atmosfera diferente em casa – e essa atmosfera não é só porque o Simon anda por perto a velar por nós.»

CAPÍTULO TREZE

Nos últimos doze meses apareci em tantos estúdios de rádio e televisão pelo país que acho que em breve terei direito ao cartão do sindicato. Raramente sou paga, mas quando sou o valor vai diretamente para o fundo Save the Children.

Uma das entrevistas de que me lembro melhor foi com Ed Doolan. É um australiano alegre e espirituoso que tem o próprio programa na BBC WM, uma rádio de Birmingham, mas conhecemo-nos quando o Ed trabalhava numa rádio rival.

Era óbvio, quando me conduziram ao estúdio na primeira vez, que o Ed nunca tinha estado com um médium. É um jornalista muito profissional e, como muitos australianos, não tolera disparates. Mas vi logo que se sentia desconfortável comigo. O produtor sentou-me em frente do Ed e ajustou o microfone. O pobre rapaz parecia visivelmente incomodado e, como me confessou mais tarde, na altura nunca tinha ouvido falar de mim nem lido os meus livros.

O programa ia para o ar em direto e ouvi o produtor dizer: «Trinta segundos.» Olhei outra vez para o Ed. Obviamente não estava muito à vontade, por isso disse-lhe: «Estás preocupado, meu amor, não estás?»

O Ed acenou com a cabeça, acrescentando: «Bem, sim, quer dizer, tu falas com pessoas do outro lado e eu também tenho pessoas do outro lado.»

«Não precisas de te preocupar», respondi. «O teu pai está aqui connosco também. Chama-se Ed também e tem muito orgulho em ti.»

O Ed quase caiu da cadeira de choque! Mas, profissional como é, conseguiu controlar-se lindamente. Entrámos no ar segundos depois sem nenhum problema e o programa foi um enorme sucesso.

Desde essa primeira entrevista tornámo-nos amigos e voltei a ser convidada do programa do Ed nesta tournée recente. Ele fez de presidente na primeira das demonstrações que dei no Odeon em Birmingham. Contou o nosso primeiro encontro e quase me fez corar quando disse ao público: «Foi um dos momentos mais emocionantes e empolgantes da minha vida.»

Não se esperam elogios desses de homens jovens e bonitos quando se chega à minha idade!

Quando subimos ao palco, estava a decorrer uma manifestação de outro tipo à porta do teatro, mas o Ed lidou com isso lindamente. Quando toda a gente entrava no Odeon, empurravam-lhes para a mão um panfleto contra a vontade. O Ed ergueu o seu bem alto e disse: «Tenho aqui um folheto, vocês têm?»

Ouviu-se um grito entusiástico: «Sim!»

Ele respondeu: «O meu diz "O que está a acontecer aqui dentro é direta desobediência a Deus." Se eu soubesse, tinha-vos cobrado mais caro!» Como já disse antes, é parvo levar a sério manifestações desse tipo contra o espiritualismo.

A única vez que realmente me magoa é quando dizem que sou falsa. Por mais que prove o contrário, há sempre pessoas que simplesmente não aceitam que estou a fazer o meu melhor com toda a honestidade. E isso

magoa-me mesmo. Lá que, da primeira vez que ouvi a acusação, a minha reação foi bastante drástica.

O número não tem significado, mas foi treze anos depois de receber as minhas credenciais da União Espiritualista. Tinham sido treze anos em que estive feliz e absorvida no meu trabalho como médium. Tinha então 42 anos e ouvi o comentário quando saía de uma reunião espiritualista em Londres. Uma mulher disse: «Não é fantástica!»

A companheira respondeu: «Oh, não é genuína. Deve ter procurado os nomes na lista telefónica ou qualquer coisa. É boa demais para ser verdadeira.»

Fiquei mortificada. Mal queria acreditar no que ouvia e estava tão perturbada que nem me ocorreu responder. Passei por elas a correr, com os olhos toldados pelas lágrimas, querendo apenas afastar-me dali o mais rápido possível. Como podia alguém dizer uma coisa dessas? E quantas mais pessoas estariam a dizê-lo fora do meu alcance?

Na altura o John trabalhava como porteiro no Royal Albert Hospital. Corri pela rua, à procura desesperada da cabina telefónica mais próxima. Se era isso que as pessoas pensavam de mim, eu sabia exatamente o que ia fazer. Liguei para o hospital e pedi para falar com a Diretora.

«Há vagas?», perguntei.

Era um hospital psiquiátrico e num hospital psiquiátrico há sempre vagas, por isso fui contratada imediatamente. E assim, aos 46 anos, quatro anos depois, tornei-me enfermeira diplomada do Estado. Se não tivesse sofrido um ataque violento de uma doente que me deixou sem tiróide, e uma série crescente de outros problemas de saúde, quem sabe, talvez lá tivesse ficado até à reforma. Mas, de alguma forma, duvido. Acho que o Ramonov não o teria permitido. Teria-me posto novamente a trabalhar, a fazer o que fiz naquela noite em Birmingham. E o trabalho para o qual sei que nasci.

Nesta tournée atual visitei Birmingham quatro vezes e, na primeira ocasião, como nas outras, os bilhetes esgotaram com pelo menos uma semana de antecedência. Olhei para um mar de mais de 2000 rostos amigos e pensei: «Que importa o que algumas pessoas dizem? Não deixes que te afetem.» Mas lá no fundo ainda dói.

Quando nos instalámos para a primeira demonstração, perguntei, como sempre, por que tinham vindo ver-me. Um bom número lera os meus livros anteriores e isso fizera-os querer ver-me ao vivo. Muito lisonjeiro,

claro, mas depois vieram outras razões: curiosidade, interesse, esperança. E é esta última que resume muito do que faço. Faço o meu melhor para trazer esperança às pessoas, provando que há algo que vale a pena no fim de tudo.

Sem dúvida que, durante a sessão de perguntas e respostas, trouxe esperança a uma jovem. Tinha cabelo castanho-avermelhado e um ar preocupado no rosto pálido. Parecia-me que tinha chorado muito.

O mundo espiritual disse-me que se chamava Noreen Maitland e que perdera ambos os pais nos últimos três anos.

«A minha mãe era muito religiosa, mas o pai não, Doris», disse ela. «A mãe ia à igreja todas as semanas e rezava muito. O pai não fazia nada disso, mas era bom para a família. Era realmente um homem maravilhoso.»

«Qual é o problema, meu amor?»

Ela estava prestes a desatar a chorar. «As pessoas dizem-me que eles não estarão no mesmo lugar e, no entanto, sei que o pai a amava tanto», soluçou.

«Disparate!», gritei tão alto ao microfone que quase me ensurdeci a mim própria. Mas pessoas que dizem esse tipo de coisas enfurecem-me mesmo.

«Pelo que dizes, o teu pai era um homem muito bom. Não é preciso estar de joelhos a rezar o dia todo para provar que se é bom. E não é preciso fazê-lo na igreja. Deus está em todo o lado.»

De repente vi o contorno de um homem sentado em frente de um tabuleiro preto e branco. E uma voz sussurrou-me ao ouvido. Disse: «O teu pai jogava xadrez ou damas, meu amor?»

O rosto da Noreen iluminou-se e ela sorriu. «Adorava jogar damas, Doris. Jogava connosco quase todas as noites.»

Respondi: «Pois ele continua a jogar, meu amor, e acabou de me dizer: "Doris, se isto é o Inferno, quero uma dose dupla!"»

A próxima pessoa a fazer uma pergunta foi uma rapariga de não mais de 23 anos. Cabelo preto escuro e, mais uma vez, o rosto marcado por linhas de dor. Trazia dois bebés, um rapaz e uma rapariga, cada um com cerca de dois anos. Mas embora toda a gente no Odeon visse a jovem, percebi que os bebés eram espíritos. Na verdade, soube imediatamente que eram gémeos que tinham tentado duas vezes fazer contacto mais cedo na demonstração com alguém na plateia. Não precisava que me dissessem quem era aquela jovem triste, mas não disse nada até ela me perguntar baixinho: «Doris, porque nos tiram os bebés?»

Ela era a mãe deles.

Porque nos tiram os bebés, especialmente ao nascer – como eu sabia que fora o caso desta jovem –, é uma pergunta que me fazem muitas vezes e que eu própria fiz centenas de vezes, tendo passado por isso.

Dei-lhe a minha resposta e disse-lhe que um dia se reuniria com aqueles bebés que lhe tinham sido arrancados tão dolorosamente, enquanto as suas crianças espirituais escutavam atentamente. Tenho a certeza de que os vi acenar com a cabeça em concordância, embora saiba que mesmo crianças espirituais de dois anos não são assim tão sábias!

Depois o menininho sussurrou-me: «Diz à Mummy que a amamos, Doris, e que agora temos nomes. Eu chamo-me Simon e a minha irmã chama-se Laurie.»

Perguntei à jovem: «Deram nomes aos vossos filhos, meu amor?»

«Não, Doris, foram natimortos.»

«Um rapaz e uma rapariga?»

«Sim», disse ela, surpreendida.

«Bem, deixa-me dizer-te: eles não estão mortos. Estão aqui comigo agora e querem que saibas que lhes deram os nomes Simon e Laurie.»

Depois perguntei: «Tens mais filhos, meu amor?»

«Não.» A resposta foi categórica.

«Bem, então estás à espera de um, não estás?»

Ela fez um ar perplexo. Depois riu-se e disse: «Não que eu saiba, Doris, mas obrigada na mesma e animaste-me mesmo. Sempre pensei que conseguia sentir a presença dos gémeos. Outras pessoas diziam que era imaginação minha, mas agora sei que não é.»

E com isso voltou ao seu lugar na plateia.

Cinco meses depois recebi a seguinte carta. Estava escrita em papel azul vivo com um desenho do Snoopy a dançar de alegria no canto inferior esquerdo – e não era para menos!

Highgate Birmingham 9 de março de 1984

Cara Doris,

Espero que esteja bem, e o seu marido também. Que Deus vos abençoe aos dois.

Estive consigo em Birmingham em outubro passado. Fui aquela que perguntou sobre os filhos natimortos.

No início do espetáculo disse que havia gémeos no mundo espiritual e mais tarde disse que eram meus.

Disse também que vinha outro a caminho e eu disse que não achava.

Pois bem, Doris, posso confirmar que estou agora grávida de cinco meses e mal posso esperar para ver o meu bebé. Quero que toda a gente saiba isto para podermos gritar bem alto que a mediunidade não é uma grande treta!

Quero também que saiba que agora frequento uma igreja espiritualista e gosto imenso.

Todo o meu amor, Janette Watkins.

Outra coisa bastante maravilhosa aconteceu em Birmingham, desta vez no phone-in da BBC com o Ed Doolan.

Na altura, a Independent Broadcasting Authority decidira que não haveria demonstrações em direto por médiuns nem na rádio nem na televisão – uma gravação fantástica que fiz para a Granada Television ainda está à espera de ser exibida –, mas o que as rádios e televisões independentes perderam, a BBC ganhou, e eles aceitaram de bom grado convidar-me para o ar.

As chamadas no programa do Ed chegavam rápidas e furiosas e, embora seja extremamente difícil fazer uma sessão a sério quando não se vê a pessoa com quem se fala, conseguíamos estabelecer bastantes contactos.

Mas havia uma voz na minha cabeça que simplesmente não desaparecia. A mensagem era um pouco vaga, mas tão insistente que senti que tinha de a transmitir. Se fosse reconhecida, ótimo. Se não, pelo menos fizera o meu melhor.

Não tinha apelido, mas a mensagem vinha de alguém chamada Rose no mundo espiritual, mãe de uma rapariga chamada Maureen.

A única outra pista que podia dar no ar era que a Maureen era mãe de gémeos e o marido chamava-se John. A Rose não me deu mais informações, apenas disse: «Doris, tens de lhe dizer que vá a um curador. É muito urgente.»

A voz da Rose parecia tão agitada que simplesmente transmiti a mensagem tal como me chegou, interrompendo alguém que acabara de telefonar para me fazer uma pergunta. Peço agora desculpa a esse ouvinte, mas acho que me perdoará – especialmente quando lhe contar a carta que recebi quatro meses depois.

Bacons End Birmingham 3 de março

Cara Doris Stokes,

Sinto que tenho de lhe escrever para lhe contar algo que acho que será do seu interesse, porque diz respeito a si.

Durante uma das suas emissões radiofónicas disse que tinha uma mensagem urgente para transmitir a alguém que pudesse estar a ouvir. A mensagem era de uma senhora no mundo espiritual chamada Rose, mãe de uma Maureen. Aconselhou a Maureen a procurar urgentemente a ajuda de um curador espiritual porque estava muito doente e, pelas outras informações que deu, não tenho dúvidas quanto à identidade da Maureen. Sou curadora espiritual há catorze anos. Por uma estranha coincidência, a cunhada da Maureen vinha ter comigo para cura e, na semana da sua emissão, perguntou-me se aceitaria ver a Maureen.

Ela não achava que eu pudesse ajudar muito porque os médicos do hospital tinham dado à Maureen apenas seis meses de vida. Sofria de cancro.

Para encurtar a história, a Maureen está completamente curada, para grande espanto dos médicos. Prova mais uma vez que os nossos amigos espirituais nos ajudam nos momentos de necessidade e fazem de tudo para a mensagem chegar até nós.

Que Deus a abençoe,

Com os melhores cumprimentos Betty Thompson.

Que Deus te abençoe também a ti, Betty, por teres devolvido a Maureen à saúde plena! Mas deixa a própria Betty contar-vos como este milagre aconteceu.

«A irmã da Maureen mencionou-me por acaso que ela estava muito doente. A própria Maureen não acreditava no espiritualismo nem na cura.

A irmã, que obviamente estava muito preocupada, perguntou-me: "Achas, Betty, que se eu a convencer a vir, aceitas tratá-la como paciente?"

Respondi: "Claro que sim, estou disposta a ajudar quem puder."

Não pensei mais no assunto, mas uma semana depois, para minha grande surpresa, lá entrou a Maureen. Tornou-se rapidamente evidente que tinha um cancro maligno, mas em apenas um mês respondeu maravilhosamente ao tratamento. O tumor desapareceu.

Como muitas outras pessoas, a Maureen era altamente cética no início, mas estava tão desesperada que estava disposta a tentar qualquer coisa – pelo menos foi o que pensei.

Só depois de nos tornarmos amigas é que ela admitiu que ouvira a mensagem da Doris na rádio e soube imediatamente que era para ela. Ainda

assim, a Maureen não tinha intenção de revelar isso até se convencer da verdade de tudo. E não há dúvida: como a própria Maureen diz, recebeu a melhor prova possível ao salvar a própria vida.»

CAPÍTULO CATORZE

O fumo trouxe-me lágrimas aos olhos e irritou-me a garganta. O crepitar da madeira a arder transformou-se num rugido à medida que o fogo pegava e convertia a escada numa torrente furiosa de chamas. Mas, estranhamente, não sentia dor enquanto deslizava para a inconsciência. A cena era tão vívida que quase sentia o sabor e o cheiro. Na verdade, dei por mim a olhar à volta só para ter a certeza de que estava tudo bem.

E estava, claro. Estava sentada no nosso apartamento em Fulham, com o telefone na mão, a falar com um adorável geordie chamado Sam Hayden, que estava a quase 500 quilómetros de distância, lá em cima em Newcastle. Estávamos a fazer uma sessão depois de algo que o Sam diz ter mudado completamente a vida dele.

A história começara uma semana antes, quando eu estava em Newcastle a dar uma demonstração no City Hall.

Era uma noite fria e ventosa de abril, mas não há nada que supere o aquecimento central espiritual! E naquela noite em Newcastle havia muito disso. O calor que vinha daquele salão era maravilhoso!

Quando cheguei, sem eu saber, Sam Hayden e o irmão Raymond estavam a tomar os seus lugares na galeria. Tinham desesperadamente querido vir e só conseguiram bilhetes em cima da hora, graças a um amigo. Eu não era a única médium com quem os Hayden queriam falar. Tinham percorrido o país de lés a lés nos últimos sete anos à procura de alguém que os pudesse ajudar. Até então fora em vão e os anos de luto ameaçavam agora engolir a família, especialmente o Sam.

Foi, no geral, uma noite leve e alegre para toda a gente, exceto para os Hayden. Eles viram e ouviram, sombrios, enquanto as mensagens chegavam rápidas e em catadupa. Viram os olhares de alegria nos rostos das pessoas sentadas à volta deles e ouviram as gargalhadas quando homens, mulheres e crianças que tinham partido partilhavam piadas com os seus entes queridos aqui no plano terreno.

Havia muito amor e humor, mas não era suficiente para levantar o peso do desespero dos ombros de Raymond e Sam.

Depois, a vinte minutos do fim da demonstração, ouvi uma voz a dizer: «Manda o nosso amor ao Carl, Doris.» A mensagem era fraca e depois ouvi outro nome – Janet.

Disse: «É um bocado fraco, mas alguém tem um Carl e uma Janet? Não estão do lado espiritual.»

Da varanda veio um grito estrangulado: «Aqui, Doris! Aqui!»

Não conseguia ver nada daquela distância, por isso pedi a quem quer que achasse que Janet e Carl eram seus que descesse para a frente do palco.

Minutos depois havia um senhor de meia-idade à minha frente, com lágrimas de alegria a escorrerem-lhe pelo rosto. Estava tão emocionado que mal conseguia falar, quanto mais segurar o microfone. Era Raymond Hayden. Mas Raymond até se saíra melhor do que o Sam. O pobre Sam ficara tão chocado que as pernas lhe fraquejaram e não conseguiu levantar-se do lugar! Continuava sentado na varanda e foi onde ficou até ao fim da demonstração!

Raymond conseguiu soltar: «Tenho uma Janet viva. A minha mulher e a minha filha chamam-se assim, e o Carl é meu sobrinho.»

Olhei para Raymond e imediatamente partilhei o desespero que tinham sentido até aquele preciso momento.

Disse: «Meu Deus, há uma grande tragédia aqui. Consigo senti-la.»

E havia. Quase oito anos antes, John Hayden, de quinze anos, e o irmão Alan, um ano mais novo, tinham morrido juntos. Nesta fase ainda não me chegou nada sobre as circunstâncias da morte deles, mas ambos os rapazes tentavam agora falar ao mesmo tempo.

Uma voz disse: «O Carl é nosso irmão, Doris!»

A segunda acrescentou: «Aquele é o nosso tio Ray.» A primeira interrompeu: «Cala-te, Alan, eu é que falo!»

Esse último comentário soou tão verdadeiro ao tio Raymond que ele não se conteve. Estava a tremer e a voz partia-se-lhe de emoção quando perguntou: «Eles estão bem, Doris?»

Foi o John quem respondeu: «Diz-lhes que agora estamos bem, Doris, mas falamos depois. Toda a família passou anos a tentar chegar até nós, por favor falamos depois.»

Foi um dos contactos mais altamente emocionais que tive nesta tournée e era óbvio que Alan e John queriam falar pessoalmente com o pai, Sam Hayden.

Disse ao Raymond: «Olha, meu amor, deixa o teu número de telefone e prometo que ligo quando voltar a Londres. Também ligo ao pai do Alan e do John e vamos ter uma boa conversa. Mas os rapazes preferem que seja em privado.

Sei que foram sete anos de angústia, Raymond, mas por favor acredita nisto: o sol volta a brilhar. Eu sei porque perdi quatro filhos. Sei que achas que a felicidade é algo que tu ou o teu irmão nunca mais vão sentir, mas não é verdade. Vou provar-to. Ligo-te no próximo sábado à tarde de minha casa.»

Lá de cima na varanda, Sam Hayden finalmente encontrou a voz. Gritou: «Por favor faz isso, Doris, por favor!»

Raymond afastou-se do palco e, com o seu forte sotaque de Tyneside, disse: «Se ela diz que liga, não há dúvida nenhuma, ela liga!» E liguei, claro.

Mas antes de fazer essa chamada tive outra surpresa maravilhosa.

Na manhã seguinte fora convidada a autografar exemplares dos meus livros anteriores numa loja em Newcastle. Uma mulher efusiva, com brilho nos olhos e um sorriso de orelha a orelha, pousou um lindo ramo de cravos na mesa à minha frente e disse: «Doris, só quero agradecer. Sou a segunda mulher do Sam Hayden e quero que saibas que ele mudou da noite para o dia. Voltou a viver.»

No sábado seguinte fiz essa chamada de Fulham e a história completa veio à tona. O fumo e as chamas que eu conseguia cheirar e ouvir tinham tirado a vida aos irmãos.

Toda a tragédia desenrolou-se diante de mim enquanto eu ouvia Alan e John e transmitia as mensagens que o Sam esperara tanto tempo por ouvir. O John disse: «Por favor diz ao pai que agora está tudo bem e que ele não deve culpar-se. Não havia nada que ninguém pudesse fazer. O tio Ray também tem de parar de se torturar. Estamos bem agora e não sentimos nada. O fumo chegou até nós muito antes do fogo. Não havia maneira de nos salvarem.»

Alan e John tinham estado a dormir no andar de cima da grande casa antiga enquanto Sam e a mulher, juntamente com o irmão Carl, o contacto inicial, estavam na cama no andar de baixo. Os rapazes tinham chegado a casa por volta das 21h30 depois de passarem o dia em uns estábulos do tio Ray.

Ele explicou: «Eu idolatrava aqueles rapazes como se fossem meus. Fui a última pessoa a vê-los vivos e, desde então, os seus rostos atormentaram-me. Eram o meu orgulho e alegria.

Ninguém sabe como o fogo começou, mas saber também não ajudaria. Gostaríamos que toda a gente soubesse como a Doris nos ajudou. Pode ser só uma página no livro, enquanto o Sam perdeu um capítulo inteiro da vida, mas isso agora ficou para trás. Há um novo começo para todos nós.»

E depois da nossa pequena conversa ao telefone, o Sam disse a um jornalista:

«A noite que mudou as nossas vidas começou com uma surpresa. Já tínhamos perdido a esperança de conseguir bilhetes para a demonstração da Doris quando um amigo ligou do nada a oferecer os dele.

O contacto inicial foi suficiente para me convencer de que Alan e John tinham vindo, mas na conversa telefónica a Doris disse coisas que ninguém fora da família poderia saber.

Como resultado do que aconteceu, sou um homem mudado. No passado guardei esta tragédia fechada dentro de mim, mas agora não me importo de falar sobre ela. O alívio que sinto é tremendo, muito simplesmente posso voltar a enfrentar a vida.

Desde o funeral, os meus filhos têm tido os túmulos mais bonitos do cemitério. Mandava vir flores da Holanda de quinze em quinze dias para pôr nesses túmulos, mas agora percebo que os rapazes não estão a descansar a dois metros de profundidade. Não estão no cemitério, estão aqui connosco.

Temos duas fotografias dos rapazes na sala de estar e agora ponho lá as flores. Todos os dias sorrio para aquelas fotografias e digo “Bom dia”. E todas as noites, antes de ir para a cama, certifico-me de dizer “Boa noite”.

Eram mais do que meus filhos. Eram os meus amigos e o meu mundo acabou depois daquele fogo. Mas agora percebo que eles não estão mortos e desaparecidos. Os espíritos deles estão connosco o tempo todo, vivendo e amando ao nosso lado. Agora que vi isto, a minha própria vida começou de novo.»

CAPÍTULO QUINZE

Nunca tinham visto um espetáculo assim no Philharmonic Hall em Liverpool. Nem eu. Foi mais uma noite feliz na tournée e, esta noite, o mundo espiritual surgira com uma nova forma de fornecer provas.

Acabara de contactar a avó de uma jovem quando o número «onze» chegou alto e claro. Perguntei: «Isso significa alguma coisa para ti, meu amor?»

Ela hesitou um ou dois segundos e depois riu-se. «É o número do meu lugar, Doris.» Minutos depois estava a contactar o cunhado de outra pessoa quando uma voz ao meu ouvido deu o número «dezasseis».

«O que significa isso?», perguntei. «É o número do meu lugar, Doris!» Ouviu-se uma gargalhada geral por todo o salão. Pelo menos prova que o mundo espiritual também tem sentido de humor.

Enquanto isto acontecia, sentia alguém a observar-me do lado do palco. O John senta-se sempre ali durante todas as demonstrações, mas sentia que havia alguém de pé atrás dele. Olhei de relance e vi um jovem polícia, completo com capacete. Minutos depois olhei outra vez. E agora via dois.

Mais cedo nessa noite houvera uma manifestação à porta do teatro por um punhado de pessoas que se opunham à minha visita. Pensei cá comigo: «Bem, sei que algumas pessoas não sabem muito bem o que pensar de mim, mas não era preciso chamar a polícia!»

Depois ouvi uma mensagem crepitante no walkie-talkie de um dos polícias e, felizmente, não vi o que aconteceu a seguir ou teria ficado em pânico, mas aparentemente eles voltaram cerca de cinco minutos depois.

E desta vez trouxeram oito colegas! O John disse que era realmente cómico ver dez polícias enfileirados, todos a esticar as orelhas para ouvir cada palavra. Um deles disse: «Eu bem te disse que ela era boa, não disse?» Depois chegou outra mensagem pelo walkie-talkie e lá saíram eles todos outra vez. Mais tarde soubemos que o salão ficava mesmo em frente a uma das principais esquadras de Liverpool e, obviamente, uns minutos de *Uma Noite com Doris Stokes* eram melhores do que ficar sentado na cantina da polícia.

Tivemos uma receção maravilhosa e toda a gente que encontrámos em Liverpool foi adorável e fez tudo para nos sentirmos em casa. E há outra razão pela qual tenho um fraquinho pelo Merseyside: um pacotinho de

alegria gorgolejante chamado Daniel e uma história que remonta à minha primeira visita à cidade, doze meses antes.

Fora numa sessão de autógrafos numa loja no centro da cidade num dia de verão tão quente que quase secava a tinta da caneta. Levantei os olhos da secretária onde estava sentada e vi uma fila que, a essa altura, já saía pela porta da loja e descia a rua. A meio da fila estava uma jovem, visivelmente muito grávida. Não se queixava, mas via-se que o calor a estava a afetar. Disse: «Vem para a frente, minha querida, não te deixamos esperar mais.»

Toda a gente na fila ficou contente por a deixar passar e ela pousou um livro à minha frente, dizendo: «Obrigada, Doris, acho que não aguentava muito mais.»

Quase sem perceber o que dizia, soltei: «Que tal o nome Daniel?»

Ela ficou surpreendida por um segundo e depois disse: «É um nome lindo, Doris! Se for rapaz, é assim que lhe chamamos.»

Mais uma vez sem pensar, respondi: «Daniel será.» Alguns meses depois recebi uma carta daquela jovem. Chama-se Lynda Matthews e é de Seaforth, nos arredores de Liverpool. A carta dizia:

«Cara Doris,

Espero que ainda se lembre de mim. Encontrámo-nos numa loja o ano passado e agora tenho o Daniel comigo!»

E foi por isso que, algumas horas antes de subir ao palco do Philharmonic Hall naquele dia, vinte e cinco de nós estávamos reunidos numa suite de hotel em Liverpool para a cerimónia de nomeação do Daniel – o mais parecido que a Igreja Espiritualista tem com um batizado. A principal diferença é que não acreditamos que um bebé nasça com pecado algum, por isso não é precisa água para o lavar. Em vez disso, usamos flores brancas puras para simbolizar a pureza e inocência do pequenino.

Uma jornalista do jornal da tarde de Liverpool soubera da cerimónia e perguntou se podia vir também. Porque não? É um serviço lindo e gostaríamos que mais pessoas conhecessem o espiritualismo. Mas tudo foi uma surpresa para a jornalista, como admitiu no artigo que escreveu nessa noite.

«Esperava que a Doris nos convidasse a todos a sentar em círculo de mãos dadas, à espera de ectoplasma, manifestações e mesas a levantar. Mas não é nada disso que o espiritualismo é.»

Claro que não é. A cerimónia do pequeno Daniel foi típica das que eu faço. Há um serviço escrito para a nomeação, embora raramente o siga. Prefiro ser espontânea, mas claro que há certas coisas que têm de ser incluídas. Pedi aos padrinhos que prometessem criar o Daniel na crença da Paternidade de Deus e da irmandade do homem, velar pela criança e ajudar os pais sempre que possível. Depois ofereci uma pequena oração que diz assim:

«Espírito Divino e Criador de toda a vida, e no entanto Pai e Amigo muito querido de cada um de nós aqui presentes, perante estas testemunhas, tanto as visíveis como as invisíveis, trago esta criança para dedicar a sua vida a Ti e espero que a vigies e guies.»

Por fim, ofereci outra oração em nome da Lynda e do marido Alan, agradecendo a Deus por lhes permitir o privilégio de se tornarem pais. Durante todo o serviço, o Daniel foi um anjinho, não deu um pio. Depois encostei um ramo de lindas frésias brancas ao coração dele e disse: «Eu te nomeio Daniel.» Nesse momento ele mexeu-se. E começou logo a mastigar as flores. Eu disse: «Não, querido, devolve-as à avó Doris!» Essa parte não vem no livro do serviço!

Depois tivemos um almoço buffet com champanhe para celebrar. A atmosfera na suite era tão efervescente como o champanhe e, enquanto estava num canto a ver a animação, lembrei-me da cena no mesmo quarto apenas algumas horas antes. Não havia risos nessa altura, quando dei uma sessão a uma mãe desfeita que tentava descobrir a verdade sobre a morte trágica do filho adolescente.

Paul Wardle, de 19 anos, fora encontrado morto em casa com um saco de plástico na cabeça. Dentro do saco havia cola, mas o inquérito não conseguiu decidir como o saco fora parar à cabeça do Paul, por isso registou-se um veredito aberto.

A Mrs Doreen Wardle soluçava enquanto me contava: «A polícia diz que deve ter sido algum tipo de experiência que o Paul estava a fazer com cola. Mas ele nunca cheirava essa porcaria. Por favor, Doris, por favor, pode ajudar? Consegue contactá-lo?»

O Paul veio ter connosco naquele quarto. Mencionou muitos nomes que não me diziam nada, mas muitos eram amigos de quem falara no diário. E disse-me com firmeza: «Não estava sozinho, Doris.»

Embora não dissesse quantas pessoas estavam com ele, tive a forte impressão de que eram duas ou talvez até três. A informação foi suficiente

para reforçar a convicção da Mrs Wardle de que era necessária uma nova investigação.

Mais tarde disse aos jornalistas: «A Doris contou-me coisas que ninguém fora da família poderia saber. Também me deu força para continuar a lutar até descobrir a verdade.»

Gostaria de ter ajudado mais, mas fiquei contente por saber, antes de deixar Liverpool, que tanto um advogado local como o deputado da zona estavam a ajudar a Mrs Wardle na campanha.

Olhando agora para aqueles convidados a rir e a brincar na festa do Daniel, pensei: «É mesmo uma mistura do camandro este dia, rapariga Doris, e ainda nem chegámos ao Philharmonic Hall!»

Mal conseguia manter os olhos abertos e pensei: «Meu Deus, que horror se adormecesses em frente às câmaras.» O balanço suave do carro também não ajudava. Adormecia e acordava de repente a cada curva. Não há muito trânsito nas ruas às cinco da manhã e, se tivesse percebido isso mais cedo, teria roubado mais meia hora de cama. Assim, esforçava-me por parecer viva e desperta e perguntava-me como raio os apresentadores de televisão do pequeno-almoço conseguiam fazer aquilo todas as manhãs.

Era sábado e fora convidada para aparecer no programa *Good Morning Britain* da ITV com Henry Kelly e uma simpática jovem chamada Toni Arthur. O Henry e eu já nos tínhamos conhecido há alguns anos num programa na televisão irlandesa e estava ansiosa por uma boa conversa outra vez, mas nunca tinha conhecido a Toni.

Estava especialmente feliz por ser convidada para a ITV porque, doze meses antes, um programa que fizera para a Granada fora proibido pela Independent Broadcasting Authority vinte e quatro horas antes de ir para o ar. Fizera muita gente perguntar-se exatamente o que a Doris Stokes fazia que era tão aterrorizador. Por isso agora aproveitava todas as oportunidades para mostrar às pessoas que o que faço é a coisa mais natural do mundo – mesmo que isso significasse levantar-me antes do nascer do sol!

Uma chávena de café nos estúdios da TV AM em Camden Lock acordou-me depressa e depois fui para a maquilhagem, onde uma maquilhadora fez o possível por me deixar apresentável àquela hora infernal.

Ninguém me explicara o que ia fazer no programa, por isso tentei relaxar – o que não foi difícil – e deixar entrar na cabeça o que quisesse entrar. Dei por mim a dizer à maquilhadora: «Então vives perto do rio, não

é?» Não sei o que me fez dizer isso, mas a rapariga quase deixou cair a esponja de pó de choque. «Sim, Doris, vivo. Como raio soube?» «Não faço a mínima ideia», respondi com toda a honestidade. Depois o gerente do estúdio entrou e pediu-me que o seguisse para o plateau.

O primeiro convidado foi uma tratadora de canil com uns cães de raça e eu fiquei nas coxias enquanto ela era entrevistada pelo Henry e pela Toni. Os três estavam tão concentrados na conversa que ninguém reparou no que um dos cães acabara de fazer no chão do estúdio. Havia uma poça e estava a espalhar-se lenta e silenciosamente em direção aos pés da Toni.

Olhei, horrorizada e fascinada. Não podia fazer nada – afinal o programa estava a ser transmitido em direto. Mal podia levantar-me e gritar: «Toni, cuidado com aquela poça!» Mas, enquanto pensava no problema, uma voz chegou ao meu ouvido: «Tens de a avisar de alguma maneira.»

Mentalmente fiz o meu melhor quando a Toni se levantou. E ela passou a centímetros da poça!

«Quem és tu?», perguntei à voz.

«Chamo-me Mrs Hill, parti com um AVC.»

A Toni agora andava para trás e, de alguma forma, passou novamente a milímetros daquela poça.

«Como conheces a Toni?»

«Sou a avó dela. Mas não lhe chamo Toni…»

Nesse momento a nossa conversa acabou abruptamente. Tinha de entrar em cena e a Toni lançou-se imediatamente nas perguntas, querendo saber se eu conseguia realmente ver espíritos.

Disse-lhe: «Consigo ver crianças espirituais, provavelmente porque estou perto delas.» Vieram outras perguntas e depois a Toni disse: «Então todos temos alguém a velar por nós, não é?»

«Sim», respondi. «Por exemplo, a tua avó Mrs Hill acabou de vir agora.»

A Toni endireitou-se de surpresa. «Queres dizer a mãe do meu pai?» «Sim», continuei. «Partiu com um AVC, mas diz que não te chama Toni.»

«Não chamava mesmo. Que incrível. Isto está a dar-me arrepios!»

Nessa altura o Henry Kelly interrompeu para perguntar: «Como controlas isso?»

Bem, claro – como já expliquei antes – pode ser difícil, mas como disse ao Henry: «Tenho de lhes dizer "xô, queridos". Há um programa na

televisão que quero ver.» E, na verdade, o Henry ajudou-me a controlar nessa ocasião. Se não tivesse interrompido, podíamos ter começado uma sessão ali mesmo. E a IBA talvez torcesse o nariz a isso.

Aliás, o Henry perguntou-me sobre a proibição da IBA e eu dei-lhe, com toda a honestidade, as razões que achava que tinham impedido a exibição do programa.

«Cheguei demasiado perto da verdade. Uma mãe cujo filho eu trouxe de volta desfez-se em lágrimas. Se eu tivesse subido ao palco e dito com uma voz esquisita e assustadora "Há alguém aí?" teria sido aceitável.»

Tanto a Toni como o Henry acenaram com a cabeça – acho que em concordância – enquanto eu apontava: «Ninguém ri o tempo todo nem chora o tempo todo. Há chuva e sol no tempo e há chuva e sol na vida. Tem de haver equilíbrio e, se não houvesse, nunca aprenderíamos nada. Seria um mundo terrivelmente falso se andássemos todos a sorrir o tempo todo.»

O resto da conversa correu sem problemas, mas tive cuidado para não deixar que se transformasse numa sessão porque não queria começar algo que não pudéssemos acabar no ar. Não seria justo para os telespectadores.

Ao mesmo tempo, temia que a Toni me perguntasse por que razão a avó dela tinha vindo. Não sei como lhe poderia ter contado o aviso. Não gosto de contar nem mentirinhas brancas, mas acho que esta teria sido uma ocasião em que talvez tivesse de o fazer – ou então arriscar-me a uma proibição permanente da IBA!

Gosto de trabalhar ou ser entrevistada em direto tanto na televisão como na rádio porque assim toda a gente sabe que o que digo é espontâneo e não pode ser ensaiado. Na verdade, na maior parte das vezes, nem sei que tipo de perguntas me vão fazer até estarmos no estúdio.

Foi o que aconteceu quando me convidaram para aparecer num programa de conversa da tarde na BBC Radio Nottingham, onde fui entrevistada por um jovem muito educado chamado Dennis McCarthy, que começou por perguntar-me se eu dizia sempre a verdade.

Era uma pergunta justa e respondi-lhe: «Sim, digo!»

«Mesmo que alguém do outro lado esteja infeliz, diria à família aqui?»

Para que conste, e porque é uma pergunta que me fazem muitas vezes, repito o que disse aos ouvintes da BBC Radio Nottingham.

Se alguém do outro lado está infeliz, na maior parte das vezes é porque os entes queridos que deixou para trás estão infelizes. Isso pode ser por várias razões. Todos dizemos palavras duras às pessoas que amamos de

vez em quando, não conseguimos evitar, somos humanos. A verdadeira tragédia acontece quando discutimos com alguém que amamos e essa pessoa morre antes de podermos fazer as pazes.

Tenho conhecido tantos pais cujas vidas foram destruídas por isto acontecer com os filhos. Culpam-se a cada minuto do dia e da noite. Torturam-se com o pensamento de que, se não tivesse havido uma discussão, talvez a tragédia tivesse sido evitada. Mas em todos os casos em que falei com esses pais e os filhos vieram, a mensagem foi sempre a mesma: são os jovens do outro lado que querem assumir a culpa, ou melhor, mostrar aos pais que não há culpa nenhuma a assumir na terra. O mesmo tipo de sentimento de culpa aparece por vezes quando perdemos um ente querido e pensamos: «Se ao menos os tivesse visitado mais vezes. Se ao menos tivesse dado mais do meu tempo.» É uma reação natural e que eles compreendem do outro lado. Mas todo o luto e culpa não os traz de volta. Temos de esperar até nos reunirmos novamente do outro lado. Entretanto, o que está feito, feito está e temos de continuar a viver as nossas vidas da melhor forma possível.

O Dennis também me perguntou se eu acreditava que havia um inferno e eu disse-lhe que não acredito em fogo do inferno como tal, embora haja um plano inferior na vida depois da morte que é bastante miserável. Aliás, uma vez perguntei ao Ramonov: «Dizes que tenho de tentar levar uma boa vida, mas o que acontece quando eu passar para o outro lado? Terei de conviver com gente como o Hitler?»

Ele disse-me que a vida que levo deste lado determinará em que plano me movo do outro lado, por isso vivo segundo uma regra muito simples. Todos os dias rezo: «Por favor, meu Deus, faz com que viva este dia de tal maneira que não tenha vergonha de enfrentar os meus filhos se partir antes da manhã.»

Depois o Dennis disse: «Não quero fazer isto agora porque o programa está a acabar, mas se te pedisse para me dares uma sessão em direto no ar, conseguias?»

O nosso tempo acabou, mas eu já recebera um sinal do mundo espiritual e vi o espanto na cara dele quando lhe disse: «Nunca prometo nada, mas digo sempre que tento. No teu caso, consigo ver que há alguém muito especial que não está do outro lado há muito tempo. Consigo ver porque há uma luzinha azul tremeluzente por cima do teu ombro.»

Infelizmente os ouvintes não ouviram o resto da nossa conversa, mas essa pessoa muito especial veio mesmo ter com o Dennis depois da emissão.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Um vento cortante levantou um jornal abandonado e fê-lo voar contra as altas paredes do novo Concert Hall em Nottingham. A primavera chegara, mas o inverno ainda não dissera o seu adeus definitivo e havia um arrepio distinto no ar. Quando John e eu entrámos a correr no táxi que esperava à porta dos artistas, ambos estremecemos. Fora casa cheia com mais de 2000 pessoas e o ar frio lá fora contrastava fortemente com o calor do auditório.

Foi então que vi a jovem. Agarrava-se ao braço do marido em lágrimas. Estava demasiado frio para ficar ali parado, por isso disse: «Entra, meu amor, e conta-me. Que raio se passa?»

Ela conseguiu soluçar: «É a minha mãe, Doris, partiu no sábado.» E depois vieram mais soluços incontroláveis. O marido abraçou-a para a consolar e olhou para mim, suplicante: «Há alguma coisa que possa fazer por nós, por favor, Doris? Ela tem estado assim nos últimos três dias.»

Um táxi numa noite ventosa com quatro pessoas espremidas no banco de trás não é bem o lugar para fazer uma sessão, por isso disse: «Olha, tenta não te apoquentar tanto. Enxuga os olhos, dá-me o teu número e prometo que ligo amanhã de manhã.»

Ainda nem tivera tempo de olhar para aquele papel manchado de lágrimas quando o telefone do hotel tocou às nove da manhã seguinte. Não precisava de perguntar quem era. Uma voz ao meu ouvido disse: «É a minha filha, Doris. Sabes, aquela com quem falaste no táxi ontem à noite. É impaciente, não conseguiu esperar que lhe ligasses.»

Atendi o telefone e disse: «Bom dia, meu amor, estava à espera que fosses tu. Tenho a tua mãe aqui comigo agora.»

Ouviu-se um arquejo do outro lado da linha.

Pelo menos as lágrimas tinham parado! A voz ao meu ouvido disse: «Sou a Maudie, Doris. Diz-lhes que estou com o Bill.»

Transmiti a mensagem e perguntei: «Quem é o Bill?»

Os arquejos tinham agora passado a gritinhos ao telefone. «É o pai dela, Doris, morreu quando ela tinha só dois anos, mas a mãe dizia muitas vezes que ansiava por conhecê-lo um dia.»

«Diz-lhes para não gastarem muito no meu funeral, Doris. Eu não estou naquela caixa, estou aqui. Não deixes que gastem muito. Não é preciso.» Era novamente a Maudie.

Mais uma vez transmiti a mensagem. Desta vez ouviu-se uma risadinha na linha. «Se é assim que a mãe quer, Doris, assim será. Deus a abençoe e obrigada por a mãe ter vindo! Agora sei que consigo enfrentar a prova do funeral – e vou consegui-lo sem lágrimas. Provou-me que a mãe não nos deixou mesmo…»

São este tipo de mensagens que fazem valer a pena a vida de médium. É bom conseguir passar mensagens para pessoas que já acreditam no mundo espiritual. Mas quando consigo provar a outros que há vida para além do plano terreno, fico nas nuvens. Acreditar como acreditamos não significa que não haja dor quando um ente querido parte – não seríamos humanos se não sentíssemos a dor da separação –, mas não há desespero nem desolação porque sabemos que um dia nos voltaremos a reunir.

Nem sempre é preciso uma mensagem que abale o mundo para trazer prova. Quantos familiares que partiram temos que sejam realmente capazes de pôr o mundo a arder? É por isso que gostaria que lessem um contacto típico dos centenas que fiz na tournée. Este foi em Nottingham, mas primeiro deixem-me contar o que nos esperava quando John e eu entrámos no camarim. Havia uma longa caixa de acrílico com uma dúzia de cravos lindíssimos. O John pegou numa pequena etiqueta que estava ao lado e leu em voz alta: «Com amor, de Margaret e Arthur Beckinsale.» A mensagem trouxe-me lágrimas aos olhos, pois uma enxurrada de memórias felizes voltou de repente.

Margaret e Arthur eram os pais daquele talentoso jovem ator Richard Beckinsale, estrela de séries de televisão tão populares como *Rising Damp* e *Porridge*. A mãe dele viera ter comigo para uma sessão depois de Richard morrer de ataque cardíaco aos 32 anos. Sabia que Margaret e Arthur viviam na zona de Nottingham, mas não os via desde aquela sessão, embora tivesse notícias da filha de oito anos do Richard, a Katy. No ano anterior, durante uma das minhas estadias no hospital, ela animara-me enviando-me um poema. Talvez não ganhasse nenhum prémio literário, mas foi exatamente o tónico de que precisava na altura. O poema dizia:

«Para a querida Doris, Esperamos que melhore Não há muito a dizer Sabemos que pode melhorar Amanhã ou hoje.»

Sempre guardei aquele poema junto ao coração, mas não via nem Margaret nem Arthur há um par de anos. Ao olhar para aquelas flores lindíssimas, calculei que deviam estar na plateia, por isso não havia outra solução senão subir ao palco e contar a toda a gente – e perguntar se os Beckinsale estavam connosco nessa noite.

Claro que estavam. «Tenho a certeza de que gostariam de aplaudir a senhora que nos deu este rapaz de bom carácter que tantas vezes nos fez rir», disse eu. Margaret levantou-se sob uma ovação tremenda e tinha lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

Sei que ficou embaraçada, mas senti que era justo continuarmos a lembrar-nos de alguém como o Richard que deu tanto prazer a tanta gente – e dar também uma palmadinha nas costas à mãe dele. Mas mal os aplausos morreram, o Richard veio acrescentar o seu contributo.

«Diz à mãe que fui à América com um dos da família, Doris.»

«Quem foi recentemente à América?», perguntei à Margaret.

«O meu neto Rupert», respondeu ela.

«Pois o Richard diz que também foi, só para manter um olho nas coisas. E também me está a dizer que estiveste no hospital.»

«É verdade, Doris. Fui operada a uma coisa séria.»

O Richard interrompeu, dizendo: «Não, quero dizer que ela foi ao hospital fazer um check-up. Hoje. E está tudo bem.»

Devolvi devidamente os factos à Margaret – e que também recebera um atestado de boa saúde do Richard.

«Que maravilha», riu-se ela.

O Richard interrompeu outra vez: «Faz-lhe saber, Doris, que já não sinto amargura. Sentia no início, quando parti tão de repente. Havia tantas coisas que queria fazer. Queria ser músico. Ela sabe isso. Não houve tempo no plano terreno, mas agora está tudo bem. Passo muito tempo nas salas de música aqui.»

Havia lágrimas nos olhos da Margaret enquanto eu transmitia a informação. Depois o Richard disse-me algo que me fez hesitar. Dizia respeito à viúva dele, uma adorável jovem atriz chamada Judy Loe. «Não sei se devo dizer isso», comentei. «Talvez a tua mãe não saiba.»

«Podes dizer-me o que quiseres, Doris. Não me importo», disse Margaret.

Então contei-lhe: «O Richard diz para lhe dizeres que está contente por a Judy ter encontrado alguém. Diz que está feliz por ela.»

Era óbvio que Margaret sabia do que o Richard estava a falar. A única coisa que a surpreendeu foi o filho também saber! «Sim, é verdade, Doris, a Judy encontrou um ótimo amigo.»

«Pois o Richard diz para lhe transmitires esta mensagem e, por favor, dá um abraço bem grande à pequena Katy da parte dele.»

Nesse momento a voz do Richard começou a enfraquecer. Transmitira a mensagem que queria. Ouviu-se um leve aplauso que depressa cresceu num crescendo enquanto aquelas pessoas maravilhosas na plateia mostravam a sua apreciação pelo Richard, que provara que, mesmo na vida depois da morte, continuava tão gentil e carinhoso como sempre.

Margaret e Arthur são crentes na vida depois da morte, mas havia bastante gente naquele teatro de Nottingham que não era. Pelo menos, não eram crentes quando entraram no salão. No fim da noite, porém, a história era outra. E ao longo de toda a tournée reparei que a maioria dos contactos eram para pessoas que nunca tinham tido experiência ou conhecimento prévio do mundo espiritual. Talvez andassem à procura com tanto desespero que o mundo espiritual usasse a velha Doris como último recurso. Fosse qual fosse a razão, foi com todo o gosto que ajudei. E nessa noite ajudámos bastante gente além de Margaret e Arthur Beckinsale.

Comecei por contar ao público que, como sempre antes de cada demonstração, passara a tarde sintonizada no quarto do hotel.

Na verdade, fora mais difícil do que o costume em Nottingham. O aquecimento central avariara-se e eu passara mais tempo a agitar os braços para me aquecer do que a ouvir o mundo espiritual.

Mesmo assim, vários nomes tinham chegado até mim e disse ao público: «Antes de vir para aqui esta noite, pedi ao mundo espiritual que me desse alguns começos. Agora, alguém aqui se chama Davies, June Davies?» Uma mão ergueu-se na primeira fila.

«Alguém chamado Speed? Hathaway? E um nome que soa como Scott Alan?» Mãos erguiam-se por todo o lado com gritos de «Aqui, Doris», «Sou eu», «É a minha mãe». Foi um dos inícios de demonstração mais movimentados que já tive. E alegrou-me porque estávamos a aproximar-nos do fim da tournée. Começava a sentir o cansaço, mas era bom saber que os meus amigos espirituais ainda estavam capazes e dispostos a ajudar.

Mr Speed foi uma das primeiras pessoas a vir para a frente do palco e aqui está uma transcrição do que aconteceu:

Doris: Quem é o John? Mr Speed: O meu filho. Doris: Estou a ouvir uma voz de senhora e não está do outro lado há muito tempo. Mr Speed: É verdade. Doris: O John é o bebé dela? Mr Speed: Sim. Doris: Ela está a dizer-me: «Perdoa-me, Doris, ainda não tenho a certeza do que fazer.» É o primeiro contacto dela.

A esta altura já havia lágrimas de emoção a escorrerem pelas faces do Mr Speed. Ele acenou com a cabeça e disse: «É verdade.»

Doris: Diz-me que tinha quase sessenta anos e sofreu bastante. Mr Speed: Sim. Doris: Quem é a Lily? Mr Speed: Uma amiga dela. Doris: Diz: «Diz à Lily que voltei, embora ela não acredite.» Também me diz que partiu pouco antes de um aniversário. Mr Speed: Sim. Doris: Diz para por favor não chorarem por ela porque sofreu. Já tinha tido o suficiente e só quer que saibam que agora está bem. Está com a Edith. Quem é a Edith? Mr Speed: Era o nome da minha mãe. Doris: Também me diz que puseste uma fotografia dela na prateleira da lareira. Mr Speed: É verdade, Doris.

Houve um toque de humor no comentário seguinte que arrancou risos do público quando o transmiti: «Diz: "Diz-lhe que é a pior fotografia de todas!"»

Ainda havia duas provas que eu esperava ouvir e que sabia que convenceriam o Mr Speed. Eram o nome da voz que falava ao meu ouvido – e o nome próprio do marido dela.

«Estou à espera que me digas, meu amor. Como lhe chamavas?» Mais uma vez aquele adorável sentido de humor, e mais gargalhadas quando dei a resposta: «Diz: "Sei o que lhe chamava, mas é melhor chamares-lhe Harold. É esse o nome dele. Também é conhecido por Al."»

Harold Speed limitou-se a dizer: «É verdade, Doris.»

Mas ainda não tinha o nome da mulher dele, por isso perguntei outra vez. E ela respondeu-me, impaciente: «Já te disse uma vez. Mencionei-o. É Lily.»

Não valia a pena discutir. Na verdade, ela mencionara a amiga Lily mais cedo, esquecendo-se de me dizer que também era esse o nome dela, por isso disse apenas em voz alta: «Harold, achas que estive a falar com a Lily?»

«Sim, acho.»

Eu disse: «Bem, se mais ninguém sair daqui esta noite com prova do mundo espiritual, fico contente por ter feito isso por ti, Harold.»

À minha frente estava agora uma jovem – soube depois que se chamava Pauline – e aqui está uma transcrição do que aconteceu:

Doris: O teu nome não é Scott Alan, pois não? Pauline: Não. Doris: Estou a ouvir uma voz de homem. A tua mãe, Mrs Scott Alan, é enfermeira e este homem está ligado a ela. Partiu muito depressa. Pauline: Sim. Doris: És a bebé dele? Pauline: Uma delas. Doris: Consigo sempre sentir quando pertencem. Quero vir dar-te um grande abraço. Ele está a dizer-me que a tua mãe não tem estado muito bem. Vive no sul e trata de deficientes mentais como eu fazia. Pauline: Faz, Doris. Doris: Diz que temos muito em comum. A tua mãe escreve poesia. Diz que recebe muita inspiração do mundo espiritual. Pauline: Sim, Doris, recebe. Doris: Diz-me que ela é uma mulher muito independente. Pauline: Sim, é. Doris: Tirou um anel de noivado. Tem coragem das suas convicções. Está pronta a dizer quando as coisas não estão a correr bem. Pauline: Sim, está. Doris: Diz obrigado por cuidares dela porque ela tem estado a ficar contigo. Também está a ser guiada do outro lado. O guia dela é uma freira e é essa freira que a inspira a escrever os poemas. Ela deve avançar e mandá-los imprimir. Faz sentido para ti? Pauline: Sim, Doris, faz.

Nesse momento pensei que o contacto estava a enfraquecer – o homem dera uma quantidade enorme de informação detalhada –, mas ele não estava pronto para desaparecer ainda.

«Espera aí, vamos tornar isto à prova de água para toda esta gente que está a ouvir», disse ele.

Dei por mim a dizer: «Quem é a Winifred?»

«É o outro nome dela», respondeu Pauline.

«O nome dela é Winifred Jo Scott Alan?»

«É isso mesmo!»

Ainda não tinha acabado. Disse: «Estão a dar-me uma morada. Em qualquer lado no sul.» Disse o nome de uma rua.

Mais uma vez Pauline disse: «É isso mesmo!» A voz desvaneceu-se.

Alguns dias depois recebi a seguinte carta, endereçada à minha secretária:

Fareham Hants

Cara Secretária,

Na terça-feira passada a Doris chamou o meu nome e morada numa demonstração em Nottingham. Eu estava a 200 milhas de distância, em casa; a minha filha recebeu a mensagem por mim.

As provas apresentadas eram cem por cento corretas e, devido às circunstâncias extraordinárias e ao facto de eu não estar presente naquela audiência, sinto-me compelida a contactar Doris. Desejo tanto que ela ouça a cassete em anexo como forma de agradecimento e incluí também a minha poesia sobre os deficientes mentais como uma pequena prenda.

Compreendo o quão ocupada Doris deve estar, mas pode, por favor, garantir que ela recebe esta cassete o mais cedo possível.

Agradeço desde já,

Enfermeira Joan Scott Alan

Escusado será dizer que reproduzi aquela cassete assim que a recebi. E tenho-a reproduzido vezes sem conta porque está entre as mais comoventes que alguma vez ouvi. Ao ouvi-la, percebo que a enfermeira Joan Scott Alan é uma pessoa muito especial e que tem uma visão maravilhosa da enfermagem, especialmente com pessoas com deficiência mental. Confirmou também que recebe ajuda do mundo espiritual no seu trabalho e que isso aconteceu de uma forma extraordinária.

«Não levo qualquer crédito pelos poemas», explicou Joan. «Foram ditados por uma voz desconhecida do mundo espiritual. Os títulos vieram-me primeiro à cabeça enquanto trabalhava nas enfermarias.

«Depois, o mundo espiritual esperou até eu estar sentada calmamente na sala de descanso das enfermeiras para ditar o primeiro dos poemas. A princípio, não fazia ideia do que estava a acontecer. Eu tenho um dom psíquico e pensei que me estavam a dar os nomes de livros para ler.

«Na mesma noite, em casa, uma voz espiritual voltou e, durante três horas, os poemas foram-me ditados. Estou tão contente por o meu querido pai querer que eu os publique. Tem estado no fundo da minha mente porque é uma forma de angariar dinheiro para os nossos doentes com deficiência. Agora, Doris, tu mostraste o que tem de ser feito — e será.»

Joan musicou a sua poesia e um dos mais tocantes da coleção é sobre a visão do mundo tal como é vista pelos olhos de uma pessoa com deficiência mental. Vede se concordais comigo.

Eu vejo-vos mexer, ouço-vos falar e no entanto os meus membros não querem andar. Movo a boca para vos dar a entender e no entanto, de alguma forma, as palavras não fluem. Observo o vosso rosto para perceber

o vosso humor. Talvez penseis que sou muito rude mas também eu tenho pensamentos e sentimentos. Se ao menos pudesse falar convosco para vos contar tantas e tantas coisas, a alegria que sinto quando vos ouço cantar e depois, se ao menos pudesse explicar, as dores e as dores de cabeça que guardo dentro de mim. Grito e enfureço-me para tornar claro mas tudo cai em ouvidos completamente surdos. Oh querida, lá vem aquele homem horrível. Sabes, aquele que tenta planear e sussurra também aquelas coisas terríveis que me manda fazer. Mas vós insistis que ele não está lá quando o tempo todo ele está de pé e me encara. Esforço-me tanto por o afastar. Porque não vedes quando ele está por perto? Desejo tanto ser como vós. Rir e falar, e fazer palhaçadas. Compreender e ser compreendido como toda a gente neste mundo deveria ser. Mas talvez eu tenha sido enviada, presa neste corpo, para ensinar à humanidade um jogo simples de que amor e paciência, força e confiança, todos vós podeis aprender ajudando-nos.

Sinto-me tão humilde cada vez que leio esse poema.

A minha visita a Nottingham foi quase como um regresso a casa porque nasci em Grantham, que fica a menos de vinte milhas de distância. O homem que presidiu à sessão da noite foi Derek Hodson, que tinha sido meu companheiro de brincadeiras num passado longínquo e remoto, e um dos meus primeiros compromissos como médium, há quase quarenta anos, tinha sido na Igreja Espiritualista de Nottingham. Nessa ocasião, havia apenas um punhado de pessoas; desta vez foi ligeiramente diferente. Estava num dos maiores auditórios da cidade e estava completamente cheio. Foi agradável ver, na hora das perguntas, que a maioria das pessoas na fila eram jovens.

Foi uma pergunta de um desses jovens que me fez engolir em seco e me fez sentir humilde. Trouxe-me à memória que não é preciso ter a minha idade para se ter conhecido toda a dor da vida.

O rosto dela estava pálido e tremia ao perguntar: «Doris, se um bebé morrer de forma trágica, ele fica melhor do outro lado?»

Havia uma angústia tremenda na voz, mas não era preciso dizer mais nada. Uma voz estava a contar-me exatamente o que tinha acontecido. Ela estava a falar de uma criancinha que tinha sido violentamente agredida e assassinada, uma criança próxima dela, mas não sua.

Disse com suavidade: «Minha querida, não te preocupes com isso. Do outro lado há hospitais. Ele será tratado até ficar bom com todo o carinho e

amor. Tudo o que aconteceu aqui será esquecido agora e não haverá nada que o assuste do outro lado.»

Depois outra voz chegou-me ao ouvido. Perguntei: «Quem é Eileen?»

«É a mãe dele, Doris.»

Quase ao mesmo tempo, uma voz borbulhante de excitação gritou do balcão cheio: «Estou aqui, Doris, aqui em cima! Sou a Eileen!»

«Ainda bem que as vozes me disseram para mencionar o nome dela. Se não o tivesse feito, tenho a certeza absoluta de que Eileen teria ficado sentada com os lábios cerrados toda a noite. Teria ficado demasiado dominada pela tragédia que lhe ensombrou a vida para descer e falar comigo voluntariamente. Mas o mundo espiritual tinha-me dado o nome dela. E agora os seus olhos tristes brilhavam.»

Disse: «Eileen, acredita-me, nada magoará o teu bebé lá. Ele será cuidado por uma mãe espiritual, alguém jovem como tu, ou talvez uma rapariga que nunca conheceu as alegrias da maternidade no plano terreno. Com quem quer que ele esteja, estará a trazer-lhes prazer.»

De repente, uma criancinha apareceu ao meu lado. Tinha apenas cerca de três ou quatro anos, cabelo loiro, olhos azuis e um sorriso radioso. Olhou para a frente do palco. A rapariga que tinha feito a pergunta ainda lá estava de pé e tinha lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Depois olhou para mim com um ar perplexo e disse: «Porque está a minha tia a chorar, Doris? Por favor diz-lhe a ela e à minha Mam que eu estou bem. Agora está tudo maravilhoso.»

Depois disse: «Fala-lhes do Gary, por favor. Ele andava na minha bicicleta — e ainda tem qualquer coisa minha. E diz à Mam, por favor diz à Mam, que eu a vi tirar o meu casaco azul e abraçá-lo.»

Eileen soltou uma exclamação de espanto quando eu transmiti estas mensagens e descrevi o seu filho. «É verdade, é verdade», gritou ela. «O Gary era o melhor amigo dele e andava mesmo na bicicleta dele!»

Depois, tão subitamente como tinha aparecido, o pequenino desapareceu. O palco ficou vazio outra vez, exceto eu e o meu velho amigo Derek Hodson e um grande ramo de crisântemos amarelos que estava em cima de uma mesa entre nós. Olhei para eles e depois ergui os olhos para Eileen. Disse: «Queres levar estes para casa contigo, querida, com todo o nosso amor e com o amor do teu filhinho?»

Ela desceu do balcão, com os olhos marejados de lágrimas, e disse: «Doris, obrigada. Como soubeste? O amarelo era a cor favorita dele.»

Havia agora tanto prazer no rosto dela que não consegui evitar que me viesse um nó à garganta. Também não consegui evitar dizer a toda a gente o que estava a sentir. Disse: «Oh Eileen, minha querida, por favor, peço a toda a gente que reze por esta mãe.»

E enquanto o dizia, veio-me à mente muito mais. Conseguia imaginar o rapazinho a apanhar um ramo de dentes-de-leão amarelos brilhantes. Teria sido atraído pela cor. E tê-los-ia apanhado porque a cor agradaria à Mam dele.

É uma cena que deve ter-se repetido um milhão de vezes todas as primaveras. Depois pensei: Quantas vezes é que uma criança pequena traz do jardim um ramo de ervas coloridas para a mãe? E quantas vezes é que a mãe diz: «Oh, são mesmo giras, querido», e depois põe-as de lado? Eu sei que acontece porque já o fiz. Mas não deveríamos fazer isso. Aqui estava uma mãe jovem cujo filho nunca mais poderia apanhar aquelas ervas e isso fez-me perceber mais uma vez que cada minuto da vida está aqui para ser saboreado e aproveitado. Quando uma criança traz aquelas ervas do jardim, deveríamos dizer: «São mesmo lindas, querido», e depois arranjar um jarro ou um copo para as pôr. Deveríamos fazê-lo porque para a criança elas são lindas e foram-nos dadas com amor. E tudo o que é dado com amor é lindo.

Desde a minha mastectomia que uma senhora vem ajudar-me a limpar o apartamento, e ela disse-me da primeira vez que cá veio: «Meu Deus, Doris, tu tens mesmo muita coisa para tirar o pó.»

Desculpei-me e disse: «Sim, querida, eu sei que tenho, mas acredito que, se alguma coisa me for dada com amor, não a devo guardar num armário. Tem de ficar à vista por respeito, porque sei que foi dada com sentimento. Nem sonharia esconder alguma prenda.»

Sei que no auditório de Nottingham, naquela noite, toda a gente se juntou a mim para dar o ramo de flores à Eileen com amor. Conseguia sentir aquela atmosfera maravilhosa quando ela o recebeu das minhas mãos. Conseguia sentir outra coisa também. Sempre disse que, uma vez forjado o laço de amor, nada o poderá quebrar e o filho da Eileen provou-o mais uma vez. Ele tinha voltado para oferecer conforto à mãe e tranquilizá-la de que estava salvo e bem. E escolhera voltar exatamente um ano depois da noite em que tinha sido morto.

CAPÍTULO DEZASSETE

Não sentia dores, mas não conseguia respirar. Estava a sufocar e sentia-me a afundar. Sabia exatamente o que estava a acontecer, mas não conseguia dizer as palavras para explicar. Cada vez que tentava dizer alguma coisa, havia um gorgolejar na garganta e começava outro acesso de tosse. De alguma forma, consegui olhar para Robin Stephens, outro médium que estava a presidir à sessão, e disse ofegante: «Desculpa, mas tens de tomar conta disto um ou dois minutos, Robin.» Depois levantei-me aos tropeções, tateei o caminho por entre as cortinas ao fundo do palco e desabei numa cadeira do outro lado. O coração batia-me descompassado e a cabeça rodava-me.

Pouco mais de duas horas antes, Robin tinha-me apresentado ao público no teatro em Camden Town, no norte de Londres, dizendo: «É sempre um prazer ouvir o trabalho de outros médiuns, mas especialmente o de Doris Stokes com a convicção que só ela parece conseguir trazer às suas mensagens.»

Bem, tenho de admitir que houvera muita convicção nesta última mensagem que me derrubara completamente. Do outro lado da cortina, conseguia agora ouvir um zumbido de conversa ansiosa e depois Robin outra vez, a acalmar a situação. Tinha acabado de vivenciar algo que só me acontecera uma vez em todos os meus anos como médium. E, tal como nessa ocasião, acontecera porque eu estava fisicamente exausta.

Conseguia ouvir Robin a dizer: «Tenho a certeza de que a Doris estará perfeitamente bem dentro de poucos minutos. Uma das dificuldades em receber um contacto como o que ela acabou de receber é que, por vezes, os comunicantes chegam muito perto e, em certas ocasiões, isso pode afetar negativamente o médium.»

Ele tinha toda a razão. Era exatamente isso que acontecera. Eu estivera a falar com um jovem do mundo espiritual que me estivera a contar como morrera. Tinha sido esfaqueado, assassinado, e eu vivenciara os seus últimos segundos de vida.

O contacto começara muito calmamente cerca de cinco minutos antes, quando uma voz chegou ao meu ouvido e disse baixinho: «Sou o Stephen, sou o Stephen.» Na verdade, falava tão baixo que eu mal conseguia ouvir o que dizia. Parecia «Fui morto na estrada», mas eu esforçava-me por captar a mensagem. Isso acontece com bastante frequência quando um espírito

está a fazer contacto pela primeira vez, por isso disse: «Mal te ouço, Stephen, aproxima-te mais, querido.»

Depois, para o público, disse: «Tenho aqui alguém chamado Stephen. Foi morto na estrada. Acho que pode ter sido algum tipo de acidente de viação, mas ainda não sei.»

Da metade do auditório, uma mulher gritou-me: «Tenho um Stephen, Doris, e foi morto na estrada.» Imediatamente a voz de Stephen voltou, muito mais alta e muito mais urgente. Disse: «É a minha mãe, Doris, fui morto na estrada. Fui esfaqueado até à morte.»

Stephen aproximou-se tanto que eu sentia que estava de pé ao meu lado. Disse: «Apanharam-me aqui e aqui.» E eu sentia uma leve pressão nas costas e no abdómen. «Quase não saí aquela noite, sabes, Doris. E o triste é que nem sequer comecei a discussão. Mas diz só à mãe que agora está tudo bem. Não sinto qualquer amargura. Diz-lhe também que trouxe uma rosa, ela vai saber o que quero dizer.»

Enquanto ele me falava, eu transmitia as mensagens à mãe dele, mas estava a tornar-se cada vez mais difícil. Estava a sufocar. Disse ao público: «Desculpem, desculpem. Está a borbulhar na minha garganta.» Comecei a tossir e estava a tornar-se cada vez mais difícil falar. Stephen deu-me três nomes, todos de homens, e eu consegui repeti-los antes de me arrastar para fora do palco. Stephen deve ter percebido que não tinha gerido bem o seu primeiro contacto, embora eu não pudesse culpar o rapaz. Ele só estava demasiado ansioso por falar com a mãe e, como eu estava esgotada, tinha-lhe permitido dominar a situação. Isso já me tinha acontecido antes, quando estive em contacto com um homem que morreu de uma hemorragia cerebral. Ele também se aproximou demais de mim e eu sofri os sintomas dele. Fiquei cega de um olho durante uma semana. Normalmente sinto uma parte do espírito que está a falar comigo durante a sessão, mas isso acontece apenas por uma fração de segundo. Se me permitisse sofrer as doenças de todos os espíritos com quem contacto durante mais tempo do que isso, a vida tornar-se-ia simplesmente insuportável!

Sentei-me na poltrona atrás do palco em Camden Town e pensei para comigo: «Doris, rapariga, precisas de descansar. Isto não está nada bom.» A respiração estava a voltar, os acessos de tosse tinham passado, mas, infelizmente, o Stephen também. Não fiquei excessivamente preocupada com isso, no entanto. Ele tinha feito o seu contacto inicial e eu não tinha

dúvidas de que voltaria a ver a mãe, embora da próxima vez, se viesse através de mim, certamente manteria a distância e não seria tão ansioso!

Na frente do teatro, o público começava a dispersar. Robin tinha explicado que eu não voltaria aquela noite e havia uma ou duas caras desapontadas. Felizmente, a mãe do Stephen tinha sido o último contacto da noite, por isso fiquei contente por não termos desapontado mais ninguém, mas teria gostado de completar a mensagem dele para ela.

Não precisava de me ter preocupado com isso. A mãe do Stephen falou com um jornalista que estava na plateia depois de eu ter saído do palco. Eis o que ela disse:

«Os nomes que a Doris deu eram os do pai do Stephen, de outro familiar e do homem que matou o Stephen. Estávamos todos juntos a jantar fora. Houve uma discussão, exatamente como a Doris descreveu, mas não foi culpa do Stephen. Ele estava a tentar intervir e evitar problemas.

«O horror daquela noite ainda é uma memória vívida e chocante, ou pelo menos era até esta noite. Mas agora que o Stephen veio e falou comigo, será mais fácil viver com isso.

«Fiquei contente com a rosa vermelha. Mostra que o Stephen ainda se interessa pelo que fazemos. Visito a campa dele todos os meses e, de cada vez, ponho uma rosa vermelha.»

Estava de volta ao meu apartamento com os pés para cima. Estávamos agora a aproximar-nos do fim da tournée e alguém tinha calculado que mais de 100 000 pessoas tinham passado «Uma Noite com Doris Stokes». E isso sem contar com as pessoas do mundo espiritual que vieram também! Para além disso, houve incontáveis emissões de rádio por todo o país, entrevistas a jornais e aparições na televisão, o que significava que a nossa mensagem tinha chegado a muitas vezes mais pessoas do que aquelas que tinham vindo aos teatros.

O John tratava das tarefas domésticas e das compras e o nosso filho, Terry, já era um ás a preparar uma grande variedade de refeições. E eu sentia que podia dormir um mês inteiro! Claro que não havia hipótese disso, pelo menos até a tournée acabar. Por isso decidi fazer um compromisso. Passei três dias a descansar em casa a pôr em dia a correspondência que chega todas as semanas. E ler essas cartas foi provavelmente um dos maiores tónicos que poderia desejar.

Tinha reparado, desde o início da tournée, no número crescente de jovens que não só vinham ver-me como também escreviam algumas das

cartas mais belas. O meu pai costumava dizer-me: «Lança o teu pão sobre as águas com amor, boneca, e ele voltará sempre com manteiga!» E eu sei exatamente o que ele queria dizer. Passar as minhas cartas a pente fino faz-me sempre perceber que oportunidade maravilhosa Deus me deu para ajudar outras pessoas. Basta ler a carta deste jovem e vereis o que quero dizer:

Wokingham,

Berkshire.

Cara Sra. Stokes,

Escrevo para lhe dizer o quanto gostei dos seus livros. Animou-me saber que as pessoas que morrem vão para um lugar muito melhor do que esta terra.

Recentemente, quatro pessoas que eu conhecia morreram, mas até às suas mortes e à leitura dos teus livros eu nunca tinha realmente considerado os espíritos em profundidade, embora sempre tivesse acreditado que algo existe lá.

Ao ler os teus livros, o meu medo de morrer diminuiu e, de certa forma, fico contente por essas quatro pessoas, incluindo o meu avô, terem passado para o outro lado. Sei que não nos disseram adeus, mas estão à nossa espera e um dia estaremos todos juntos na vida eterna.

Obrigada e continua o teu bom trabalho.

Com os meus cumprimentos, Carol Prince (15 anos)

É este tipo de carta que funciona como um tónico melhor do que qualquer coisa que o médico pudesse receitar. Mas, claro, não são só as cartas dos mais jovens que me animam. Aqui está outra que chegou no mesmo saco do correio, mas de alguém um pouco mais velho.

Spinney Hill Northampton

Cara Doris,

Gostaria de te agradecer a ajuda que me deste através dos teus livros.

No dia de Ano Novo do ano passado, o meu filho David, de vinte anos, morreu num acidente de mota. Era um rapaz tão brilhante, cheio de vida, sempre a rir e cheio de diversão. Era como um raio de sol e, no dia em que morreu, o sol deixou de brilhar para mim.

Isso foi antes de eu ler os teus livros e agora só posso dizer que as minhas orações foram atendidas.

Deus te abençoe e obrigada mais uma vez. Sra. J Walters

A Sra. Walters também me enviou um poema que alguém lhe deu pouco depois da morte do filho. Já recebi o mesmo poema de várias outras pessoas, mas ninguém parece saber quem o escreveu. Gostaria que o lesses porque é realmente uma das peças mais belas que alguma vez li e tem um lugar especial reservado no canto do meu apartamento que dediquei aos meus filhos espirituais.

Empréstote por um pouco um filho meu, disse Deus, Para que o ames enquanto ele viver e chores por ele quando morrer. Pode ser seis ou sete anos, ou quarenta e dois ou três, Mas, até eu o chamar de volta, cuidarás dele por mim? Ele trará os seus encantos para te alegrar. E se a sua estadia for breve terás sempre as suas recordações como consolo na tua dor. Não posso prometer que ele fique, pois todos regressam da terra, Mas há lições ensinadas lá em baixo que quero que esta criança aprenda. Procurei por todo o mundo professores verdadeiros e, entre a multidão que enche a estrada da Vida, escolhi-te a ti. Agora dar-lhe-ás todo o teu amor e não acharás o trabalho em vão, nem me odiarás quando vier buscar este filho emprestado de novo? Parece-me que os ouvi dizer: «Querido Deus, faça-se a Tua vontade. Por todas as alegrias que esta criança trouxer, correremos o risco da dor. Protegê-lo-emos com ternura, amá-lo-emos enquanto pudermos e, por toda a felicidade que alguma vez conhecemos, ficaremos eternamente gratos. Mas se os anjos o chamarem muito mais cedo do que tínhamos planeado, enfrentaremos corajosamente a dor amarga que vier e tentaremos compreender.»

Não é lindo? E sei, pelas cartas que recebi com estes versos lá dentro, que trouxe conforto a muitas pessoas. Adoro mesmo poesia e outra peça que chegou no meu correio foi esta:

Amor Procurei o Amor e lá estava ele — nos olhos inocentes de uma criança Procurei novamente e lá estava ele — numa criatura tímida e selvagem. Procurei outra vez e eis que vi uma nuvem fofa a passar Orlada de rosa pelos raios do pôr do sol num lindo céu azul. O mar cintilante refletia o Amor — pensei que o meu coração fosse rebentar Quando o Amor começou a fluir dentro de mim e acalmou a minha sede dolorosa; Porque tinha procurado este Amor tanto tempo, tão arduamente, de tantas maneiras diferentes Sentada a pensar, a andar e a falar, e muitas vezes de joelhos a rezar; Mas quando as comportas se abriram e o rio rompeu a barragem Vi que o Amor estava em todo o lado — e em todas as coisas — para o Homem. Tinha procurado lá fora sem sucesso e tentado olhar para

dentro, À medida que cada dia passava, confesso que a minha paciência se esgotava, Até que um dia deixei de me esforçar e comecei a viver cada dia — Cada dia trazia uma joia brilhante que ajudava a iluminar o caminho Para o segredo procurado pelo Homem — o meu coração encontrou a chave — É o Amor — tão simples — mas é tudo — para conhecer a Eternidade. Sue Coad

As cartas sobre familiares e amigos tocam-me realmente o coração e são cartas como esta que me fazem perceber que não vale a pena tentar pôr ares e graças. Basta ser-se quem se é.

Brighton Cara Doris,

Nos últimos meses tenho sido atraída pelo espiritismo e vários médiuns disseram-me que devia entrar num círculo porque sou muito psíquica. Todas estas mensagens me pareceram maravilhosas. Pensei como seria cheio de propósito a vida de alguém se pudesse fazer tudo isto, mas depois tive dúvidas.

Porque raio haveriam os espíritos de me querer a mim? Estou longe de ser perfeita! Fico zangada de vez em quando e às vezes digo palavrões, embora tente não o fazer muitas vezes. Tenho pensamentos desagradáveis sobre algumas pessoas embora gostasse de gostar de toda a gente, mas acho impossível e tento perceber porquê.

Por isso, quando li a tua história, em que falas abertamente das tuas próprias fraquezas humanas, percebi que, afinal, não é esperado que sejamos perfeitos. Como poderíamos ser? Não estaríamos aqui se fôssemos!

Agora estou pronta a aprender e, embora não te consideres uma grande filósofa, gostaria que soubesses que desempenhaste um papel importante na minha progressão.

Com amor, Linda Sinclair

Não é giro? Mas, sinceramente, foi a Linda quem se ajudou a progredir simplesmente aceitando que é um ser humano normal e não uma santa. Nenhum de nós o é.

Terminarei esta seleção do nosso saco do correio com dois poemas lindos. E espero que consigam ver porque é que ler a minha correspondência é o melhor tónico do mundo.

À Sra. Doris Stokes e a John Michael Haverá um dia em que estarei À entrada daquela terra perfeita. E lá para me receber estará o meu filho Que suavemente me mostrará as maravilhas que virão Naquele lugar onde o sol

nunca se põe. Onde as águas brilhantes correm Por colinas e vales sempre verdes Banhados num brilho dourado. E naqueles salões celestiais encontrarei O amor e a beleza que serão sempre meus. E mais uma vez serei mãe Daquele filho que amei tão ternamente.

Para Doris, Para todas as criancinhas Foste despertada do teu sono. A Luz escolheu-te para defender As crenças dos mais pequeninos Elas vêm ter contigo às centenas, Sabem que és verdadeira; Contam-te todos os seus segredos Sabem que os guardarás, E quando trazem as suas famílias, Sabem que aliviarás a sua dor. Que honra ter sido escolhida, O teu trabalho é muito duro, Mas eles sabiam, quando te escolheram, Que tinham escolhido a melhor de todas. Se eu pudesse dar uma pequena parte De mim para te ajudar, Seria o meu coração cheio de amor, Para igualar o teu tão verdadeiro. Dianne Jones, Doncaster.

Posso apenas dizer-vos obrigada a ambos e abençoar-vos por palavras tão belas.

CAPÍTULO DEZOITO

«Como pode a minha filha saber de coisas que aconteceram antes de ela nascer?» Foi a primeira vez que esta pergunta foi feita na tournée e por trás dela estava uma prova fascinante dos poderes psíquicos das crianças.

Estava de volta ao Wythenshawe Forum, em Manchester, e a meio mundo de distância das Malvinas. E no entanto, assim que a pergunta foi feita, a minha mente voltou-se para o caos e a carnificina daquela guerra trágica. Era tão vívido que conseguia cheirar o fumo e ouvir os avisos frenéticos gritados por cima do crepitar das metralhadoras e do guincho dos motores dos jatos.

Estava tão longe deste teatro acolhedor e o elo eram dois nomes que me chegaram ao ouvido. Lindsay e Steven. Disse à mulher que estava à minha frente: «A tua filha chama-se Lindsay?» Ela não conseguiu disfarçar a surpresa na voz quando respondeu: «Meu Deus, sim, chama-se, Doris.»

«E tiveste um filho — Steven?»

«Foi morto nas Malvinas, Doris.»

Naquele momento ele entrou no palco com um grande sorriso na cara, por isso disse: «Ele não te abandonou, querida. Está aqui comigo agora. Está a mandar o seu amor para ti e para a Lindsay.»

E isso resolveu o mistério de como a Lindsay sabia de coisas que tinham acontecido antes de ela nascer. Ela tinha conversas regulares com o irmão mais velho. Aliás, a menina tinha contado isso à mãe e a Sra. Ann McNeil só queria uma confirmação da minha parte.

Steven McAndrew era filho da Ann de um casamento anterior e quando o pai dele morreu, Ann casou-se novamente. Lindsay era, na verdade, meia-irmã dele, mas idolatrava o irmão mais velho.

E o irmão mais velho era um rapaz com sede de aventura. Alistou-se nos Royal Marines e esteve na linha da frente da batalha por San Carlos, nas Malvinas. Era metralhador. O guincho do motor de jato que eu ouvira fora de um Skyhawk argentino que largou uma bomba de 500 libras na trincheira dele.

Steven lutara até ao fim, mas disse-me: «Não senti nada, Doris, por isso diz por favor à família para não se atormentar. Vamos encontrar-nos outra vez.» Não havia amargura na voz dele e certamente as visitas dele à irmãzinha não a assustavam, como Ann explicou mais tarde.

«O Steven e a Lindsay eram tão próximos como quaisquer irmão e irmã poderiam ser, apesar da diferença de idades. O Steven tomava conta dela muitas vezes e depois de ele ser morto, a Lindsay mudou-se para o quarto dele. Chorou muito quando eu lhe dei a notícia de que ele não voltaria para casa e depois animou e começou a contar-nos como falava com o Steven.

«A princípio, o meu marido e eu não ligámos importância. Era o tipo de coisa que qualquer mãe esperaria de uma menina que tinha perdido o irmão que amava. Pensei que ela estava só a inventar para suavizar o golpe para ela própria.»

Mas seis semanas depois da morte do Steven veio a prova de que a Lindsay não estava a inventar as conversas. Ela saltou para a cama com a mãe e o pai e disse: «O Steven está no céu com o Graham e a Elsa. Ele contou-me.»

A mensagem deixou Ann e o marido Tony petrificados. Ela disse:

«A Lindsay sabia do meu primeiro marido, que se chamava Graham, mas não podia saber que ele tinha um cão. E que o cão se chamava Elsa.»

Três meses depois veio mais prova das visitas do Steven à irmãzinha. A família McNeil estava num parque de campismo quando a Lindsay disse: «O Steven tem-me contado como cortou o queixo quando escorregou numa pastilha de sabão na escola.»

Era uma coisa de que a mãe se tinha esquecido completamente. Era absolutamente verdade, mas algo que a pequena Lindsay não podia ter sabido de maneira nenhuma. Não passou muito tempo depois deste incidente que o Steven fez uma breve aparição à mãe — num sonho.

«Senti que ele me puxava da cama, a dizer-me que a sala estava a arder. Foi um sonho tão realista que me acordou e desci para ver se estava tudo bem. Havia um cigarro a smoulder num cesto de papéis que começava a pegar fogo.»

O Steven continuava a velar pela família e eu fiquei contente por ele ter aparecido quando a mãe veio ver-me ao Wythenshawe Forum. O Steven pediu-me que lhe desse o grande ramo de flores que a gerência do teatro tinha posto no palco para mim. Tive todo o gosto em fazê-lo, claro, mas houve uma pequena sequência desta história que deixarei à Ann.

«Quando cheguei a casa depois de ver a Doris, a Lindsay estava de pé, de camisa de noite, no cimo das escadas. Estava a esfregar os olhos e tinha obviamente acabado de se levantar da cama.

«Disse: 'O que estás aqui a fazer a esta hora, menina?'

Ela respondeu: 'Ainda não me mostraste as flores que a senhora te deu.'

Fiquei atónita, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, a Lindsay acrescentou: 'O Steven contou-me delas. E diz que gostou da senhora.'»

Bem, foi a primeira vez que recebi um elogio do mundo espiritual! E fico contente por dizer que, da última vez que soube da Ann, o Steven ainda visitava ocasionalmente a irmãzinha. Também fiquei contente por saber que a Ann não permite que ninguém mais a interrogue sobre isso e que, se ela menciona o Steven, a família trata isso como algo normal e natural. E é-o para as crianças.

CAPÍTULO DEZANOVE

O tapete era tão espesso que quase me cobria os tornozelos. Ou, pelo menos, era essa a sensação. E os candelabros eram como os que só se veem nos filmes. Eram magníficos. Era mesmo um cenário de conto de fadas e à nossa volta, minha e do John, havia muitas caras famosas, a maior parte das quais só tínhamos visto antes na televisão. Mas estava terrivelmente calor e só havia champanhe para beber. Infelizmente, tenho de admitir que não tenho gosto por ele e o John também não. Ali de pé, no meio de um dos hotéis mais chiques de Londres, teríamos dado tudo por uma chávena de chá.

Éramos convidados no almoço anual da revista Woman's Own, e eu fiquei estupefacta quando a secretária da editora me telefonou a dizer: «Estamos a convidar várias mulheres cujas realizações no último ano gostaríamos de reconhecer. Gostaríamos que viesse, Sra. Stokes.»

Mal queria acreditar nos meus ouvidos. Uma mulher de realizações! Tenho de admitir que fiquei mais do que um bocadinho vaidosa e aceitei imediatamente, embora, por mais que pensasse, achasse realmente que havia pessoas muito mais merecedoras por aí. Tudo o que eu tivesse realizado fora com a ajuda de Deus, tinha sido um trabalho de equipa. Dificilmente escalara o Evereste ou dera a volta ao mundo sozinha num barco, mas se a Woman's Own achava que eu merecia a honra de ser convidada, de uma maneira ou de outra, ia provar que era digna do convite. Nesta fase, não fazia a mínima ideia de como ou o que poderia fazer, mas sabia que os meus amigos espirituais não me deixariam ficar mal, dariam-me orientação — e deram, claro, permitindo-me o privilégio de angariar dinheiro para a instituição de caridade Save the Children Fund que a Woman's Own estava a apoiar.

Havia um bónus adicional: a revista estava também a lançar uma campanha para construir uma Unidade de Medula Óssea e a Princesa Anne, como Presidente do Save the Children Fund, vinha ao almoço como convidada de honra. Fico constantemente espantada por, nos dias que correm, quando conseguimos mandar pessoas à lua, ainda não conseguirmos angariar dinheiro suficiente para comprar equipamento que impeça crianças doentes de morrer. Parte-me o coração por vezes e pergunto-me o que aconteceu às nossas prioridades. Durante o último ano,

no entanto, fiz o que pude para ajudar o fundo daquela unidade de medula óssea.

A Princesa Anne estava lindíssima, tão bela, com o cabelo loiro suave penteado para trás num estilo régio e o vestido azul-gelo a cair-lhe perfeitamente na figura pequena. Não consegui deixar de pensar como parecia pequena e frágil e, no entanto, tão forte e determinada quando luta por algo em que acredita. Aqui está alguém, pensei, que é realmente uma mulher de realizações. Aqui está uma princesa viva e verdadeira que não se limita a ficar sentada no luxo. É uma trabalhadora como o resto de nós e, o que é mais importante, preocupa-se com o que acontece à raça humana. Se alguém merecia estar naquele almoço, era Sua Alteza Real a Princesa Anne.

O John e eu estávamos na fila com toda a gente, à espera de ser apresentados à Princesa Anne, a excitação a aumentar à medida que o grande momento se aproximava. Mas, à medida que a tensão crescia, também aumentava a temperatura do local e não havia uma chávena de chá à vista. Via que o John também estava a ficar um pouco verde à volta das guelras, por isso disse: «Olha, querido, temos de encontrar um sítio mais fresco e beber um copo de água ou qualquer coisa, senão vamos os dois desmaiar.» Ele concordou, por isso partimos os dois à procura de uma casa de banho e, como o hotel era do tamanho que era, isso levou algum tempo. Mas aquele primeiro gole de água foi mais refrescante do que um magnum de champanhe gelado. Lembro-me de olhar para os espelhos dourados na parede daquela casa de banho e de pensar nas delícias de beber água quando era criança lá em casa em Grantham. A mãe guardava um balde dela numa laje de pedra na despensa durante o tempo quente. Mergulhar naquela água límpida e gelada quando se estava todo suado e agitado era um dos grandes luxos da vida.

Sorri para mim mesma e pensei: «Alguma vez imaginaste, Doris, que um dia estarias a beber água em sítios tão esplêndidos?»

Mas nunca cheguei a conhecer Sua Alteza Real. Quando o John e eu conseguimos voltar, as apresentações já tinham terminado e toda a gente estava sentada para a refeição!

Pode ter escapado à Princesa Anne, mas houve compensações. Sentada à nossa mesa estava alguém que, desde esse dia, se tornou um grande amigo. É uma pessoa maravilhosamente genuína, com um grande sentido de humor e uma personalidade calorosa, embora na maior parte do

tempo esteja disfarçado e ninguém o reconheça. É o Danny La Rue. E, desde o momento em que nos conhecemos, demos-nos como fogo em palha.

Cumprimentou-me como se fôssemos amigos de longa data e deu-me um grande abraço. Não posso fingir que não fiquei lisonjeada por ele saber o meu nome e, por um segundo ou dois, fiquei um pouco sem palavras, mas a maneira descontraída do Danny e o facto de ele estar obviamente interessado em ouvir o que eu tinha para dizer depressa me puseram à vontade. E descobri que tinha muito para dizer depois de o Danny me contar que tinha dado todas as coisas da mãe dele desde que ela morreu.

Quase sem pensar no que estava a dizer, respondi: «Não, não deste. Nem tudo. Há um camafeu. Está dentro de um envelope ou de um saco qualquer e está guardado numa gaveta.»

O Danny olhou para mim surpreendido. Depois disse: «Meu Deus! Tens razão, Doris. Guardei-o porque foi a última coisa que lhe comprei e nunca me desfaria dele.»

Mais tarde, o manager do Danny contou-me que ele o guardava numa gaveta do escritório. E o Danny admitiu: «Pus num saco da Marks & Spencer, Doris, para ficar em segurança!»

Da vez seguinte que o Danny e eu nos encontrámos foi em Birmingham. Eu estava no Odeon durante duas noites e ele ia estrear uma temporada pré-Londres do musical Hello Dolly. O John e eu tínhamos acabado de nos instalar no quarto do hotel quando o telefone tocou e uma voz disse: «Olá, Doris. É o Danny. Bem-vinda a Birmingham e que tal uma chávena de chá?»

Ele tinha-se lembrado de que eu não gostava de champanhe. Duas horas depois, já tínhamos tirado as chávenas e estávamos sentados a conversar. Quase imediatamente, juntou-se a nós a mãe do Danny. E trouxe também o pai dele, Patrick, para completar. Disse-me que se chamava Mary Anne, o que o Danny confirmou, e depois disse que o nome completo do filho era Daniel Patrick Carroll — o que o Danny confirmou novamente.

Mas depois a voz da Mary Anne ganhou um tom ansioso e, depois de ouvir o que ela disse, perguntei ao Danny: «Como te dás com o resto do elenco? Confias em toda a gente?»

Ele pareceu surpreendido com a pergunta, mas respondeu sem hesitar: «São uma malta maravilhosa, Doris, e confiava neles a minha vida. Somos todos uma grande família feliz.»

Disse: «Bem, tenho de te dizer que a tua mãe está preocupada com qualquer coisa. Tenho a impressão de que ela acha que alguém aí tem inveja de ti e vai tentar fazer algo que prejudique o espetáculo, por isso tem cuidado, por favor.»

A informação não pareceu preocupar muito o Danny e certamente não lhe estragou o chá. Continuámos a conversar pelo menos mais uma hora até ser altura de ele se preparar para o seu próprio espetáculo. «Vejo-te em breve», disse ele enquanto saía a correr porta fora. E viu-me mesmo em breve. Aliás, foi muito mais cedo do que eu esperava.

Três horas depois, depois de o espetáculo dele ter terminado, o Danny correu para o Odeon para fazer uma aparição surpresa ao meu lado no palco.

O público adorou. E, claro, insistiram que ele cantasse para eles. Por isso, a Noite com Doris Stokes terminou com o Danny e eu a cantar juntos On Mother Kelly's Doorstep e toda a gente a acompanhar. Foi uma maneira adorável de acabar uma demonstração e mostrou também que grande artista o Danny é realmente. Senti-me tão orgulhosa por uma estrela tão grande como ele ter tirado tempo para vir juntar-se a mim e aos meus amigos.

Infelizmente, porém, a Mary Anne tinha razão quanto àquele pequeno problema, embora não tivesse nada a ver com o elenco do espetáculo dele, porque poucos dias depois alguém roubou a partitura do Hello Dolly. Foi preciso muito tempo e trabalho extra para a substituir, mas, apesar do contratempo, o espetáculo abriu a tempo — e o Danny convidou o John e a mim para irmos ao West End vê-lo.

Na verdade, aquele encontro com o Danny levou a que acontecessem mais duas coisas giras. Conheci o Bert Weedon, que escreveu música linda para um LP que gravei, e recebemos uma visita do meu velho amigo Dick Emery, que já estava no mundo espiritual.

O encontro com o Bert aconteceu quando os promotores que organizavam a minha tournée decidiram que devia haver um registo permanente dela sob a forma de um LP. Um lado do disco seria gravado a partir de algumas das demonstrações e no outro eu falaria com a minha amiga Nancy sobre espiritismo. Parecia uma boa ideia, mas senti que precisava de mais qualquer coisinha. Não tinha a certeza do quê, porque nunca tinha estado envolvida na gravação de discos nem nada do género.

Só sabia que faltava alguma coisa. Ainda estava a matutar nisso na noite em que o John e eu fomos ver o Hello Dolly.

Na altura, eu não sabia, mas o Bert Weedon também é espiritualista. E amigo do Danny La Rue. O Danny tinha-lhe telefonado mais cedo nesse dia e dissera: «Disseste que gostarias de conhecer a Doris, então porque não vens ao teatro esta noite?» E lá estava ele quando entrei no camarim do Danny depois do espetáculo. O Bert toca o tipo de música de que eu gosto e sempre fui admiradora dele, mas nunca pensei que um dia nos conheceríamos realmente. Fiquei nas nuvens. Para um homem com tanto talento, era notavelmente modesto. Aliás, foi porque era tão natural e compreensivo que ganhei coragem para falar com ele sobre o disco. «Doris», disse-me ele, «gostaria de ajudar. O que precisas é de música e eu ficaria feliz em escrever e arranjar para ti.»

E foi assim que, quase quarenta anos depois de o mundo espiritual mo ter dado, o poema sobre o John Michael foi musicado. A música que o Bert escreveu para ele era tão haunting como as próprias palavras. Sei que inúmeras pessoas partilharam o conforto que o poema traz e espero que agora ainda mais pessoas tirem prazer da música que o acompanha. Nunca me canso de recitar o poema do John Michael. Já repeti as palavras um milhão de vezes e ainda me fazem vir um nó à garganta. Se é a primeira vez que o lês, espero que te traga tanto prazer como me trouxe a mim.

Baby castle just beyond my eye My baby plays with angel toys that Money cannot buy. Who am I to wish him back Into this world of strife? No, play on my baby, You have eternal life. At night when all is silent And sleep forsakes my eyes I'll hear his tiny footsteps come running to my side. His little hands caress me so tenderly and sweet I'll breathe a sigh and close my eyes and embrace him in my sleep. Now I have a treasure that I rate above all other, I have known true glory — I am still his mother.

Na altura, eu não sabia, mas o Bert já tinha lido o poema antes de nos conhecermos e já nessa altura queria pôr as palavras em música. Quando ele veio ao nosso apartamento, com a guitarra debaixo do braço e o arranjo no bolso, eu não sabia o que esperar. Mas assim que tocou a primeira nota, vieram-me lágrimas aos olhos. A música era inspirada. Disso não havia dúvida na minha cabeça. E quando o Bert acabou, eu chorava que nem uma Madalena.

Quando a última nota se esvaiu, uma voz no meu ouvido disse: «Foi bonito, não foi, rapariga? Vais ficar bem com o Bert, ele é um bom rapaz,

sabes.» Reconheci imediatamente a voz. Tínhamos sido amigos antes de ele passar para o outro lado. Aliás, ele tinha-me visitado numa das minhas muitas estadias no hospital.

Pensei: «O que raio está ele aqui a fazer?» E em voz alta disse: «Diz-me, Bert, por acaso conheceste o Dick Emery?»

«Sim, Doris, conheci. Porque perguntas?»

«Bem», disse eu. «Ele acabou de dar o selo de aprovação a essa música. Gosta tanto dela como eu!»

Achei bonito da parte do Dick aparecer para dar o seu conselho, e lembrou-me os tempos em que ele era vivo e pedia o meu conselho — embora muito raramente o seguisse. Acho que só estava à procura de um ombro para chorar. Era um personagem muito triste no fundo e, sempre que via o Dick a fazer palhaçadas na televisão, pensava: «Porque é que alguém que consegue trazer tanta felicidade aos outros não consegue encontrar a felicidade verdadeira para si próprio?»

É um facto, no entanto, que muitas vezes onde há muito talento também há muito auto-tormento. O Tommy Cooper era outro homem que era altamente inteligente e se punha num estado terrível só para fazer os outros felizes. Na noite em que morreu, o John e eu estávamos a ver o espetáculo dele na televisão. Vi-o desabar e quase imediatamente vi o corpo espiritual dele erguer-se e pairar a alguns pés acima do palco. Disse ao John: «Meu Deus, querido, ele está a passar para o outro lado.» E, claro, foi o que aconteceu.

Uma semana depois desse incidente, aconteceu uma coisa estranha quando o John e eu estávamos no Holiday Inn, em Leicester. Tínhamos sido instalados numa suite magnífica. Mas, apesar do ambiente luxuoso, não dormi particularmente bem porque uma das portas não parava de abrir e fechar. Depois ouvi a voz do Tommy Cooper. Estava a dar aquela risada familiar dele e a dizer: «Boa cama essa, Doris, ha ha. Dormi aí, sabes. Ha ha! Eu consigo abrir a porta, sabes. Assim mesmo.» E a porta abriu-se sozinha outra vez. Levantei-me para a fechar mais uma vez e decidi fazer uma chávena de chá.

A chaleira estava numa espécie de balcão de pequeno-almoço na sala da suite. Ao lado, reparei que havia um livro de visitas. Distraidamente, abri-o e comecei a ler os nomes. Havia estrelas pop, futebolistas e muitos nomes que não me diziam nada. Depois, numa página inteira, estava rabiscado um nome que me fez dar um salto no estômago. Era o do Tommy

Cooper! A chaleira ferveu e fiz a minha chávena de chá. Depois, antes de voltar para a cama, tirei a minha caneta da mala. No livro de visitas escrevi: «Este é para ti, queridíssimo Tommy. Deus te abençoe e abençoe todas as pessoas que cuidam de ti.»

Pode ter sido imaginação minha, mas quando puxei o lençol para cima de mim, podia jurar que ouvi um último risinho. E depois adormeci profundamente.

Outra partida que me entristeceu terrivelmente enquanto estava em tournée foi a da Diana Dors. Fiquei triste porque ela tinha sido uma inspiração para tantas pessoas com a sua luta corajosa contra o cancro. Tal como eu, tinha-o vencido mais do que uma vez e não tinha medo de falar sobre isso. Estávamos em Stoke-on-Trent quando o John e eu soubemos que ela tinha voltado para o hospital e um dos meus maiores arrependimentos é não ter conseguido vê-la antes de ela passar para o outro lado.

A Diana e a Pat Seed, outra mulher maravilhosa que lutou durante anos contra o cancro, angariando um milhão de libras para um scanner no processo, tinham-se tornado grandes amigas minhas. Telefonávamo-nos umas às outras para oferecer consolo mútuo quando estávamos em baixo. Noutras ocasiões, ligávamos simplesmente para dar uma boa gargalhada. Receio que podíamos ser um pouco desrespeitosas por vezes e até um bocadinho grosseiras. Tínhamos um pequeno clube a que chamávamos o clube do «Dane-se». Era isso que pensávamos do cancro e todas concordávamos que a única maneira de o vencer era rir-nos da doença.

Antes do meu último probleminha no hospital, liguei à Di para ter um pouco de apoio moral. Ela animou-me imenso e entrei na enfermaria com o slogan do nosso clube a ressoar-me nos ouvidos. Mas, olhando para trás, fico um pouco zangada comigo mesma por ter sido tão egocêntrica. Acontece que eu só tinha um nervo preso que os médicos curaram. Mesmo quando falei com a Di, a lamentar-me como uma velha, ela sabia que também tinha de voltar ao hospital com uma recaída do cancro. Tinha adiado porque queria acabar um filme que estava a fazer. Mas nunca mo disse. Aquele coração de ouro não lhe permitia sobrecarregar-me com os problemas dela.

Em vez disso, deixou-me resmungar enquanto oferecia um ouvido compreensivo, sem uma única pista do tormento que devia estar a sofrer. Era uma pessoa totalmente altruísta e lutadora até ao fim e sei que o marido

da Di, Alan Lake, ficou devastado quando ela passou para o outro lado. Amavam-se tanto e eram perfeitos um para o outro.

Na manhã do funeral da Di, acordei por volta das seis horas com uma voz a sussurrar-me ao ouvido. Dizia: «Sabes, Doris, de certa forma fico contente por me terem arranjado toda, mas por favor diz àquele meu marido que não sou eu que estou no caixão. Aquilo é só uma casca velha. Diz-lhe que ainda estou perto dele, a apenas um sussurro de distância, e que ainda o amo muito. Diz-lhe também que a Minnie me veio receber quando cheguei aqui.» Transmiti devidamente a informação e descobri que a Minnie era a mãe do Alan Lake. Mais tarde nesse dia, o Alan colocou uma coroa no caixão da Di com a inscrição: «Amo-te. Estás apenas a um sussurro de distância.»

CAPÍTULO VINTE

O elevador subia como um foguetão e eu sentia que tinha deixado o estômago no chão, 600 pés mais abaixo. Mas agradecia os pequenos favores. Pelo menos estava sentada, empoleirada num pequeno banco ao canto. Olhei para cima para o John e para a minha amiga Nancy. O John balançava de um lado para o outro e olhava fixamente em frente. Os olhos da Nancy estavam bem fechados e rangia os dentes. Era aterrorizador e o pior ainda estava para vir.

Íamos a caminho do topo da Telecom Tower de Londres, onde eu ia realizar uma experiência psíquica com leitores de um jornal nacional. Quando me pediram ajuda pela primeira vez, aceitei logo com entusiasmo. Sou uma firme crente de que é possível transmitir mensagens por pensamento. Afinal, é assim que o mundo espiritual contacta a maior parte de nós. Mas quando os representantes do jornal me disseram exatamente onde queriam que eu fizesse esta experiência, comecei a ter algumas ideias minhas sobre o assunto. Por outro lado, já tinha aceite, por isso não havia nada a fazer senão avançar, levando o John e a Nancy comigo para apoio moral.

E aqui estávamos nós a subir a uma velocidade tal que parecia que íamos para a lua. E, pela enésima vez nos últimos doze meses, pensei: «Stokes, o que estás para aqui a fazer? Só podes estar louca!» O elevador parecia demorar uma eternidade a subir até ao topo da torre de 620 pés de altura, mas não podia ter sido mais do que um minuto e, quando finalmente

parou, saíram três personagens muito trémulas. Eu não gosto de alturas nem nas melhores circunstâncias e o elevador tinha-nos levado ao andar que antigamente era o restaurante. Está fechado há alguns anos, desde a explosão da bomba do IRA, mas ainda há uma vista panorâmica magnífica de Londres. Magnífica, isto é, se gostarem de alturas, e nenhum de nós gostava.

Na verdade, ficámos o mais perto possível do centro daquele quarto circular. Quase se ouviam os nossos joelhos a bater uns nos outros. Depois, o fotógrafo do jornal que tinha subido connosco disse: «Vamos lá, Doris. Quero uma fotografia tua encostada à janela a olhar para Londres!» Fiquei sem palavras de medo. Não conseguia mexer-me! Por fim, consegui balbuciar: «Estás a brincar, claro, não estás? Não estás?» Mas pelo olhar na cara dele via que não estava. De alguma forma, consegui arrastar-me até à janela aberta. Ainda hoje não sei como o fiz. Fiquei ali à espera. Houve uma pausa e o fotógrafo disse: «Tens de abrir os olhos, querida. Não posso tirar uma fotografia tua com esse aspeto!»

Pareceram os piores dois minutos da minha vida, mas de alguma forma consegui satisfazer o homem da máquina e depois prosseguimos com a experiência.

Deram-me três cartões grandes e em cada um deles havia um diagrama. O primeiro mostrava o sol, o segundo era uma silhueta de uma casa e o terceiro era um sinal de água com três linhas onduladas. Exatamente ao meio-dia, tinha de concentrar-me intensamente no primeiro símbolo e passar as mãos por cima dele, e depois fazer o mesmo com os outros símbolos em intervalos de dois minutos. Tinham pedido aos leitores do jornal que sintonizassem exatamente à mesma hora e anotassem o que achavam que os símbolos pareciam. Seis minutos depois, disse ao fotógrafo: «Funcionou. Sinto-o. A experiência foi um sucesso.» E sentia mesmo. Enquanto me concentrava naqueles símbolos, havia uma vibração tremenda que quase se podia estender a mão e tocar. Aliás, a atmosfera era tão boa que me esqueci completamente do meu medo das alturas. Mesmo assim, não voltei a aproximar-me da janela.

Uma semana depois, os resultados foram divulgados: o jornal disse aos seus quatro milhões de leitores que tinha sido um sucesso que desafiava a mente! De uma resposta enorme, quase um terço das pessoas que participaram acertou pelo menos num dos desenhos. Ainda mais

impressionante foi o número de pessoas que acertou nos três. E algumas pessoas conseguiram descrever por palavras exatamente o que viram.

O jornal chamou uma das principais estatísticas do Reino Unido, esses especialistas em factos e números. E ela disse: «Do ponto de vista estatístico, os resultados são espantosos.» Na verdade, eu não os considerei espantosos de todo, porque sei que a maior parte de nós tem algum poder psíquico e participei nesta experiência para o provar.

O que eu acho espantoso é que outras pessoas, como a estatística, que tem muito mais cérebro do que eu alguma vez terei, achem algo tão normal e natural como o poder psíquico algo sobrenatural. Tudo o que é preciso para o trazer à tona é fé e muito amor.

Mais uma vez, os meus pés afundavam-se num tapete que me chegava aos tornozelos. E, mais uma vez, sentia-me decididamente desconfortável. Mas desta vez não estava num hotel chique. Estava num camarim e prestes a subir ao palco diante de um dos maiores públicos da tournée. Estava no Dominion Theatre, na Tottenham Court Road, em Londres. Sentia que o coração me ia rebentar de orgulho: o meu nome em luzes num teatro do West End. E tinham-me dado o camarim principal. O que estaria o meu pai a pensar ao ver-me agora? Ele fora um verdadeiro psíquico, mas tenho a certeza de que nem ele alguma vez imaginara algo assim. E há seis anos eu também não.

Sentei-me numa enorme poltrona e pensei: «Ainda bem que não conseguimos ver o futuro.» Tenho a certeza de que, se conseguíssemos, metade de nós, incluindo eu, teríamos vontade de desistir imediatamente! Mas será que alguns de nós têm premonições inconscientes do futuro? Estava a matutar nisso por causa de uma sessão que tinha feito uma semana antes.

Recebera um telefonema de um cavalheiro profissional que vive no norte de Inglaterra. A esposa morrera de forma trágica e ele queria visitar-me com as duas filhas. Uma delas tinha dúvidas sobre médiuns e a vida depois da morte e, na autoestrada a caminho de Londres, disse ao pai: «Há uma coisa muito pessoal que só a Mummy e eu sabíamos sobre o Daddy. Se essa senhora mencionar isso, então saberei que a Mummy falou mesmo connosco.»

Prometi não revelar o nome dessa família, mas posso dizer-vos que, durante uma sessão de duas horas, a mãe delas veio mesmo através de mim. E forneceu a prova que a filha procurava. Antes de partirem, a família deu-

me uma cópia do serviço fúnebre que continha um poema que a mãe escrevera dois anos antes da sua morte trágica.

Enquanto estava sentada naquele camarim, à espera de entrar no Dominion, li o poema outra vez.

À Minha Família O tempo é o grande curador Tudo o que passou, passou Há muitas coisas na vida Que temos de experimentar para que Possamos avançar em espírito. É preciso tempo para saber isto, O Amanhecer tem de chegar, Luz para iluminar, erguendo-se como um Pássaro da escuridão, para encher os olhos, os sentidos, os sentimentos Com um entendimento brilhante e cintilante. O Amanhecer pode durar mil anos. Mas já está a encher o Universo. Todos deveriam procurar o Amanhecer, e assim nascer de novo.

Esta senhora certamente sabia, no fundo, que havia uma vida algures muito melhor do que a que temos aqui na terra. Também sentia que era uma pessoa calorosa que se preocupava com os outros e, cada vez que lia aquele poema, trazia-me conforto, como estava a fazer naquele momento.

De repente, um altifalante escondido naquele camarim chique ganhou vida e eu dei um salto de cerca de um pé. Estava a milhas de distância, mas reconheci imediatamente a voz. Era Tony Ortzen, o editor do Psychic News e o presidente da noite.

Ele já estava no palco e ouvi-o dizer ao público: «Conheço a Doris há cerca de dez ou doze anos e gostaria de lhe fazer o que à primeira vista pode parecer um elogio estranho. A melhor maneira de o fazer é dar-vos um exemplo do dia a dia. Se tu ou eu estivéssemos numa caixa de supermercado e a víssemos, pensaríamos que era a mãe de alguém a fazer as compras. Isso porque a Doris é uma pessoa muito normal com um dom extraordinário.»

Estava a fazer-me corar. Fico mesmo embaraçada quando as pessoas dizem coisas assim, especialmente quando depois tenho de subir ao palco. Olhei novamente para o poema e pensei: «Muitas pessoas têm dons extraordinários se soubessem como usá-los. A senhora que escreveu isto certamente tinha um dom maravilhoso e estava a usá-lo, talvez sem se aperceber completamente do que estava a fazer.»

Pela enésima vez nos últimos doze meses, os meus joelhos começaram a bater e a boca ficou seca. Mesmo depois de todos os locais que visitáramos na tournée, ainda tinha medo do palco. Ainda me perguntava se o mundo espiritual faria contacto ou se me deixaria ficar mal.

Claro que nunca deixou, mas isso nunca me impede de me preocupar. Naquela noite, o tremor nos meus ossos era pior do que nunca. Era um dos maiores teatros em que alguma vez estivera.

Inspirei fundo e levantei-me da cadeira, voltando a guardar o poema na mala. Enquanto descia para as bambolinas, pensei nos milhares de novos amigos que o John e eu tínhamos feito na tournée. Agradeci a Deus por me ter dado força para completar tantas milhas e por me permitir ajudar tantas pessoas.

Houvera momentos em que não achava que a minha saúde ia aguentar tudo. Lembrei-me do que o meu guia Ramonov me dissera na única vez em que lhe perguntei quando chegaria a minha hora de passar para o outro lado. Ele dissera que ainda havia muito para fazer e tinha razão. Ainda há muito para fazer. E que Deus queira que a minha força aguente mais algum tempo para eu continuar a fazê-lo.

Agora estava ao lado das cortinas e inspirei fundo outra vez antes de entrar no palco.

A princípio não conseguia ver nada; as luzes cegavam-me! Mas senti o calor dos aplausos à medida que onda após onda subia até nós. Era uma sensação de amor.

«Quantos de vós nunca estiveram numa demonstração antes?» perguntei. A maior parte das mãos na plateia levantou-se.

«Bem, não esperem vozes fantasmagóricas nem espíritos a atravessar paredes. Não há nada disso. Aliás, não há nada de que ter medo. É só a Doris.»

CAPÍTULO VINTE E UM

Parece que foi ontem que me apaixonei perdidamente pelo sargento John Fisher Stokes. Na verdade, tropecei é a palavra mais adequada, porque foi exatamente o que aconteceu. Tropecei nos pés dele num pub. Casámo-nos em menos de uma semana. Ainda me lembro de o esperar naquela montra ao lado do Registo Civil de Grantham numa manhã fria de janeiro, durante os dias sombrios da última guerra.

Podíamos ter o nosso amor para nos aquecer, mas, como tantos casais jovens, estávamos ambos nas Forças Armadas e aterrorizados com a ideia de nos perdermos um ao outro, vivendo cada dia que passávamos juntos como se fosse o último e agradecendo a Deus todas as manhãs por mais um

dia de trégua. E claro, quando o meu marido paraquedista foi dado como desaparecido em Arnhem, pensei mesmo que o nosso casamento tinha acabado. Perdi toda a esperança de voltar a vê-lo.

Durante aqueles dias tristes e sombrios, nunca nos meus sonhos mais loucos poderia ter imaginado que, quarenta anos depois, estaríamos sentados no nosso próprio apartamento a planear como passaríamos o dia das nossas bodas de rubi. Nunca tínhamos tido uma verdadeira receção de casamento; nos dias de racionamento, eram raras, contentámo-nos com uma chávena de chá e qualquer coisa para comer em casa do casal que nos serviu de testemunhas. Era tudo o que podíamos pagar ou mesmo esperar. Estávamos loucamente apaixonados e uma grande festa com muitos convidados era mesmo a última coisa que queríamos. Tínhamo-nos um ao outro e isso chegava.

Ao longo dos anos, porém, o John e eu fizemos amigos em todos os quadrantes da vida, em todas as partes do país, aliás, por todo o mundo e, se tenho algum arrependimento ao olhar para trás sobre o nosso tempo juntos, é só o facto de ter sido impossível manter contacto regular com toda a gente. Fizemos o nosso melhor e os nossos amigos também, mesmo que tenha sido só um bilhete rabiscado à pressa uma vez por ano no verso de um postal de Natal. Os meus pensamentos tinham-se voltado para os amigos ausentes no dia das nossas bodas de rubi. O Terry prometera levar-nos a jantar fora e eu estava ansiosa por isso. Não queríamos nada sofisticado e o Terry insistira que ele trataria de tudo e, embora a contragosto, concordei, apesar de estar a pensar como seria bom contactar um ou dois velhos amigos e convidá-los para celebrar connosco. Mas o Terry foi inflexível: era o presente dele e tínhamos de deixar todos os arranjos nas mãos dele. Tentou dar a impressão de que não haveria nada de realmente especial, embora eu não tenha sido mãe dele durante mais de trinta anos para nada — e suspeitava que alguma coisa se tramava.

Semanas antes do nosso aniversário, o Terry andava a fazer telefonemas furtivos e a desaparecer durante horas. Se o apanhava ao telefone, a conversa parava de repente ou ele começava a falar do tempo. Chegou ao ponto de eu estar tão curiosa para saber o que se passava que quase chamei o Ramonov! Por fim, convenci-me de que o Terry estava a mandar fazer um bolo para nós com quarenta velas e que seria trazido cerimoniosamente durante o jantar.

O John chegou à mesma conclusão e nenhum de nós pensou mais no assunto, o que provavelmente foi o melhor, porque não acho que, por mais que esticássemos a imaginação, poderíamos ter esperado ou imaginado o que o nosso filho Terry nos preparara.

Havia realmente um bolo com quarenta velas, mas o cenário era numa das suites mais luxuosas de um hotel no West End de Londres. E não eram apenas um ou dois velhos amigos, mas mais de cem que tinham viajado desde Land's End e John O' Groats para estar connosco. Toda a noite foi como qualquer coisa saída do This is Your Life e o John e eu ficámos com a garganta apertada de emoção por ter todos os nossos amigos debaixo do mesmo teto. Fez-nos sentir muito humildes e é uma noite que nunca esquecerei. O Terry obrigou-nos a ficar de pé como recém-casados à entrada da suite para cumprimentar toda a gente à chegada. Até arranjara um mestre de cerimónias com casaco escarlate e luvas brancas e um pequeno martelo para os anunciar com uma voz trovejante à medida que entravam. A cada nova chegada, a minha mandíbula caía um pouco mais de pura surpresa. Talvez a maior de todas tenha sido quando vi o Stan Webb, agora com mais de oitenta anos e o meu primeiro patrão quando era ama.

O bebé de quem eu tomava conta, a Sandra, já é adulta e também lá estava com os filhos dela. Havia uma cara que me parecia vagamente familiar e eu sabia que a nossa ligação remontava ainda mais longe, mas só quando ele disse: «Sou aquele que tinha o amendoim na garganta, Pol», é que percebi quem estava a cumprimentar. Há mais de cinquenta anos, uma das primeiras vozes que ouvi no meu ouvido lhe salvara a vida.

Na altura, o Derek Hodson era um bebé no carrinho. Tinha tido um ataque de tosse e a mãe, angustiada, começara a entrar em pânico. Quando o Derek ficou escarlate, uma voz chegou-me ao ouvido e eu disse-lhe: «Ele tem um amendoim preso na garganta.» Agora, aqui estava ele outra vez, mais de meio século depois e, incrivelmente, também espiritualista. Aliás, quando dei uma demonstração em Nottingham, foi o Derek quem presidiu por mim. Aquela festa das bodas de rubi e a receção naquele hotel fantástico com todos os candelabros brilhantes era um mundo afastado dos nossos dias de infância em Grantham e, no entanto, quando abracei o Derek, os anos voltaram para trás e pareceu que tinha sido ontem.

Surpresa atrás de surpresa. A adorável atriz Jean St Clair, que superou a sua deficiência de surdez para protagonizar no West End a peça Children of a Lesser God, é outra velha amiga que o Terry convidou. Havia

autocarros inteiros de pessoas que não víamos há anos e tenho de admitir que engoli mais do que algumas lágrimas à medida que chegavam. Pensar que tinham tido todo esse trabalho só por mim e pelo John. Foi a noite mais incrível das nossas vidas e ainda agora não sei como o Terry conseguiu tudo aquilo. Deve ter estado a planear pelo menos um ano antes. Tratou de tudo, incluindo uma banda, e a refeição foi um banquete digno de um rei. Ainda guardo o menu que foi especialmente impresso para nós. Havia cocktail de camarão ou melão com presunto de Parma, seguido de lombinho de cordeiro assado e uma grande seleção de legumes frescos e depois trifle de xerez. E claro que houve aquela receção com xerez antes de todos nos sentarmos.

A noite terminou mesmo com uma surpresa quando o Danny La Rue e o manager dele, Jack, apareceram para nos dar um abraço de parabéns.

Mais tarde, quando me meti na cama com a música da «Anniversary Waltz» ainda a rodopiar-me na cabeça, pensei nos nossos quarenta anos juntos. Tivemos altos e baixos, mas a vida seria monótona se fosse tudo um mar de rosas, e mantivemo-nos unidos na saúde e na doença. Nunca fizemos fortuna, mas o John e eu tínhamos algo que o dinheiro nunca pode comprar. Tivemos uma vida plena, rica e cheia de amor juntos e, pelo caminho, fizemos alguns dos melhores amigos do mundo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Nunca sonhei, quando subi pela primeira vez àquele palco no Dominion, que voltaria tão depressa. E no entanto, aqui estava eu outra vez. Só que desta vez havia uma pequena diferença. O Bert Weedon também ia atuar, tal como o Brendan Blake, um irlandês com uma voz lindíssima. No camarim comigo estava Lady Lindsay, uma velha amiga que provavelmente é mais lembrada como Michaela Denis, que costumava protagonizar aqueles filmes de animais selvagens na televisão com o falecido marido, Armand. E na minha mão estava um cheque de £6 215 angariado por todas aquelas pessoas maravilhosas na plateia para o Save the Children Fund.

Foi depois da primeira noite no Dominion que tivemos a ideia de organizar uma noite especial de caridade para o Fundo, mas nunca nos meus sonhos mais loucos pensei que seria tão bem-sucedida. O Bert Weedon, que a essa altura já se tornara um grande amigo, teve todo o gosto

em oferecer os seus serviços gratuitamente e decidimos que todo o dinheiro angariado iria para o fundo organizado pela Woman's Own.

Parecia que toda a gente queria ajudar de alguma forma — até o mundo espiritual — e, na noite da própria demonstração, todos os bilhetes da casa tinham sido vendidos.

Dez dias antes, estava sentada na cozinha a conversar com o John e a nossa amiga Nancy e disse-lhes: «Não seria absolutamente maravilhoso se o primeiro espírito a vir fosse uma criança?»

Naquele momento, ouviu-se uma vozinha travessa com sotaque: «A minha Mummy e o meu Daddy vão estar lá.» Era um menino pequeno. Percebi isso, mas certamente não estava preparada para o comentário seguinte dele.

«Posso ficar com as flores?» Por um instante, fiquei perplexa. Depois, de repente, percebi do que ele estava a falar. Em todas as demonstrações, gosto de oferecer as flores que estão no palco e, na maior parte das vezes, vão para os pais de uma criança espiritual que veio durante a noite. Muitas vezes, as crianças espirituais pedem-me que dê as flores à mummy ou ao daddy, mas nunca antes uma tinha feito o pedido com dez dias de antecedência. Tive de rir com a determinação deste jovem. Estava a garantir que chegava primeiro.

«Claro que podes ficar com as flores, querido», disse eu. «Mas nem sequer sei o teu nome.»

«É Garry. Garry O'Connell e eu morava perto de Glasgow.» E depois desapareceu.

O John e a Nancy viram que eu estava a rir sozinha. Claro que não tinham ouvido a conversa, mas perceberam que algo acontecera e a Nancy disse: «Vais partilhar a graça?»

«Não é bem uma graça», respondi. «Acabei de receber o que acho que é um contacto para a nossa noite de caridade. E pelo jeito que ele acabou de falar, aposto que será o primeiro a vir.» E foi, claro.

Mal tinha estado no palco alguns minutos quando aquela vozinha voltou a ouvir-se: «Não te esqueças das floo'ers!»

Agora conseguia vê-lo claramente. Tinha a chupeta na boca, o que tornava ainda mais difícil entender o Mestre Garry, e estava a segurar o lado da cabeça.

Perguntei-lhe com toda a suavidade: «Quais são os nomes dos teus pais, Garry?»

«Maurice e Jeanette. E depois há a Auntie Pat.»

Virei-me para o público e perguntei se havia alguém chamado O'Connell. Do fundo do auditório veio uma voz de homem: «Aqui, Doris!»

«O teu nome é Maurice?»

«Sim!»

«Pensei que não podíamos estar errados esta noite, querido. E a tua esposa, o nome dela é Jeanette?»

«Sim, também estou aqui, Doris!» Ela estava sentada ao lado do marido.

«Tenho o Garry aqui comigo, querida. Está a rir de orelha a orelha, mas insiste em manter a chupeta na boca.»

A Jeanette riu-se. «Ele adorava a chupeta dele.»

«Ainda adora», respondi.

O Garry interrompeu outra vez: «Não te esqueças da Auntie Pat, não te esqueças dela.»

E, de facto, a Auntie Pat também tinha vindo. Perguntei-lhe porque é que o Garry estava a segurar a cabeça quando apareceu pela primeira vez. Foi porque morreu de um tumor cerebral. Mas agora já se tinha esquecido de qualquer dor que pudesse ter tido. O Garry acenava os braços de forma tão frenética e enérgica como qualquer criança de três anos no plano terreno. Dançava de alegria por ter conseguido contactar a família pela primeira vez desde que passara para o outro lado. E estava especialmente orgulhoso por ser o primeiro da fila para as floo'ers que eu entreguei aos pais dele com o amor do Garry.

Tinha a sensação de que uma ou duas crianças viriam nesta noite especial e tinha razão. Como resultado, oferecemos vários ramos de «floo'ers»!

No total, foi uma noite memorável e um final maravilhoso para a tournée. Foi também um dos momentos de maior orgulho da minha vida quando pude entregar ao Professor Hobbs do Westminster Children's Hospital, em Londres, aquele cheque.

A todos os que contribuíram, gostaria de dizer: Deus vos abençoe. Mas tenho de admitir que estava um pouco apreensiva. O Professor Hobbs viera acompanhado por Iris Burton, a editora da Woman's Own, que estava a organizar uma campanha em nome do Save the Children Fund para angariar dinheiro para uma nova unidade de medula óssea no hospital. Embora o nosso cheque fosse para comprar esta unidade, eu não tinha a

certeza de como o Professor via os acontecimentos da noite — especialmente porque o Bert Weedon quase derrubara o teatro com «Ghost Riders in the Sky». Mas não precisava de me preocupar. Ele subiu ao palco, deu-me um abraço e disse: «Doris, é uma revelação. Diverti-me imenso.» E, fico feliz em dizer, toda a gente se divertiu.

Aquela noite foi uma das mais memoráveis dos doze meses porque combinou duas coisas que mais amo: fazer o meu trabalho como médium e ajudar crianças, mesmo que de forma pequena. Ao longo da minha vida, as crianças estiveram na raiz dos meus maiores momentos de alegria e de dor. Também têm sido uma fonte de inspiração e compreensão.

Antes de perder o John Michael, podia encontrar alguém na rua que me dissesse, choroso, que acabara de perder um ente querido e eu dizia: «Oh, lamento imenso.» E naquele momento era mesmo verdade. Mas podia virar a esquina seguinte, ver um vestido numa montra e dizer para mim mesma: «Que giro, será que têm no meu tamanho?» Teria esquecido completamente o sofrimento que vira minutos antes. Talvez seja a reação de qualquer rapariga jovem normal e talvez seja o que vi e experienciei ao longo dos anos que me torna o que sou agora. Tudo o que sei é que, hoje em dia, posso estar sentada em casa a olhar para as fotografias dos meus filhos espirituais, como estou a fazer agora, e de repente penso nos pais de um deles.

Digo para mim mesma: «Como estarão eles a lidar com isso?» Será que o sol já começou a brilhar outra vez para eles? Acreditem, vai brilhar. Durante os meus pensamentos, digo uma pequena oração, não de joelhos ou com as mãos piedosamente juntas, mas simplesmente enviando pensamentos de amor aos pais e à criança. Para mim, isso é uma oração e os meus amigos espirituais dizem-me o quanto isso os eleva só por saberem que pensamos neles.

Olhar para fotografias antigas de entes queridos que passaram para o outro lado e recordá-los com amor é suficiente. Não é preciso fazer um grande espetáculo, o que sentimos no coração e no que acreditamos é que realmente conta. Sei que a minha mãe e o meu pai ainda caminham comigo. Não vou pôr flores nas campas deles. Nem sequer vos saberia dizer em que parcela estão sepultados. Despiram os velhos casacos no dia em que passaram para o outro lado e eu não vou fazer um santuário das campas deles. Eles não estão lá. Estão aqui comigo agora. Umas flores ao lado das fotografias deles no aniversário da passagem anima-os imenso.

Toda a gente deveria tentar não chorar durante demasiado tempo. Chorai à vontade, chorai o vosso coração uma e outra vez e tentai deixar que as lágrimas lavem a vossa dor. Faz tudo parte do processo de cura de Deus. Sei que, se perdesse o meu amado John, choraria baldes, mas também sei que ele lá em cima faria tudo para me ajudar a resolver as coisas e que voltaria para mim no meu fim, à minha espera para me levar e mostrar-me aquele mundo lindo do outro lado.

As minhas lágrimas seriam pela perda da presença física dele, que sentiria falta mais do que de qualquer outra coisa nesta terra. A solidão e a miséria de não poder estender a mão e tocar na dele de vez em quando enquanto vemos televisão à noite seria, a princípio, quase insuportável. Mas teria de passar por esse processo de luto tal como qualquer outra pessoa, para que o processo de cura possa começar.

Também sei, porém, que das profundezas do meu desespero, um dia acordaria e o sol estaria a brilhar outra vez. A cura estaria completa e eu continuaria com a tarefa de viver.

Cortar alguém da nossa vida é o mesmo que cortar algo do nosso corpo. Nunca mais o podemos ter de volta, nunca podemos apagar completamente a cicatriz e, de vez em quando, dói — mesmo anos depois. Mas lentamente a ferida cura e, embora nunca haja perfeição, com o tempo a cicatriz já não se nota tanto. Mas nunca esquecemos a experiência.

Tenho de admirar a querida velhinha de quem li recentemente que contratou uma banda de metais para o seu funeral. Quando o caixão saiu porta fora, tocaram «Wish Me Luck As You Wave Me Goodbye». Acho que ela deu uma boa gargalhada ao olhar para baixo para aquela cena e é assim que deve ser, porque não se enganem: todos nós podemos ver o nosso próprio funeral se quisermos. Eu não perderia o meu por todo o chá da China. Já decidi que músicas quero que toquem e, embora não seja o Bert Weedon com «Ghost Riders in the Sky», também não será a «Marcha Fúnebre».

Quando e como passamos para o outro lado está, claro, nas mãos de Deus e, embora o timing dele por vezes nos pareça cruel, há uma razão que com o tempo compreenderemos. Entretanto, a minha regra é viver cada dia como se fosse o último, para que, quando for chamada, possa honestamente dizer: «Querido Deus, obrigado por uma vida rica e plena. E obrigado pelo dom que me deste. Espero que aprove o que fiz com ele.»